

MELLO FREITAS

A GRANEL

Diabruras, bagatelas, provincianismos
e chinezarias

COM UM PROLOGO DO AUCTOR E UM EPILOGO
POR MAGALHÃES LIMA



AVEIRO

1890

A GRANTEL

Adorava o consoante e idolatrava
o calimburgo.

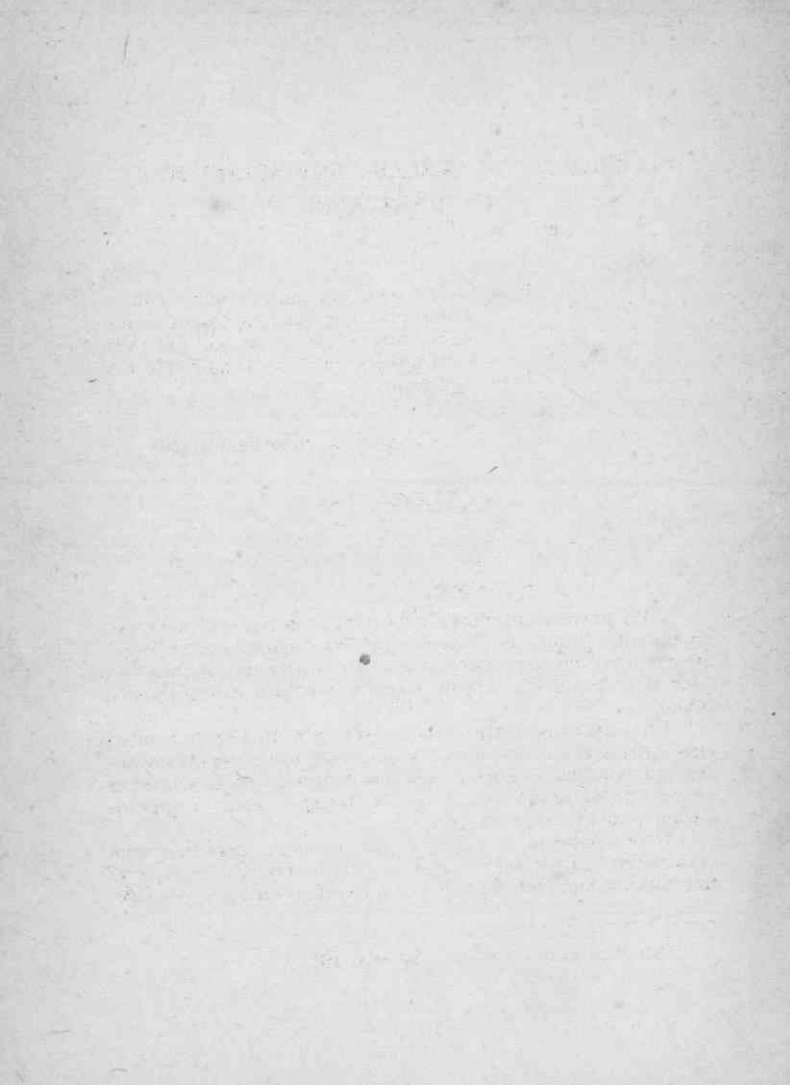
Arco de Sant'Anna, pag. 252.

GARRETT.



C'est assez parlé des choses se-
rieuses; il faut un peu parler des
gayes.

BRANTÔME—Vie des dames galantes.



DIABRURAS, BAGATELAS, PROVINCIANISMOS
E CHINEZERIAS

«Eu queria que o Diabo levasse
«sobre as suas azas negras este mal-
«dito rabiscador de notas, para dez
«mil milhões de toesas ao fundo dos
«infernos».

HOFFMANN. (2)



AS primeiras linhas d'esta silva de curiosidades e esty-
gmas, collectanea de ideias fugitivas e composições inge-
nuas, quero que sejam referentes ao mestre da escola, *Don*
Luiz de Gongora y Argote, patriarcha dos trocadilhos e
remoques.

Encyclica que dirijo *urbi et orbi*, atafalhada de zomba-
rias ephemerias, este epusculo entra no prelo depois do au-
ctor queimar duas velas de ceba em honra do poeta cordovez
«*aquebro das Musas e coryphaeus das Graças*» como o appelli-
daram panegyristas exaltados.

O *cultercanismo* e a linguagem *preciosa* invadiu como
escalracho a litteratura europeia ao tempo de Gongora, e se
lhe não acodem com decisaõ e um caustico energico—o *ridi-*

(2) O Violino mysterioso, pag. 10.

culo—estariam ainda hoje em moda os labirintos de vocabulos, os conceitos alambreados, as transposições violentas, mais retorcidas do que as defezas d'um carneiro.

A galope pódem lançar-se em conversa phrases soltas e leves, de sentido equivoço, mas encher cartapacios, obra de tomo, com discursos asiaticos, onde se põe em jogo toda a casta de maravalhas e avellorias n'um embroglio continuo era uma aberração de talento, estrebuchando n'uma propaganda obnoxia.

O acerrimo fazedor de agudezas tinha gafado o estylo de todos os escriptores coevos e succedaneos se lhe não apertam o travão dos requintes e modilhos, com que, empoleirado no pasmo d'alguns adeptos, gorgeava *ex-cathedra*.

As suas feições eram duras e antipathicas, attesta-o um quadro de Velasquez, existente no Museu do Prado, e nos seus tempos d'aula foi um esgrimista volteiro e arruador, como o provou n'um lance de galanteio e sarrabulho, donde sahii illeso, batendo-se á espada com D. Rodrigo Vargas.

Lope de Vega, em referta com o arrogante cordovez, retractou-o de salto, atirando-lhe de prompto n'uma investiva satyrica este venabulo d'espirito :

— Entiendes, Fabio, lo que voy diciendo ?

— Y como que lo entiendo—Mientes Fabio;

Que soy yo quien lo digo, y no lo entiendo.

Oxalá que, por semelhança, os leitores não declarem de mim, atrevido sibusteiro das letras, o que o insigne Camões disse algures :

Nem elle entende a nós, nem nós a elle. (3)



Quando o esmorecimento e a indifferença dos conterraneos descabir em marasmo, porque deseemos todos ao barathro negro e profundo, onde se revolvem as ondas da dea-

(3) *Lusiadas*—Cant. V, est. XXVIII,

crença política, leia-se este *suolto*, elixir que nos trará ao caminho da alegria e da confiança em tantíssimos caudilhos e bailios supinos, que cavalgam palafrens de parada á frente das suas hostes em quanto as brisas distendem n'um *rage-rage* os balsões e aurifanmas.

Sim ergamos os corações !

Se a patria haquear em lastimoso atoleiro, lembrem-nos dos obeliscos e padrões illustres da nossa historia e que mil e um documento assignalam a todo o passo, e a todo o instante, a grandeza d'este povosinho heroico.

Todos os dias attestamos á civilisação o nosso papel no mappa geographico.

Assim será que, em quanto o mundo fôr mundo, se hade ler com espanto, n'um extasis de turgida admiração que, pelo glorioso Decreto de 30 de Junho de 1879, no Districto de Coimbra, fieurá tendo a denominação de S. João do Campo a aldeia memoravel de *Lava-rebas*.

Medidas d'estas, meus senhores, immortalisam um estadista !



A Calino, que é muito *cortez* e comprimenteiro, dizendo-lhe eu, em companhia de varios amigos, que ha muito tempo que o Brazil se achava descoberto, accudiu logo :

— Ora essa ! *faça favor de o mandar cobrir*.



A CALUMNIA é muitas vezes como a peça de Paulo Cordeiro, que (4) disparada de Gaia pelos miguelistas sobre os constitucionaes, ia matar miguelistas do outro lado do Porto.



(4) O famoso canhão Paixhans, presente de João Paulo Cordeiro a D. Miguel.

- Onde fica a Inglaterra?
- No canal da Mancha.
- Porque se chama da *mancha*?
- Porque está lá a Inglaterra.



Em conversa um commendador muito bruto disse, falando e bocejando :

— Eu logo fiz esse *reparo*.

— Acho proprio que V. Ex.^a *tenha reparos*—atalhou maliciosamente um veterinario—às vezes são idiosyncrasias invenciveis de caracter.

O commendador não penetrou a phrase grega, aspera que nem giibarbeira.



— O sr. é que é o guarda-freios?—perguntou um labrego a um empregado do caminho de ferro.

— Sou, sim sr.

— Então faça favor de me guardar este, que levo de proposito, para a minha gúa.



Para se ler junto d'uma garrafa de bom *champagne*.

A mãe de Byron, Catharina Gordon despresou a educação moral do filho e o pobre coxo, que aos tres annos perdera o pae, aos doze amava Maria Duff com uma grande ingenuidade dolente.

Miss Chaworth, depois esposa de Tolin Munster, foi a sua primeira paixão intensa, mas sem proveito. Aos dezoito

annos, na Universidade de Cambridge cultivava a estroinice, a cabala, e a extravagancia; vestiu-se com requintes de phantasia, enredava-se n'um sybaritismo delirante; batia-se em tres duellos—n'um, porque lhe tinham chamado *atheu*—regalava-se em ceias opiparas, compunha um volume de versos; trazia consigo um urso, ao qual n'uma ab-rração digna de Caligula pretendia que fosse conferido o grau de doutor; bebia por um velho craneo engastado em prata; fazia exercicios brilhantes de cavallaria, de tiro ao alvo e de natação, o que lhe deu mais tarde coragem para atravessar a nado o Hellesponto; e finalmente arranjava um filho natural. (5)

As suas primicias litterarias offereou-as á analyse da *Revista de Edimburgo*, e o resultado foi uma critica desuertadora e de quizilia, onde o classificavam como uma vulgaridade chata, e que não fez d'elle um idiota porque era simplesmente *um genio*.

A satyra vingou-o d'esta investida d'alarves. A sua entrada na camarã dos lords passou desaperccebida, e deixou-lhe a impressão d'um desastre. Repudiado pela patria que o não enxergava, emigrou n'essa peregrinação heroica de quasi toda a sua vida, vingando-se pela estrophe candente das ridicularias da Inglaterra, e dos sarcasmos do tempo.

Uma paixão romantica cota uma joven turca, linda como os anjos, trouxe-lhe ao espirito essa formosissima creação de Haydée, nunca assaz admirada.

As suas expedições em Portugal, Hespanha, na Albania, em Athenas e Constantinopla deram origem ao *Child-Harold* e ao *Giavur*.

Deixou a Grecia. Volveu em 1811 á patria, e desde esse regresso até ao seu casamento (1815) Byron deslumbra o seu paiz e a Europa com os prodigios do seu estro. As mu-

(5) Emilio Castellar—Vida de Lord Byron pag. 41.— Quanto ao craneo montado em prata, Albion atterrada julgou que fosse o de uma ex-amante sequestrada com violencia. Uma lenda.

heres disputam-lhe um sorriso: os censores da vespera e-amulecem; o príncipe regente convila-o para as festas do paço, e a camara dos lords reconsidera sobre a ingratidão com que procedera. (6)

Para a'ofar a dôr pungente que lhe causa a perda de sua mãe, sustentou n'esse dia infaasto uma partida de *boze* com um creado, (7) e com a morte do seu amigo d'infancia Edleton, corista de Cambridge, esteve quasi doido.

Em 1812 vai residir para Londres, e é então que Carolina Lamb, dama casada, filha d'uma das primeiras familias inglezas, adquire por Byron uma paixão estonteante, sem limites, capaz de todos os extremos, até capaz de crimes como diria Gonçalves Dias, o primoroso poeta brasileiro.

Roida de ciunos, não houve despropósito que não commettesse, e na impossibilidade de fixar, de prender, de guardar o genio libertino, aventureiro, do sublime bardo, deu á estampa um livro de vingança *Glenarvon*, denunciando ao mundo a infamia do seu adultério, e pintando Byron como um seductor perverso, que despenhava as mulheres no abysmo com um sorriso eterno de méfia.

E' então que vê Miss Milbank, e impressiona-se a tal ponto que faz d'ella sua esposa a 2 de janeiro de 1815. Este enlace é a maior desgraça do poeta.

Eram duas indoles sem afinidade.

A esposa, mal convalescente do primeiro parto, foge lhe. A sociedade fecha-lhe as portas como a um maldicto, e todas as invejas e todo o odio se deseneadeia contra elle.

Exila-se de novo da patria. Visita a Belgica, a Suissa e a Italia. Em Veneza faz-se amar com frenesi por Mariana, uma estalajadeira, e por Margarida Cogni, uma padeira.

N'este momento (1819) despontou na alma de Byron o seu amor mais puro por Thereza, condessa de Guiccoli, que lhe dá os unicos dias felizes da sua vida afanosa.

Em 1823 parte a combater pela independencia da Grecia,

(6) Ibidem pag. 88.

(7) Ibidem pag. 96.

e a morte veio baseal-o em frente dos muros de Missolonghi a 19 de Abril de 1824.

O auctor do *Corsario*, do *Manfrelo*, de *Martino Falihero*, *Foscari*, e do poema *Don Juan* descançou enfim das suas fadigas no seio da eternidade, contando apenas trinta e seis annos de idade.

A sua ultima palavra foi—AVANTE!

Avante é o lema sagrado do progresso.

Toda a historia de Byron, bem como o testamento de Nelson (8) provam a ingratição documentada da Inglaterra.

Aquelle extrarodinario réprobo tres vezes usou da palavra na camara dos lords, e sempre protegendo opprimidos—em prol dos trabalhadores irritados pela fome, em prol da emancipação dos catholicos da Grã Bretanha e Irlanda, e em defeza d'um propagandista radical, o major Cartwright. (9)

Byron pugnou até ao derradeiro sopro a favor da liberdade dos povos.

A sua existencia foi semelhante ao Vesuvio, um penacho de fogo arvorado sobre lava candente.

Castellar na esplendida *biographia* do poeta, livro que condensámos n'estas linhas succintas, emprega este pensamento d'uma exacção mathematica:

«Não se traz uma corôa de estrellas na fronte, sem ter outra corôa d'espinhos no coração». (10)



Ainda sem levantar mão do assumpto, mas com a pausa necessaria á fadiga.

(8) A Inglaterra esqueceu as recommendações de Nelson quanto a Lady Hamilton e quanto a sua filha adoptiva Horacia—Nelson *par Lamartine* pag. 102 e 137,

(9) Castellar—logar citado, pag. 101,

(10) Castellar, *ibidem* pag. 83.

Whitlocke, guarda sellos e embaixador, optimista da sua época, definia assim Milton seu contemporaneo: «Um certo Milton, cego, occupado a traduzir em latim um tractado entre a Suecia e Inglaterra». (11)

Um insignificante mordendo como persevejo no calcanhar de Achilles !

Quando Chateaubriand publicou *Atala*, entre muitas felicitações e criticas, recebeu uma carta de Cambridge, assignada G. Gordon, Lord Byron. O depois illustre poeta tinha então 15 annos, e o celebre prosador francez não se dignou responder-lhe. Byron vingou-se de sobejo.

Il aura puni mon silence par le sien, diz com ostensivo despeito o auctor do *Genio do Christianismo*.

Effectivamente o bardo tempestuoso e gigantesco jámais se referiu áquelle que o não extremou com affecto na turba multa dos admiradores charros e mesquinhos. (12)

Como o mundo é triste ! Desfrancam-se as cortinas de tafetá da ironia sobre o alarido dos pensamentos negros, que, como phantasmas nublantes, nos apavoram a mente.

Como o mundo é triste !



— O homem zangou-se deveras comigo, sr. administrador e n'um momento de raiva, quando eu menos o esperava, com intenções determinadas de me matar, carregou a espingarda.

— E tu ?

— Eu que havia de fazer ! carreguei... o sobrolho.



(11) Chateaubriand—*Melanges* pag. 19.

(12) Chateaubriand, logar cit. pag. 204.

N'uma audiencia commercial, o reu negociante, explicando a sua fallencia fraudulenta :

— Mens senhores ! sou como os portuguezes velhos de fina tempera, antes *quebrar* que torcer.



A um mestre d'obras :

— Que lhe parece aquella mulher ?

— Bonito edificio !



✓ BONDADÉ = bóssa phrenologica, visinha da pølèrmicè.



Um merceeiro mal avindo com a sogra dizia ao agronomo do districto, explicando a indole da téra :

— Tem um genio atroz, insupportavel, e apezar de muito *videira* não ha phylloxera que a destrua.



Andrade Còrvo, o auctor do bellissimo romance «Um anno na corte», lente da Escola Polytechnica, socio de varias academias estrangeiras, ministro e secretario d'estado honorario, sabio emfim até á medula dos ossos, não sabe orthographia, ou se a sabe não a pratica com esmero.

Não ha que admirar-se ninguem d'este apparente paradoxo,

As cartas de Perugino, mestre do grande Rafael Sanzio attestam uma singular ignorancia da orthographia, e estylo. (13)

O marquez de Tavora, suppliciado a 13 de janeiro de 1759 não primava pela orthographia. (14)

D. Miguel I que permittia a execução de 93 homens—de 1829 a 1833 (15) tambem não sabia escrever o seu nome, se

(13) *Raphael* par Eugène Muntz pag. 42.

(14) Vide *Narcoticos* de Camillo Castello Branco T. 2 pag. 112.

(15) Em 1829 pela tentativa de revolta de 9 para 10 de fevereiro de 1829 mandou enforcar 5; e pela revolta de 16 de maio de 1828 mandou matar 19. Em 1831 foram abaixo 7 pela tentativa de rebellião de 7 de fevereiro de 1831, e 39 pela revolta de 21 de agosto do mesmo anno. Em 1832 por causa de alliciamentos 2, e 18 por quererem fugir para os liberaes. Em 1833 em rasão da *queima da polvora da Murcella* foram fuzilados 8, e 4 por serem alliciadores.

Antonio L. Henriques Secco—*Memorias do tempo pasado e presente* pag. 409 e seguintes e 418.

D. Miguel Sotto-Mayor no seu livrinho—*A realza de D. Miguel* apura 106 execuções desde 29 junho de 28 a 12 julho de 33—paginas 167—e cita a pag. 182 trinta quatro mortes feitas pelos liberaes, sem formalidades de processo.—A isto pôde responder-se com o morticínio nas cadeias de Extremoz, 31 presos trucidados a machado, a tiro e á pedrada. Vide folheto *Horrorosa mortandade dos presos politicos no Castello de Extremoz*—27 de julho de 33. Oliveira Martins *Portugal contemporaneo* T. 1 pag. 127 estriba-se nas citadas *Memorias* do dr. Secco, quanto ao numero das execuções ordenadas ou consentidas por D. Miguel.

Um jornal inglez asseverou que desde 25 de abril de 23 a 31 de julho de 31 havia 26:270 presos d'ambos os sexos, 1:600 degradados, 39 executados, 5:000 homisiados, 13:700 emigrados—*Memorias* alludidas, pag. 426.



é vera a tradição de que no palacio da Queluz, n'uma nota cynegética, rabiscada na parede, se assignou d'est'arte:

D. MIGEL

Estão ainda por ditar, n'esta margem do Atlantico, a leis da orthographia, e Fr. Luiz de Sousa, por exemplo, segundo o depoimento de A. Herclano, tambem no manuscrito dos *Anaes de D. João III* emprega ás vezes na mesma pagina a mesma palavra escripta de dois ou tres modos diversos.

THESE

Castigar os que erram é una obra de misericordia.

ANTHITHESE

Perdoai-lhes que não sabem o que fazem.



Camillo Castello Branco, hoje Visconde de Correia Botelho, maltractou no *Perfil do Marquez de Pombal* a grande sombra do grande estadista pondo-lhe em alto relevo a crueldade.

Nós porêm denunciámos un facto que hade trazer a Sebastião de Carvalho e Mello a execração da historia.

Vejo em livro do actua' Visconde de Castilho que o celebrado marquez, que tanto blasonava de ter, em 1755, salvo Lisboa, alevantando-a das ruinas, a final de contas, como se nota do tombo manuscrito existente na Torre do Tombo, mandou no Bairro Alto *tombar* o que escapára do mesmo terramoto! (16)

(16) *Lisboa Antiga* de Julio de Castilho T. 1 pag. 321.

Este feito é simplesmente... atroz, ou eu não entendo nada de verbos.



N'um baile apparatuso da côrte nota-se o velho general X que depois de se ter apaixonado por uma menina encantadora e appetitosa teve a velleidade de se constituir prisioneiro do hymeneu.

O general pavoneia-se com o seu grande uniforme e dá o braço a sua esposa com ar triumphal, como se acabasse de vencer uma batalha. Faz-se acompanhar d'um joven e brilhante official, loiro e insinuante, para quem a noiva do general olha com muita insistencia.

X apresenta a mulher com desvanecimento ao Conde de Alcafar :

— Minha mulher !

— Tenho muita honra em conhecer V. Ex.^a, disse o conde inclinando-se.

Apresentando-lhe depois o joven official :

— O meu ajudante.

O conde por entre os dentes :

— Bem se vê.



As mulheres na estrategia do amor preferem o atrevimento que se cala, á delicadeza que alardeia.



Amorios e consectarios.

Barjona de Freitas é um estadista que entreteve as horas vagas e os ocios da governação nas proezas alcantiladas do amor. Fez elle muito bem.

Freitas e Oliveira, n'um folhetim, que ficou celebre, graphou em letra tersa esta epigraphe:

«Uma partida de voltaretes» e no contexto metteu parceiros o marquez d'Avila, o bispo de Vizeu, Fontes e Braamcamp, e distribuiu ao Barjona o papel de callisto. No auge d'um tumulto succedaneo, quando o Albuquerque se atira ás gueltas do Marianno e o Mamede, que Deus haja, enterra o chapéu pela cabeça abaixo ao Paredes, o nosso ministro honorario, azevieiro, e atiradiço. encasurna-se logo mas é no quarto da creada. *Time is money*... quer dizer, aproveitou o tempo.

Tem a propensão das conquistas, tal qual como o Duque de Richelieu, *homem extraordinario* diz Condorcet (17) *que aos vinte annos já duas vezes estivera na Bastilha pela temeridade dos seus galanteios, e que pelo brilho e numero das aventuras «avait fait naitre parmi les femmes une espece de mode e presque regarder comme un honneur d'etre deshonorees par lui».*

*

* *

Bordemos na talagarça d'estes episodios um a que vamos dar azas.

— Eu não posso tolerar os padres, clamava um atheu, com voz de stentor.

— Porque?

— Porque são terriveis no confessorario. A ternura á

(17) *Vie de Voltaire* pag. 49.—Por causa do Duque de Richelieu bateram-se á pistola no bosque Bolonha a marquez de Nesle, e a condessa de Polignac: a primeira ficou ferida na orelha d.reita. O ascendente do marechal em feitos d'amor passou em proverbio, e por isso no *Dictionnaire historique d'argot* de Lorédan Larchey se diz *verb. Richelieu*:—digno da galanteria do marechal d'este nome. «Tudo o benjoin d'uma galanteria a 80 graus *Richelieu*» (Mürger).

surpresa da religião faz poderosos estragos e senão reparem vocês que o proprio JEHOVAH é *padre e terno* (Padre Eterno).



«e porque achou que os Procuradores prolongavam os feitos como não devião, e davão occasião de haver hi maliciosas demandas, e o peyor e muito de estranhar he que levavão de ambas as partes, ajudando hum contra outro, mandou que em sua casa, e em todo o seu Reyno não houvesse *advogados alguns.*» (18)

Esta estocada profunda dirigida com valentia e decisão contra a classe dos gárrulos, trapalhões e sophistas vale todos os epigrammas de Boeage n'esta materia.

A interpretação das palavras, o requinte de esmiuçar as letras, o desengonçamento das phrases, tem dado origem a demandas ronceiras, puxadas por parellhas de escrivães, avolumadas em grossas resmas de papel sellado, gemendo o raciocinio, e vingando os propositos dos que tem mais folego, isto é, *mais dinheiro.*

E' de meu paiz, a 7 de maio de 1887, na questão parlamentar «*Ferreira d'Almeida e Henrique de Mucedo*» a interpretação cerebrina de que «*sem intervallo algum, immediatamente*» significam 6 HORAS DEPOIS (19)

A conveniencia dita leis de dictionario; as palavras deixaram de ser a moeda com que nos entendemos, para exprimirem a minucia da especulação, ou o argumento preciso á zorra ministerial.

(18) Chronica d'El-Rey D. Pedro I, de Fernão Lopes — Edição de 1760 pag. 39.

(19) Veja-se o texto do artigo 1020 da Novissima Reforma Judicial, victima innocia d'un estupro tão desalinhado. Veja-se mais o Diario das Sessões da Camara dos Deputados de 13 de maio e 20 de junho de 1887.

Os *adverbiaes* tem soffrido grandes ataques e barbarismos.

Os *jurisperitos*, deitando-se, a b'zcos, os unicos linguistas encartados com mais força do que o senso commum e que os lexicons, fizeram á roda de 1870 na questão jornalística do *Trovão da Beira* uma outra invenção extraordinaria, de immenso merito, isto é, que PESSOALMENTE significava *por meio de procurador*.

O artigo 1252 d. Novissima Reforma Judicial no processo de policia correccional diz: «A parte queixosa poderá «ajudar a justiça; e tanto o autor como o reu comparecerão «nas audiencias *personalmente*, podendo ser assistidos por um «ou dois advogados.»

Pois o reu Antonio Gomes da Silva Sanchez compareceu, mas o auctor, o Sr. Conselheiro José Dias Ferreira não foi á audiencia.

«... a que chamais conselhos, que o dão (os bachareis) ás «vezes bem ruim a quem se fia da sua leitura» taes são as expressões de Rodrigues Lobo. (20)

D. Fr. Bartholomeu dos Martyres exhalava do peito esta consideração que vem a proposito:

«Declarava-se depois, & dizia que trampões erão hums «advogados que com manhas & astucias dilatavam as demandas & entretinhão a justiça». (21)

Se encontram amarugem n'estas reflexões, e olham de soslaio para o que deixa dito, aponta um facto.

O caso extravagante e emmaranhado de Sprungli que

(20) Côrte na Aldeia, T. 1.º pag. 8.

(21) Fr. Luiz de Sousa, T. 2.º pag. 149.—«O que me «admira he que tomem dous Advogados huma demanda entre mãos e entre dentes; hum para a defender e outro para «a impugnar; este pelo Auctor e aquelle pelo Réo e que «ambos affirmem a ambas as partes, que tem justiça».

Arte de furtar do Padre Antonio Vieira (?)—ed. de 1829 pag. 304.

roubou n'um paquete as malas d'um passageiro, desnor-teou os Jurise-insultes portuguezes.

O roubo era feito a bordo d'um vapor *inglez*, o ladrão era *suíço* e a prisão teve logar em territorio *portuguez*. D'aqui duvidas de toda a raça. Os nossos tribunaes soltáram-n'o e depois de lhe darem alforria é que um advogado de Lisboa provou que tinhamos competencia, e virtude de uma lei do seculo 17, para punir o criminoso. Que leis! e que interpretes!

Um juiz definiu—Justiça *«quadrilha legalmente organisa-da»* (22) e Rabelais confiava tão pouco na recidão dos magistados que inventou a notavel phrase: *Si l'on m'accusait d'avoir volé les tours de Notre-Dame, je commencerais par prendre la fuite»*.



Um *inglez* muito dado á pesca chegou a certa aldeia e disse que desejava um guia, que o acompanhasse, e ao qual estava prompto a dar uma boa gorgeta.

Offereceram-se logo tres esportalhões.

O *inglez* escolheu o que mais lhe agradou e disse-lhe:

— Vamos á pesca de trutas.

— Vamos lá, concordou o guia.

Estafáram-se sete horas em busca do appetecido peixe.

O *inglez* praguejava por todos os póros.

Quando o vio bem esfaldado, disse-lhe o guia com um ar confidencial e muito enxuto:

— Esqueceu-me advertir *vossa insolencia* d'uma coisa.

— Então de quê?

— E' que n'estes sitios não ha trutas.



PUDOR—o ultimo vestido, que ainda ás vezes se não despe, quando se está nú.



Na botica. Entra um labrego de luto carregado; a camisa de chita preta diz bem áquelle rosto triste; em voz doente, como pessoa pesadosa, pede:—*mandá*.

— Como o quer?—pergunta o praticante.

— Como quizer.

— Então há-de ser em *lagrimas*, visto que anda de luto.



Um labrego, mal marido, teve o prazer da esposa impertinente embarcar para os anjinhos. No dia do sahimento, o viuvo trajou de luto rigoroso e não proferia palavra. Não chorava, mas parecia alheio a tudo. A despeito das supplicas de parentes e visinhos acompanhou o esquife até ao cemiterio, olhou com fixidez para a cova, vio descer o corpo pallido da consorte, e a terra echoar um som plangente sobre as taboas do caixão. Quando a cova ficou completamente atulhada, o viuvo fendeu os labios n'um sorriso sereno, respirou desoppresso e disse esfregando as mãos:

— Ora até que emfim!



Um medico, presumido da sua sciencia, á cabeceira d'am doente, pergunta-lhe por um remedio, azedo como traição, que havia receitado:

— Então encheu-se de resolução para o tomar?

— Não senhor. Tomei a resolução de o não beber.



Giria de theatro.

— Morreu o actor Isidoro. Tinha dinheiro e fez testamento.

— A quem é que elle deu a *deixa*?



Monsieur de Bièvre, famigerado calumburista, ponha os olhos n'este espelho.

N'uns dias de primavera, deliciosos e tepidos, d'uma suavidade indizível, um velhote d'espírito jovial, todo engravatado e muito direito, sempre com um ramalhete de flores na botoceira da sobrecasaca vem ligeiro e festivo ao encontro d'umas damas do seu conhecimento, frescas e bonitas.

— Então sr. *Fulano*, está magnifico, disse uma d'ellas, cada vez mais novo!...

— Remocei, podéra, minhas senhoras, com estes dias *amenos* (a menos).



MANGA DE ALPACA: — Instrumento de tortura destinado a acorrentar os amanuenses á meza do trabalho.



Que idade tem, minha senhora?—perguntáram a uma dama muito velha.

— Sou muito antiga, sou do tempo do calafalso.

— E eu do *vinho enforcado*, redarguiu^o um bebado presente.



Vou descarrilar.

O cathecismo, denunciou-me tres scelerados, que maquinam a nossa perdição, e contra os quaes devemos andar prevenidos com apito na algibeira=*o mundo, o diabo, e a carne*—esses tres inimigos da alma.

* — O que é o *mundo*? façam favor de me dizer.

— E' uma bóla...

(Pois para esta verdade penetrar na cabeça rija dos famulos e serventuários da theologia custou rios de sangue)

... que anda e desanda.

D'uma *desanda* precisavam mas eram os que, com aleivosia, obrigaram Galileu, de joelhos, a abjurar a sciencia, compellindo-o a dizer, perante um tribunal de bestas-feras que o Sol é que se movia em volta da terra.

Entretanto o mundo compõe-se dos *rationaes*, dos *irrationaes*, dos *mineraes*, e *vegetaes*, quatro palavras que terminam aos *atê!* e que parecem definir a lucta pela existencia.

§ 1.º

RACIONAES

Dos fanaticos, dos exploradores, dos supersticiosos, dos impostores, d'essa jolda de malvados, de larapios e assassinos já se sabia que a alma se arreceava, como o navio se arreceia da tempestade.

§ 2.º

IRRACIONAES

Porém francamente o que se ignorava é que os leões, as vacas, os cavallos, etc., uns esgadanhavam, outros escornavam, e outros escoucejavam a alma de quem quer que fosse.

§ 3.º

MINERAES E VEGETAES

O mercurio tem salvo muito corpo derrancado, o ferro é addicto á constituição dos musculos etc., etc.

A mostarda, a quina, a canella, o musgo islandico e de Corsega etc., etc., entram com vantagem na pharmacopêa.

* O 2.º inimigo chama-se Satanaz. E' um individuo sympathico, pertence ás minorias intransigentes, é o architypo da rebellião, o espirito da analyse, mas simultaneamente a invenção mais perversa da propria alma.

Nasceu do parto laborioso da duvida e do terror em dias atros e sevos como o martyrio, quando choviam lagrimas, e os rios se tingiram de sangue.

E' porisso que Proudhon traçou as seguintes linhas de fogo n'um pacto com este genio das sombras, com este principe no exilio:

«A mim Lucifer, Satanaz, quem quer que tu sejas, demonio que a fé de meus pais oppoz a Deus e á Igreja! Eu levarei a tua palavra, e em troca nada te peço!»

E quando se ouve esta medonha imprecação da critica

moderna, vêem-se baquear n'uma *degringolade* formidável edificios cujos alicerces se apoiavam nas nuvens.

* O 3.º inimigo é a carne.

Este é o maior inimigo. Sendo de pôrco, os judeus com medo das molestias herpeticas fogem do salpicão e do toucinho, e o phantasma da *trichina* vai apupando as visceras da milicia catholica. Sendo de vacca, a alma não resiste á febre aphtosa, á febre carbunculosa etc.; é verdade que Jenner, invencionando a vaccina no ubere d'uma vacca, descobriu o meio de reparar o corpo, que afinal de contas sempre é o estojo da alma.

Para afugentar este inimigo ha um remedio infallivel, é comer peixe, e para se comer peixe refesteladamente, com visos de sybarita e regalias de Sardanapalo, basta comprar uma bulla.

Agora se a carne significa a amavel companhia da nossa existencia, a febra mais deliciosa da humanidade, o anjo dos nossos soffrimentos, o anhelos das nossas aspirações, se exprime tudo isto e só isto, para que é, ó reverendissimos conegos, anafados presbyteros, eruditos abbaydes, e jucundos seminaristas que vos metteis a decidir do fructo prohibido?... salvo se pondeis entre os lençoes do thalamo ecclesiastico, como complemento objectivo de desejos, alguma creada roliça e libidinosa.



Na loja d'un droguista que passeia com orgulho os seus papuzes de marroquim, o marçano explica ao patrão como prendeu o gatuno.

— Deitei a *mão* esquerda ao pescoço do larapio, com a *mão* direita agarrei na primeira cousa que encontrei e pela cabeça abaixo dei-lhe com a outra *mão*.

- Tres mãos?!
 — Não que a terceira era a mão do almofariz.



— E' difficilimo restaurar um quadro, julgo-o mesmo impossivel, dizia um pintor, abomino todos os restauradores... — duvidam??? — basta olhar para a restauração de Portugal em 1640.



- Qual é o heroe que deve ser padroeiro dos fadistas?
 — PALAFOX, o defensor impavido de Saragossa.
 — E porque?
 — Porque disse ao general inimigo Lefebvre, duque de Dantzick: «Guerra até á ponta da navalha».



No meio d'um exame de historia e geographia, n'um dos lyceus nacionaes, o professor pergunta com toda a urbanidade:
 — Meu rico meniño, quem fez as Sagradas Escripturas?
 — Provavelmente algum *tabellião*.



Dizia um soldado de cavallaria, de paparriba sobre a relva, ostentando as rutilancias da farda:

— Ainda ha pouco assentei praça e já estive no *sítio* do Porto, no *sítio* de Penafiel, e no *sítio* de Guimarães. Vê tu o que aqui vai de serviço de guerra.

— E quantas balas levaste? perguntava a cachopa sorrindo com um sorriso de vivandeira.

— Na patrona sempre as sessenta da ordem.

— E nunca foste ferido?

— Só agora por essas duas estrellas gaiatas. As tuas meninas dos olhos estão mesmo a pedir meninos. (23)

E' trivial que Marte se sirva do carcaz de Cupido.



N'um exame de portuguez e litteretura.

— Quantos cantos tem os *Lusiadas*?

O examinando remira o livro do poema, com um sorriso de victoria:

— Tem quatro *cantinhos*.



O MAR perguntou um dia ás PRAIAS:

— Para que diabo é que vem tanta gente molhar-se nas minhas aguas?

E as PRAIAS responderam:

(23) Verdadeira a phrase dos Goncourt citada pelo Ricardo Jorge: «O melhor que uma mulher nos pôde dar do seu amor, é uma creança.»

— Ha tres classes de banhistas. Uns *mostram-se*, outros *lavam-se* e outros *sujam-se*. Os primeiros são os vassallos da moda, os segundos são-n'o da medicina, e os terceiros das tolices do jogo e dos desvarios das filhas e esposas.

Convem advertir, acrescentáram as PRAIAS em confiança, que muitos que tiraram bilhete das duas primeiras classes apparecem ás vezes na terceira com a alegria des- preoccupada das viagens de recreio.



SEMSABORIA — apeadeiro fatal dos tagarellas.



Berrava um advogado em face d'um collega sarcástico :

— Olhe que eu para emittir opinião sobre o assumpto, atolei-me em leis e commentarios.

— Pois lá vai sem commentarios, é d'ahi que ficou atolado.



A inquisição fez muitas victimas.

Entre milhares de pessoas perseguidas pelo seu odio figuram Da ião de Goes, Antonio Vieira, Bartholomeu Lourenço de Gusmão, Antonio Homem, Antonio José da Silva, o *Judeu*, Francisco Xavier de Oliveira, Antonio Vieira Trans-

tagano, Bernardo José de Abrantes e Castro, José Anastácio da Cunha, Francisco Manuel do Nascimento etc. (24)

O sexto da relação anterior, designado por «Cavalleiro de Oliveira» na sua X carta disse :

Não nego que a fealdade é commuã em toda a parte. (25)

Vade retro! não se pôde ser feia, se é verdade o que escreveu o illustrado escriptor, cavalleiro professo da Ordem de N. S. Jesus Christo.

E para maior desastre, o livro de que fiz o extracto supra, enfileira entre as obras clánicas, e prenhes de merito.

Persignêmo-nos.



— Não acrelito que haja homens que tolerem o mau comportamento de suas mulheres, dizia com requebros uma senhora casada.

— Ha si n, minha senhora, obtemperou com profundo accento de convicção e sem burilar phrases, um sujeito presente.

Era uma victima.



Ao partir d'uma pescada, um sujeito complacentissimo reclamou n'uma hospedaria a melhor *posta* d'aquelle peixe.

(24) Portugal na Epoca de D. João V por Manuel Bernardes Branco pag. 13.

(25) Recolham a sua admiração. preclarissimos leitores. La diz Eutropio que Tarquinio Prisco — *muros fecit et cloacas.*

— Como ? ! ! . . . bradaram n'um estridulo espanto os conviva; exaltados.

— Pertence-me, porque estão a meu cargo os telegraphos e *postas* do reino.



Um livre pensador discutia com um catholico ferrenho. O ti ema eram os ceus velhos com o recheio divino.

— Então V. S.^a nega o *Altissimo* ?

— O *Altissimo* ? — ? — ? — que dúvida ! por ser *Altissimo*, é que eu o não enxergo.



Os hespanhoes chamam nos *papeleros* quando querem ridicularisar-nos a jactancia, e affirmam elles que por embofia nunca dizemos *um cavallo mas quatro patas de cavallo*.

Em desforra rebitamos-lhes o arrojo, dando a todos os exaggeros de linguagem e de ideia o nome de *hespanholadas*.

Somos injustos uns contra os outros.

A hyperbole é uma flôr de rhetorica, que se dá maravilhosamente em toda a peninsula iberica. Ahi vai uma nesga de prova

Luiz de Mello de Mendonça partindo de Baçaim n'uma galveta com quinze soldados em soccorro de Dio, levantou-se-lhe rija tempestade que quasi os ia tragando. Os marinheiros descorçoados requeriam que se arribasse, mas D. Luiz de Mello indignado os aplacou dizendo-lhes que

«n'a quella galveta passára Antonio Moniz, que não levava me horas companheiros que elle, nem lhe tinham mais cor-

«tezia os mares; que ninguem acabára cousas grandes sem perigo, e que quando seus companheiros e amigos estavam ás lançadas com os Turcos, não haviam de espe ar os mares de leite e os ventos galernos para ir a soccorrel-os; «que quando as ondas lhe comessem o navio, sobre a espaula havia de chegar a Dio.» (26)

Audacia, audacia, e audacia, era o grito de guerra de Danton.



Um militar n'um circulo de damas que jogam o marimbo:
— Porque não sei se V. Ex.^{as} sabem que eu sou *rendido*.
As damas principiam fungando sobre os lenços de cambraia, que lhes tapam as risadinhas de chacota.

— Minhas senhoras, accudiu o capitão com ar embaçado, isto quer simplesmente dizer que vai chegar novo destacamento, não vão V. Ex.^{as} suppor...

— Ai não, sr. fulano, não supponos nada.
E as risadinhas augmentáram.



N'uma aula de hygiene :

DISCIPULO : — Não approvo os banhos.

MESTRE (com espanto) : — Porque ?

DISCÍPULO : — Porque Alexandre Magno esteve à morte por se banhar no Cydno, e Marat, como V. Ex.^a sabe, morreu tomando banho.



D'um author festejado dizia um jornal ha pouco :
 «O nosso amigo Sierano vai dar à luz um novo poema»,
 Em tão criticas e ingrenes circumstancias não é precisa a descoberta de Guttemberg, o que é absolutamente necessario é... uma parteira.



MARIDO — Senhorio d'um predio, que ás vezes degenera em casa d'hospedes.



— Não sabes ? tive uma pendencia com minha mulher.
 — E depois ?
 — Parti metade da cara á minha cara metade.



Aquelle meu irmão Germano (germano) dizia um litte-

rato n'um botequim—quem o dirá?—afinal de contas é meu irmão *uterino*.



Sabam os leitores qual é a alavanca social que tem movimentado mais tumultos?

— E' a *democracia*.

E sabem o que significa esta palavra ruidosa?

Democracia é a forma do governo em que o povo exerce a soberania, e deriva das palavras gregas *Demos*, *povo* e *CRATOS*, *auctoridade*, diz o dicionario.

Os philologos erráram grosseiramente.

Democracia deriva mas é de *DAEMON diabo*, e *CRATOS*, *poder*, porisso mesmo é que ella é perigosa.

Assim se explicam as grêves e a dynamite.



ATHEU — Filho do connubio iniquo da ignorancia com a vaidade. Presumpçoso que prescinde perfeitamente de Deus, mas que não pôde dispensar o seu sapateiro.



Tractava-se n'uma reunião selecta, onde havia damas e cavalheiros, de se formar uma academia de litteratos, de-

vendo cada um tomar como égide o nome d'um grande escriptor francez.

— V. Ex.^a o que quer ser? inquire uma senhora presente a um visconde distrahido.

— Eu serei Victor Hugo.

— E V. Ex.^a?

— Dunas eu, eode logo um joven capitão de engenharia.

— E V. Ex.^a? pergunta ella a Calino.

Este com precipitação

— SAND eu (sarden).

Gargalhada geral.



Pergunta de sete cotovellos:

— Quem será o irmão *collaço* do marquez de Vallada? (27)



O tractado de Methuen, celebrado a 27 de dezembro de 1703 entre a rainha Anna, de Inglaterra e o rei de Portugal, D. Pedro II, pelos seus plenipotenciarios John Methuen, e D. Manuel Telles, Marquez de Alegrete, tem apenas tres artigos e um curto preambulo. O terceiro artigo é uma promessa de ratificação do tractado, dentro de dois mezes.

(27) Proverbio escossez citado por Walter Scott—«Um parente é um membro d'um homem, e um collaço metãde do seu coração» *Waverley*, cap. VII.

O resumo do texto é o seguinte:

Art. 1.º — Portugal admite para sempre os pannos e outros productos das manufacturas de lã da Grã Bretanha.

Art. 2.º — A Inglaterra admite para sempre os vinhos das colheitas de Portugal, com o abatimento da terça parte dos direitos que pagavam os vinhos de França nas alfândegas britannicas. (28)

Este notabilissimo tractado teve renovação pelo artigo XXVI do Tractado de Commercio de 19 de fevereiro de 1810.

Resultado

A importação de artefactos inglezes que baixára a quatro milhões de cruzados, subiu logo, um anno depois, a treze, isto tudo porque nos vimos emalhados n'uma questão que nada nos interessava — *a ligi contra Philippe V.* (29)

A nossa industria, manietada á letra inexoravel d'este compromisso solemne, ia agonisar para sempre, tendo apenas leves bruxeleios de vida na epocha do eximio, e hoje mal comprehendido estadista, Marquez de Pombal.

A Inglaterra conseguira embrulhar-nos em meia folha de papel, que tanto foi preciso para se escrever aquella no-civa convenção. Quatro phrases, em dois artigos, deram as mais funestas consequencias.

E' sabido de todos que nas invasões francezas o exercito anglo-auxiliar commetteu depredações que mereceram os protestos dos nacionaes e tem sido incriminadas por muitos dos nossos escriptores. (30)

No seculo XVII (em 1661) a troco do casamento de D. Catharina com Carlos II démos a Grã-Bretanha uma grossa

(28) Collecção de tractados, cõvenções, contractos e actos publicos celebrados entre a corõa de Portugal e as mais potencias desde 1643 até ao presente por *Borges de Castro* T. 2 pag. 195.

(29) *Coelho da Rocha* — Ensaio sobre a historia do governo e da legislação de Portugal, pag. 198. —

(30) *Barros e Cunha*—Historia da Liberdade em Portugal T. 1—pag. 236.

somma, Tanger e Bombaim, sellando-se entre os dois paizes uma *alliança* offensiva e defensiva.

Data d'então o formidavel imperio das Indias, que constitue hoje a joia mais valiosa da Corôa Ing'leza, e o alvo evidente das ambições moscovitas.

Em 1793 invocou-se a tradicional *alliança* dos dois paizes, com utilidade manifesta para a nação insular e para a Hespanha, que espicaçadas de raiva, pela furia da Convenção em França, nos leváram a reboque das suas conveniências, tractando-nos em seguida com mesquinheria e desprezo, quando se fecháram as hostilidades no Rousillon.

Urge reeditar-se, a todo o minuto, que a Grã-Bretanha lançou sempre olhos cúpidos sobre as nossas colonias.

Em 1686, 1720, 1763, 1782, 1799, 1815, 1822, 1825, e 1860 aquelle enorme pôlvo marinho estendeu os seus tentáculos asquerosos sobre a bahia de Lourenço Marques.

Pelo tractado de 30 de maio de 1879, protocollo e acto addiccional de 31 de dezembro de 1880, approvado pela Camara dos Deputados em 8 de março de 1881 quiz por outra fórma exercer a sua pesada influencia.

A 24 de Dezembro de 1807 uma esquadra-ingleza de 24 navios sob commando de Samuel Hood e com forças de desembarque, obedecendo ao major general Beresford apoderou-se da ilha da Madeira que passa a ser dominio de Sua Magestade Britannica, e que só a custo nos foi restituída.

A 1799 o coronel William Clarc acampa 1:500 praças junto de Gôa, e o governador geral de Bengala, o marquez de Wellesley, manda occupar Damão e Dio.

A esta invasão pozeram momentaneamente côbro os preliminares da paz entre a Inglaterra e França, noticia que se soube na India em 15 de Janeiro de 1802. Logo em Dezembro do mesmo anno os nossos *feis* (?) aliados voltáram a occupar a entrada de Gôa, e só a 2 de Abril de 1813 é que nos devolveram a possessão. Em 1839, sob pretextos fementidos, quizeram ainda obter por meio de compra aquelle padrão das nossas glórias.

Em 1802 uma esquadra ing'leza tentou apoderar-se de Macau, e em 1808, a 21 de setembro, tomou com effeito con-

ta das fortalezas da Guia e Bom Parto, e dispunha-se a alcançar o forte do Monte e a propria cidade se nos não valesse o Surtó de Cantão, que pelo seu proceder energico fez embarcar as tropas britannicas a 17, 18 e 19 de dezembro do mesmo anno.

A 11 de setembro de 1839 um ministro patriota, o Barão da Ribeira de Sabrosa, infligio ao orgulho da poderosa Albion uma terrivel reprimenda, endereçando a Lord Howard de Walden, ministro plenipotenciario britannico uma preciosa nota dos aggravos, que Portugal tem recebido da sua ingrattissima alliada.

Se a formidavel tunda que o marquez de Pombal passa por ter escripto, e que vem citada, como curiosidade, por Francisco Luiz Gomes (31) não é apocrypha, então nunca um alto funcionario portuguez fallou com mais desassombro, expondo largos motivos de queixas e represalias.

Este extravasar da bilis se prova a energia do Barão da Ribeira de Sabrosa, teve logo por corôa o stygma da preponderancia ingleza.

A 26 de novembro de 39 lavrou-se o decreto de exoneração do ministro, cuja hombridade e civismo não podia em caso algum agradar á Grã Bretanha. (32)

Henri Heine publicou esta tirada :

«Os inglezes em geral, os inglezes *pur sang*—Deus me perdoe este peccado—são-me antipathicos no fundo d'alma, e algumas vezes não os tómo como *proximo*, como creaturas humanas nossas eguaes; parecem-me automatos, machinas infelizes, tendo por móla interior o egoismo. Julgo ouvir-lhes o borborinho das rodas, por meio das quaes pensam, sentem, calculam, digerem e resam». (33)

(31) «Le marquis de Pombal», pag. 200.

(32) Veja-se o folheto—*A nossa alliada*—de Joaquim Martins de Carvalho.

(33) *Lutèce*, pag. 277.

E mais razão tinha Heine quando escreveu esta gnoma, que Raimalho Ortigão insere no seu *John Bull*:

«A Grã-Bretanha é uma ilha indigesta que o Oceano não tem engulido pelo nojo de a vomitar.» (34)

Nas cortes de Évora em 1484 os procuradores do povo pediram a D. João II que expulsasse do reino os inglezes, porque eram *praga viva que destroe a terra.* (35)

E com estas mordidelas de vespa poderemos saltar adiante.



Crítica do regimen colonial da Inglaterra e dos seus euphemismos de matauça, a que chama—*protectorados.*

Pergunta :

— Os inglezes revelam-se por ventura homens de juizo ?

Resposta :

— Em toda a parte em que estão (*em questão*).



Estratagema de guerra.

Duas lavradeiras vizinhas derramavam o fel da descompostura por causa de uma anagoa, que desapparecera. Ao pé d'ellas latia um cão.

— Ladra, ladra e ladra! berrava uma, espumando.

(34) *John Bull* pag. XIV.

(35) José de Arriaga—*A Inglaterra, Portugal e suas colonias* pag. 38.

— Sejam muito boas testemunhas em como esta mulher me chama *ladra*.

— Não é consigo, mulher, é com o seu cão.



N'um botequim. Um amavel negociante a um empregado publico :

— Oh fulano, tomas alguma cousa?

— Tomo sim.

O primeiro com um sorriso de receio:

— Então o quê?

— Tomo ar.

O negociante recuperou todo o seu sangue frio.



Quando o Diabo compra a alma d'alguns patifes, o illudido no contracto é o pobre Satanaz.



FIADOR — um tolo que se responsabilisa pela incertoza.



Os bailes compõem-se sempre de dois grupos distinctos;

um decente e grave, que affecta ares desgarrados, e outro deshonesto, que se encaderna ao revez em a lemanes cortezes.



Um proprietario feliz vive solteiro em companhia de Rosalina, uma creada que é melhor do que a ambrosia dos deuses.

Tractava de concertar uma parreira cahida e queixa-se a seu amigo, muito frascario e azougado, de que todos os annos gasta um dinheirão em esteios novos, a ponto de pensar em substituil-os, de vez, por duas columnas.

— E eu bem sei quem as tem, accudia o outro com um tom brejeiro.

— Então quem é?

— E' a Rosalina.



Historia ecclesiastica :

— D'onde era natural S. Pedro ?

— Quem ? o *claviculario* das portas do firmamento ?

— Sim, esse mesmo.

— E' um santo de *chaves* (Chaves).



— E no «sexto» o que é que tem ?

— Accuso-me de ter relações intimas com uma mulher casada.

— Isso não é um peccado venial. Está comprehendido no artigo nono do Decalogo—«*Não cubiçarás a mulher do teu proximo.*»

— Qual proximo?! o marido está no Brasil.



FABULA.

A aguia e o anagro.

Consigno na superficie movediça do oceano das letras a minha admiração pelo epico portuguez, embora a phrase leve e phosphorescente se apague á nascença na espuma trocista das vagas.

Bocage e Garrett, os dois maiores poetas nacionaes depois de Camões, eram entusiastas fervorosos do sublime cantor do Gama; um cebento ex-frade graciano, author do *Oriente*, como author provavel dos *Burros*, que tambem era, foi o unico dos portuguezes d'algum talento que se empinou ás upas, querendo acompanhar terra a terra, n'uma carreira intervalada de coices, a aguia que se libra nas alturas, banhada por uma luz tão vivida e tão intensa, que deslumbra quem se demóra a fital-a.



Alberto Pimentel, na tarefa quotodiana de dar alimento a um jornal, que é o verdadeiro minotauro da fabula, traduziu em dia infeliz para a gazeta, que lhe dava esguios ho-

norarios uma noticia hespanhola que elle, na sua innocencia, julgava de sensação.

D'esse entrefilete desditoso constou que em terras da nação visinha tinha havido uma *chuva de lagostas*.

Averiguado este ponto bravo da noticia, soube-se que tinha havido mas era uma verdadeira inundação de *gafanhotos*, a 8.^a praga do Egypto, no tal logarejo alludido, e o traductor peccára, sem querer, vertendo *langostas* para lagostas.

Em desculpa do lapso é força esclarecer que o termo castel'hano *Langostas* tem os dois significados *lagostas* e *gafanhotos*, e que Augusto Philippe Simões refere nas suas cartas A' BEIRA-MAR algumas chuvas prodigiosas, por exemplo, de laranjas.

O equívoco foi troçado á nascença.

Alberto Pimentel vingou-se pouco depois d'um dos criticos porque traduzia *orillas* d'um rio, como se fossem *orellhas*, e não *ourelas* ou *margens*.

Relembrando as afflicções dos que trasladam em vulgar as difficuldades de uma lingua estranha, o meu empenho é fazer notar que não mais difficil e escabroso é traduzir com forma practica um pensamento d'amor, quando a mulher a quem nos dirigimos timbra em nos não entender.

Sunt lacryma rerum disse Virgilio, o *grande mantuano*, de quem o nosso povo ainda falla com a accepção de *patife de marca*.

Já houve n'esta terra de gallicismos quem traduzisse *jument* (egua) por *jumento*.

Não admira o coice, desde que se tractava de gado cavallar.



O marechal Saldanha, dizia um admirador do valentis-

simo militar, foi uma verdadeira notabilidade, foi uma espada gloriosa.

— Sim, rectificou alguém presente, foi uma espada brilhante, mas com muitas *bôccas*.



Uma mulher casada, que era joven e bonita, morre de parto.

O viuvo expressando a sua dôr dizia a um amigo intimo:

— Eu tinha practicado bemfeitorias d'importancia na propriedade, não tive culpa se degeneráram em malfeitorias.



JUSTIÇA — Chimera, que uns typos com muita rabuge e sentenças, vestidos de toga e chamados «juizes» querem á força aclimar no globo, sem embargo d'ella ser uma planta exotica, cheia de mimo, pello, e sophismas, ingrata a este planeta, regado de lagrimas em excesso.



Desespero d'um juiz de paz :

— Não poder *conciliar* o somno !



✓ A sr.^a condessa de R., cujo titulo lhe foi dada em duas vidas, para não desmentir o titulo andava no seu estado interessante, e d'ahi vem que Polydoro Ricardo, em extremos de cortezia, estava dizendo n'um baile a algumas damas esbeltas e louças :

— Quando eu era pequenito ensinaram-me que tinha vindo de França n'uma *condessa*, e eu não acreditava, minhas senhoras.

— E agora acredita? — perguntou-lhe, rindo-se por detraz do leque, uma gentil moreninha, *coquette* e d'olhos gaiatos.

— Acredito, sim, minha senhora. Ora veja V. Ex.^a a sr.^a D. Alice Doria : ninguem pôde duvidar que ali anda um proximo conde dentro d'uma *condessa*.



✓ As mulheres são praças fortes que sempre gostam que se lhes ponha assédio: capitalam as mais das vezes sem queimarem o ultimo cartucho, não raro succede (em parte com uns longes de semelhança ao que aconteceu em Almeida em 1810) (36) que um só beijo basta para fazer explodir o paiol.



Na *Illustração Portugueza*, Pinheiro Chagas diz que seu

(36) O brigadeiro William Cox defendia a praça. Teve de capitular.

pae, o sr. Joaquim Pinheiro Chagas, foi voluntario academi o e esteve em Plymouth, onde escreveu grande parte das s tvas, que formam as *Noites do barracão*. Se isto é ignorado é porque elle *nunca pensou em affirmar a sua paternidade* (textual).

Perdão, sr. ex-ministro da marinha, se elle a não affirmasse, estaria V. Ex.^a hoje na massa dos impossiveis.

Um esclarecimento importante :

O sr. Joaquim Pinheiro Chagas é o avô da *Morgulinha de Val Flor*.



L'âme d'antrai, dit le proverbe,
c'est la nuit noire.

TOURGUENEFF. (37)

O desculpar erros alheios, que parece magnanimidade, é um lampejo mediocre, dictado quasi sempre pela vantagem de ostentarmos de generosos. É um trabalho de construcção rábula, pelo qual erigimos o nosso elogio detraz dos vicios, que primeiro reprovámos, para depois absolver.



D. Maria Francisca Izabel de Saboya, princeza de Ne-mours, intentou contra seu marido, El-Rei D. Affonso VI de Portugal, um processo escandaloso, conseguindo pela revolução de 1667 tirar-lhe o throno e passar em carne e osso, pellos e cabellos, para os braços de D. Pedro II.

O duque de Cadaval foi o procurador da rainha, que se tinha recolhido no convento da Esperança. Aquella dama que, como se tornou em libello, não tinha impedimento algum para consummar o matrimonio, e antes a maior disposição entre casados, apartou-se da companhia do marido (escreveu em carta de 22 de Novembro do anno alludido) *por não haver tido effeito o matrimonio em que nos e neertámos.*

Menina provinda da côrte de Luiz XIV, em correspondencia com as senhoras mais levianas da escola do *Rei Sol*, não era mulher que se illaqueasse em escrúpulos de jejum permanente.

A cabála politica e a do amor deram vulto a este monarcha grangeando-lhe uma celebridade romantica.

O anno na côrte de Andrade Córvo, *Les fanfarons du Roi* de Paulo Feval, e *Los amores de D. Affonso VI*, novella ou novello de D. Manuel Fernandez y Gouzales recontam as aventuras do desthronado.

Cruel destino zombou por acinte do desditoso rei, que foi prisioneiro no castello d'Angra e no palacio de Cintra.

Como não ser assim se o monarcha subira ao poder aos treze annos.

Influencia dos numeros aziagos!

Affonso VI (*sexto!* outro numero excommungado!)!! e e toda a sua infelicidade, realmente fatidica, dimanou do *sexto*.

Expliquemo-nos com quantas forças cabem na vergonha.

Um trecho da Brazileira de Prazins de Camillo Castello Branco a paginas 247 talvez dilucide a escabrosidade da situação:

«O cirurgião tinha-lhe dito delicadamente que o José abusava do 6.º Ella como sabia os mandamentos de cór e esalteados entendeu logo e dizia a toda a gente que o seu

«Zé andava assim um pi harengo por causa do 6.º Era o resultado de saber a doutrina christã, esta decencia no explicar-se por numeros.»

Affonso VI o *victorioso!* á laia de seu pai, que nunca foi alentar o exercito com a sua espada.

Os seus generaes venceram lhe cinco grandes batalhas.

* Joanne Mendes de Vasconcellos a do forte de S. Miguel, em frente de Badajoz, a 22 de Junho de 1658, contra o duque de S. Germano e o duque de Ossuna.

* O conde de Cantanhede e D. Sancho Manuel a das lincas de Elvas, a 14 de Janeiro de 1659, contra D. Luiz de Haro.

* O conde de Villa Flôr (D. Sancho Manuel) e Schomberg a do Ameixial, a 8 de Junho de 1663, contra D. João d'Austria.

* Pedro Jacques de Magalhães a de Castello Rodrigo, a 6 de Julho de 1664, contra o duque de Ossuna.

* O marquez de Marialva (antigo conde de Cantanhede) e Schomberg a de Montes Claros, a 17 de Junho de 1665, contra o conde de Caracena.

D. Affonso VI o *victorioso!*... sim, graças aos talentos administrativos do Conde de Castello Melhor, o celebre *escrivão de puridade*, cargo que elle pela sua energia restabeleceu, especie de *chancellor* actual dos dois imperios formidaveis do norte.

D. Affonso VI o *victorioso!* tal foi o cognome com que a historia enramou de louros a fronte do pobre diabo.

VICTORIOSO ! e a esposa libidinosa e solerte converteu-se-lhe em fortaleza, que elle não pôde penetrar!



A confissão (dizia um atheu de minha invenção) é uma comedia em dois actos, um de attrição e outro de contricção.



Pela nossa ordenança, ou rescriptos militares, que não sei bem como aquillo se chama, os soldados e officiaes de cavallaria são obrigados a trazer sempre a espada, e é caso para o Guerra Junqueiro dizer com vaidade :

— Os poetas plagiam-me as obras, e o ministro da guerra parodia-me o meu berço natalicio, que é *Freixo de Espada á Cinta*.



N'esta cordelheira de dispaunterios, que vou atravessando, aponto mais um.

Uma senhora dada a litteratices :

— Meu marido é uma perfeita cornucopia.

Um espectador travêso :
— Então é copia, ou original ?



O cumulo da hydrophobia : — comer raivas.



Li com estes olhos, que a terra hade comer, que o nosso
Guerra Junqueiro, presado condiscipulo e amigo meu, cuida
de publicar um novo poema : — PROMETTEU.

— Ah ! sim, *prometteu* ? pois bom será que não falte.



— Liga-nos ha muito tempo o vinculo da amizade.
— Ora adeus ! estão abolidos os vinculos. (38)



(38) Pela Lei de 19 de Maio de 1863.

✓ DINHEIRO—Lampada de Aladino que faz transfigurações maravilhosas e repentinas. E' assim que pelas suas crepitações e fulgores, que se reverberam com uma intensidade admiravel, qualquer asno que a possui rutila scintelhas de espirito. Segreguem-n'o porém da lampada feiticeira, volverá logo a ser o mesmo asne sem confeição.



N'uma papelaria :

O dono da loja com uma férula, atraz do marçano, a quem exige uma libra, que se esgueirou.

— Deixa-me cá ver a mão; não é essa, a outra.

O rapaz mostra-lhe alternadamente, e a distancia, ambas as mãos; o patrão impacienta-se, como o *mistral* em furia, e berra-lhe sempre:—deixa ver a outra mão.

O marçano atira-lhe com uma resma de papel almasso á cara e galga o balcão, dizendo-lhe açodado e lampeiro :

— Ah! vão umas poucas de mãos, seu grandecissimo bruto. (39)



✓ N'um passeio publico :

— Vês aquella mulher ? é formidavel.

— Credo ! detesto-a.

(39) *Grandecissimo* é o superlativo popular de grandissimo.

— Não tens razão; em pé vale zero, d'accordo, mas também ha um algarismo que a pé vale oito, e deitado *leva-nos ao infinito*. (40)



Consolação para maridos prejudicados.

— Jacques, Thiago, Diogo — quem o houvera de dizer? — são tres nomes *eguaes*, derivados d'um tronco commum, e que por conseguinte significam o mesmo, tal qual como Rolandus, Rollando, Rutlandus, Rotlando, Hrolandus, Roolando, e Orlando designam o formidavel Roldão.

Assim não se deve estranhar que alguns filhos, n'esta genealogia do mundo, n'este kyrie de dispauterios, em cousa nenhuma se pareçam com os paes.



Phrase propria.

Um advogado menospresando outro :

— E fulano ficou tão atrapalhado que não pôde *articular* palavra.



(40) Em arithmetica representa-se uma quantidade in finita por meio d'este signal... ∞

Guerra do Sudão em 1885.

Episódio authentico, que deve esclarecer historiadores futuros.

Os inglezes regateáram muito as suas perdas n'aquellas medonhas batalhas do deserto.

Disseram por exemplo que em Hasheen tinham soffrido apenas 36 baixas; o indiscreto correspondente do *Times* declarou que só no regimento de Berkshire houve 30 mortos.

Entretanto o general Graham, na sua parte official indica que seriam 200 os que morderam terra.

Como conciliar tudo isto, sabendo-se que morreram 500 camellos ?

— E' simples, é que Gladstone, que então era chefe do gabinete de *Sua Graciosa Magestade* metheu de certo, com muito espirito, os soldados inglezes na lista exacta dos camellos.



Libros presentados á redacion de La Ilustracion Española y Americana :

«Mil y un fantasmas por Alejandro Dumas, padre».

Um brasileiro de curto alcance, soletra a custo estas palavras e pergunta :

— Então Alexandre Dumas era padre ?

— Não, observa-lhe Calino, mas é que em Hespanha, não é como cá, todos os padres são paes.



A COBARDIA não é um mero escudo com um feitiço antigo, que serve de proteger eficazmente os maus caracteres contra os ataques e censuras dos bons. A cobardia é sempre complexa, no seu programma entra todas as vezes a vingança, o segredo e a oportunidade. Ora é *adága*, ora *adarga*.



Em 1868, Ramalho Ortigão fez gemer os prelos da ty-pographia Luzitana do Porto com um livro—*Em Paris*.

Francisco Palha, auctor da *Fabia* e da *Morte do Catim-báo* traduzira para o theatro o *Barba Azul*. Ramalho ortigou o traductor, e a replica d'este deflaga n'um artigo do *Diario Popular*. Palha ardendo, com as fumaças do estylo, decretou que o livro se não lia sem se gritar *ó da guarda*, e que o auctor era apenas um toleravel noticiarista d'alguns jornaes portuenses.

Ramalho atirou-se á *Fabia & C.^a*, como Santhiago aos Mouros, e, assomado em ira de tinta esparramada, chamou-lhe :

« Frandulagem mixtiforia e rodilhenta de palavrões la-bregos, giriantes e asneiros, que grunhem, barafustam e pinoteiam á solta, escancellando os periodos logicos, partindo os cabrestos grammaticaes, amolgando-se os testos rhetoricos na taponna das marradas, e virando os pés por cima da cabeça em tropos de rebenta-boi, em cambalhotas zoupeiras, saracoteios mazorros e pinchos de brutamontes, estapafurdidamente burlescos e entrudeiros. »

Palha retruque designando-o por *litterato de tres pellos*,

alcanhando-o de *sensaborão distincto*, e metteu-lhe a pique uma poesia em francez. (41)

A pimenta teve muito gasto n'esta escaramuça carnavalesca... e afinal

Francisco Palha continúa no estribo do comboio de recreio da litteratura, em quanto Ramalho Ortigão se repotreja nos sophás d'uma carruagem-salão.

Os criticos tem d'aquelles enganos imprevistos e funestos.
Deus se compadeça de nós e dos criticos.



Está em moda que algumas meninas recatadas frequentem as aulas de medicina, apesar das torturas porque tem fatalmente de passar a castidade e a pudicicia.

N'uma escola medica o lente de cirurgia operatoria pergunta a uma das suas alumnas :

— Qual é a amputação mais notavel, que V. Ex.^a conhece?

— A de Abelard.

VELHICE—Degredo a que são condemnados todos os que

(41) Ramalho escreveu *in illo tempore* uns versos A CHLOÉ—*Pensamento de Horacio*. Umaz sete quadrasinhas perpetradas em começo de vida, sem grande sal, e a pedir-misericordia.

ateimam em viver, contentando-se com o simples olfacto do amor, e que, por uma contradição galante, depois de perdidos os dentes, conservam ainda, em guiza de reliquia, algum pleonasmio murcho.



Reflexão que inôssou a Mr. de la Palisse (o immarcessível *Amigo Banana* da canção de Eduardo Garrido) reflexão pingue escorrida d'aquelle bestunto tão molle como espuma do mar:

— *Se a morte não existisse, seríamos todos immortaes!*

Calino da ilharga:

— *Exactamente como «os quarenta» da Academia Franceza.*

Alfredo de Vigny disse:—«a vida é um accidente sombrio entre dois somnos infinitos.» (42)

Já Bernardim Ribeiro com muito talento ingenuo perguntára afflicto:

« Pois que mór dôr ha na vida,
« Para que houve ahi morrer ?



(42) Citado por Leconte de Lisle, discurso de 31 de março de 1887, na Academia Franceza.

Um doente, com algum espirito, n'um accesso de febre disse ao seu medico :

— Não me admira que Eugenio *Sue*, quando eu já estou farto de suar.



Contam os fabulistas que Epimenides dormiu cinquenta e sete annos.

¿ Que ha n'isto d'espanto se a vida não passa para muita gente d'um sonho alegre, ou d'um pezadello horrivel !



Os Parthas, n'um estratagemas e destreza de guerra, costumavam fugir adrede, despedindo uma nuvem de frechas sobre o inimigo.

Quantas vezes, algumas damas gentilmente despeitoradas não temos nós visto, junto das *marquises* do theatro, que quando entram nas suas carruagens de oito molas, embrulhando-se em alvas peliças d'avultado preço, dardejам então, precípites e voluptuosas, os seus olhares, agudos como punhaes, sobre os janotas que com avidéz lhes tinham analysado os decotes, e as carnes frementes sob as chispas dos brilhantes ?

Francisco I, que era atiradiço, inventou e escreveu na

vidraça d'uma das janellas do castello de Chambord o admiravel estribilho :

*Souvent femme varie
Bien fol est qui s'y fie*

Em fiar-se a gente n'ellas é caso de grandes desastres e muitos heroismos.



✓ N'uma escrevaninha de fazenda.
Um vinhateiro arreliado: — Então você classificou-me como pescador! ?
— Classifiquei, porque pesca... da póda.



«Em paz — e ás moscas — que assim vae o mundo» disse Garrett (43) expressando que ia lançar á margem o cavallo Pégaso, o palafrem ajaezado com telas d'ouro e redeas de setim, onde montava a antiga inspiração poetica.
Se algum alquilador litterario me trazer das escabru-

ras de Pindo o misero ginete anhelante e famelico, para ali regeitado pela ingratidão de Garrett, ganhará copiosas alviçarás.

Quando eu não possa dar um passeio sobre o ex-brioso corcel transtornado em sendeiro mofino e deploravel, com todos os diabos! das azas sempre se poderão fazer abanos, e a pelle sempre dará para um bahu.



Ramoso — o principal denunciante de todos os crimes.



ESTATISTICA.

Pelo *John Bull* de Ramalho Ortigão ficamos sabendo :

* Na bibliotheca do *British Museum* só o catalogo consta de dois mil tomos! !

* Ha em Londres cento e vinte mil prostitutas. (44)

Da *Hollanda*, do mesmo auctor extraio as seguintes cifras:

* A producção dos queijos (n'aquelle paiz) está orçada em 25 a 26 milhões de kilos per anno. A producção de manteiga attinge um valor equivalente ao dos queijos.

A exportação total portugueza, no anno de 1881, foi de

20 mil contos. A exportação hollandeza, no mesmo anno, foi de *duzentos e cincoenta mil.* (45)

Não fazemos commentarios nenhuns.

Os algarismos gritam, e dispensam pontos de admiração como sentinellas de pasmo.



✓ « Lede o grande Danet, e vêde o que diz na palavra « *FRADE. A mulher he perigosa pela parte anterior, a Besta « pela parte posterior, e o Frade he perigoso por todas as « partes.* »

— Carta XXVIII do Cavalleiro d'Oliveira.

Echem as escotilhas!



✓ Lição de chorographia.

— Tem-se feito em Portugal tanto contrabando com a religião, que até existe n'este paiz a *Alfandega da Fé.*



Encontrei em Mery—*Les mits parisiennes*—um pensamento, que me apresso a pôr em portuguez.

« Não gosto das allegorias senão pintadas nos tectos
 « das grandes escadas, porque temos então, olhando para
 « cada degrau, um protexto sufficiente para não olharmos
 « para os tectos.» (46)

Estou d'accordo. Tal é o meu beneplacito. Nada é tão difficil em pintura e esculptura como dar significado exacto a uma mulher nua.

Umaz vezes é a *Gloria*, outras vezes a *Patria*, outros a *Fama*, etc. Um appendice qualquer de convenção é que em geral caracteriza aquelles productos d'arte.

Quanto a mim—vejam o meu atrazo!—uma mulher nua representa sempre, com desafôro ou sem desafôro... a *femea* do homem.



Flanando e sorrindo.

Acerca da intemperança dos ministros e syndicateiros em Portugal poderá inquirir-se:

— Sabem V. Ex.^{as} porque é que a Allemanha está hoje poderosa e á frente dos destinos da Europa?

— E' porque os diversos estados da confederação germanica por muito tempo tiveram *dieta*.



N'uma aula de rhetorica :

O MESTRE :

« Fiquei *desapportado*—como dizem

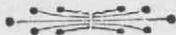
« Os inglezes;—não ha na vossa lingua

« Com que o dizer: e venha ou não do diabo

« Tomem-n'a que hão mister d'essa palavra (47)

assim se exprime Garrett, esse poeta que excelle no idioma patrio, queira o menino agora explicar-me o que seja um *desapportamento*

O DISCIPULO : — Sim sr. Um *desapportamento* é o que V. sentiu quando outro dia, procurando minha prima, encontrou meu tio.



«E' pelo instincto que as abelhas na fabricação do mel e cera excedem todos os chimicos da especie humana.»

assim o proclamou José Dias Ferreira (48)

nas suas *Noções fundamentaes da Philosophia de Direito*, e é o caso de dizer-se co n Horacio :

«Quandoque bonus dormitat Homerus.»

Se o fazer mel é admiravel, quanto arriba de distincto e engenhoso não é o fazer oves molles? E afinal de contas a minha cosinheira sabe menos chimica do que os chimicos, e mais alguma do que as abelhas.



(47) D. Branca, pag. 185.

(48) Logar citado, pag. 194.

Esta simplissima nuga talvez possa explicar o amago abstruso d'um mysterio.

João Semana (o medico das *Pupilas do Senhor Reitor*) embirrava «com os gallicismos culinarios». (49)

Esta victoriosa observação resalta aos olhos, como o esmalte côr d'aurora nas porcelanas chinezas.

Julio Diniz exarou n'aquella phrase o sentimento nacional.

Detraz d'uns disticos francezes pretenciosos e balofos esbarra-se, na maior parte dos banquetes modernos, com um manjar d'embirra, um esforço d'ucniaria complicada, ou com uma vitualha n'um envelope de mysterio, que o paladar não decifra.

Optimamente seu João Semana! Bravo sr. Julio Diniz! Muito bem meu caro Gomes Coelho!

Trindade esplendida, onde só o ultimo é que é o verdadeiro.



D. Fr. Bertolameu dos Martyres, da Ordem dos Pregadores, Arcebispo & Senhor de Braga, Primás das Espanhas, não sei se era eloquente, mas na prosa de Fr. Luiz Cacegas, depurada por Fr. Luiz de Sousa, ha trechos de notavel suavidade e preceitos de muito louvor.

Oiça-se o seguinte periodo e concordem d'esta feita comigo que o cálamo que desenhou a phrase, era dos mais aparados e cortezes do paiz:

« digo chammente & de claro que se os meus prebendados desejão ouvir alvoradas de charamelas, & se os fidalgos de Braga querem vêr passeyos de ginetes formosos, &

(49) Romance alludido, pag. 101.

« mulas gordas & anafadas, & nuvens de pagens enfeitados
 « & rugindo sedas, desenganem-se que nunca me verão tão
 « desatinado que despenda com ociosos aquillo com que pós-
 « so dar vida a muitos pobres.» (50)

Ha nada mais bonito do que isto ?

Isto é tão digno de amar-se como uma mulher bonita.

Uma só differença cava um fosso de separação : é que uma mulher bonita tem privilegio de botija, é um optimo conforto para aquecer os joelhos durante as noites rigorosas do inverno.

Pelo divino amor de Deus, não digam nada d'estas coisas ao arcebispo de Braga, D. Fr. Bertolameu, porque esse alimentava-se, não com o que lhe levavam os corvos, como Elias á beira da torrente de Carith, mas de *vacca e riso*, e era por outro lado um poço de theologia, porém... nada entendia de pandigas.



« Terras pequenas ! meia cidade sempre a dizer mal da
 « outra metade ! »

Este aphorisma encontrei-o a pagina setenta e nove da *Ermida de Castromino*, de Teixeira de Vasconcellos. E' uma ponderação exactissima. Senão, vejamos :

« Deus fez a Terra tão pequena que, não contentes de
 dizermos mal uns dos outros, passámos até, de reflexo, e por
 falta de assumpto, a dizer mal... de Deus



Hamlet, o sombrio personagem de Shakspeare, n'um monologo sublime do 3.º acto, scena 1.ª da tragedia, passeia n'uma camara do palacio de Elsenor o fundo e cruciante tormento da sua duvida e exclama cavo e mysterioso :

— *Morrer, — dormir — dormir ! sonhar talvez; eis o problema !*

O poeta de Strafford sobre o Avon pára hesitante, perplexo no limiar da sepultura.

Gil Vicente parece responder áquellas perguntas desvairadas do bardo inglez, quando, no *Auto da Barca do Inferno*, poz estas palavras :

Aviãe-vos, e partir ;
Que a nossa vida é sonhar,
E a morte he despertar
Pera nunca mais dormir
Nem acordar. (51)

N'esta referta, o vate nosso patricio deu nas ventas para traz á Inglaterra. Pois devéras me admiro que esta nação não tenha mandado ás suas esquadras que estabeleçam alguma colonia nas regiões desconhecidas... d'alem-tumulo.



Frequenta o club um sujeito cuja mulher lhe é infiel; a sua distracção é grande e tanta que se esquece de botar os restos dos cigarros e charutos ainda accesos nos cinzeiros da sala, em risco de pegar fogo aos tapetes.

Um director da casa, galhofeiro, mas velhaco, disse-lhe uma noite, com escarneo mal soffrido:

— O' fulano, tem mais cautela com as pontas.



Uma descoberta preciosa.

— Não sabem? o rei David, aquelle amigo dos psalmos, aquelle dos monarchas da Judeia que foi pai de Salomão, e que teve suas aquéllas com Betzabé, mulher de Urias...

— Sim e então? diz lá depressa.

— Psutt!... era *rendido*.

— Quem te disse semelhante cousa?

— Quem?! os meus estudos conscienciosos. Essa é muita fina. Então ignoras que matou o gigante Goliath servindo-se d'uma *funda*?



Camillo Castello Branco, no artigo *Antonio Vieira* (Padre) do Dicionario de Educação e Eusino de Campagne, notou ao grande pregador e classico algumas phrases de má reputação, taes por exemplo como:—Muito dignissimo—Muito mais melhor—Muito peor que pessima—Mais ainda que infinitamente, etc. (52)

(52) T. 2 pag. 841—«O sr. D. João V não gostava do estylo de Vieira; e ao desembargador Bacalhau, muito apaixonado d'aquelle orador, dizia o rei «Tambem góstas de trique-traques?» *Memorias do Bispa do Grão Pará, Fr. João de S. Joseph*, pag. 148.

A solercia do argumentador, a esperteza e sabedoria do famoso jesuita, que consta, authenticamente embalsamada, de vinte volumes de erudição impressa, obrigava o a jogos malabares de palavras e a que muitas vezes havia novidade, mas em que tambem, de onde aonde, apparecia d'enxurro a sua extravagancia. Na levantada pompa d'uma prosa cheia d'imagens e surpresas, os conceitos não raro dansam uma dança macábra, com saracoteios, denguiços e esgares terribes e funambulescos.

Entretanto, a cada pagina se despecha uma catadupa de estrellas, porque aquelle homem extraordinario possui o condão do genio.

Como a S. João *Chrisostomo* chamaram-lhe assim, *bocca d'ouro*, por ser d'uma eloquencia prestigiosa e talvez para com anticipação de seculos o distinguirem de mim, a quem (ignoro o fundamento) tem chamado em varias occasiões—*lingua de prata*.

Maledicentes! e maldictos!...



Em casa d'um horticultor usurario.

Um sujeito examinando o jardim admira as camelias frondosas e ridentes.

O creado diz-lhe :

— Ah! sim sr., as camelias *dão-se* perfeitamente aqui.

O usurario a quem incommodou a palavra «*dão-se*», atalhou logo :

— As flores aqui não se *dão*, VENDEM-SE.



Dizem varios criticos, segundo tenho apontado na minha carteira, que a historia original do HAMLET, principe da Dinamarca, se encontra em «Saxo Grammatico», historiador d'aquelle paiz, e Belleforest a reproduziu na sua collecção de novellas.

Dizem outrosim os criticos que todos os pormenores da tragedia OTHELLO se acham n'um conto esquecido de *Giraldi Cinthio*, os nomes porém de Othello e Iago, segundo Reynolds, citam-se n'uma obra intitulada *Vingança divina do adulterio*.

Francisco Seagers escreveu a Lenda do Rei RICARDO III, mas parece que Shakspere não se inspirou n'esse trabalho; já os esmerilhadores de mais paciencia affirmam, porém, que o MERCADOR DE VENEZA foi tirado do livro *Gesta Romanorum*, e declaram que o ROMEU E JULIETA teve predecessores, porquanto *Luigi da Porto* foi o primeiro que narra a baralhada questão dos Montaigu e dos Capuletos, conhecidos na Italia com os nomes de Montecchi e Capelletti. Esta historia foi estampada em Veneza em 1535, sob o titulo de *La Giulietta*, e Bandello de Luques reproduziu-a.

Allegam ainda os mesmos e outros endiabrados criticos que as infelicidades do REI LEAR tinham já, muito antes de 1605, sido thema da «Historia veridica do Rei Lear e de suas tres filhas Goneril, Ragan e Cordelia», além d'isto quanto á tragedia Macbeth, dizem que existia, antes do vate do Stranford, uma lenda com aquelle entrecho.

Voltaire, que ás vezes se comprazia em disfarçar-se em cão de fila, no *Diccionario Philosophico* e no seu artigo, intitolado «Appel à toutes les nations de l'Europe des jugements d'un écrivain anglais», esmordaçou Shakspeare com uma gana assoladora.

Garrett conta que, n'uma tenda de lona, posta no areal da Povia do Varzim, por actores ambulantes e castelhanos, foi encontrar o germen do seu esplendido drama o *Frei Luiz de Souza*.

Garrett escapou a Voltaire, porque nasceu depois do engenheiro da *philosophia*, como judiciosamente lhe chamou alguém.

A POSTERIDADE, para cuja sentença irrevogavel os gran-

des homens appellam sempre, não passa d'uma velha rabugenta, filha do tempo, a qual de tudo ralha e de tudo critica com os ares graves e oróculos de quem se julga insusceptivel do carrucho ou da mentira.

Porque é que Deus em vez de fazer um valle de lagrimas não fez antes um valle de gargalhadas ? (53)



Dois Calinos.

— Como se chama aquelle typo ?

— E' *Neto*.

— Quem te disse que elle se chamava *Neto*.

— Ora essa! foi o avô.



Duas subtilezas tenho eu que marcar n'este registro, erario de successos, uns espigados, outros grelados á superficie da terra.

Thomaz Ribeiro nasceu em Parada da Gonta junto a um rio, que não é precisamente o Amazonas, antes é ali chamado o *Rio d'asnos*, e que logo abaixo, rente a Vizeu, se denomina poeticamente o *Pavia*.

(53) Só tem uma desculpa; se fez o Valle de Josaphat, que eu já vi n'um magnifico cartão de Sequeira, tambem fez o valle de lençoes.

Em Vizeu, ou do Rio da Loba, á ilharga d'aquella cidade, brotou o celebrado pintor *Grão Vasco* e cousa mas notavel ainda, no logar de Avô, nasceu o epico Braz Garcia de Mascarenhas.

Para intelligencia do § antecedente tenho a explicar que o poeta, apenas nado, não se guindou logo ás difficuldades e respeito *d'arô*, quero apenas dizer na minha que o auctor do *Viriato Tragico* viu a luz do dia em logarejo d'aquelle nome sobre as ribas do Alva.

Todo este palavriado apparece manso n'este sitio a fim de significar que as cercanias de Vizeu, com o seu rio d'asnos e outras aguas, abunda em talentos nativos, e agora é facil comprehender a rasão porque Thomaz Ribeiro não dá ao rio o nome que lhe pertence.

Que fresca aldeia formosa
nas margens do meu Pavia!

Este adjectivo possessivo nunca o vate se atraveria a empregal-o no *D. Jayme* sem o desfarce de que soube usar com tanta astucia quanta delicadeza.

O rio é d'asnos e Thomaz Ribeiro chama-lhe *seu*.

Aqui consigno o escandalo, a minha admiração, e o meu protesto.

A 8 de Julho de 1832, perto de Labruge, ou Arnosa de Pampelido, entre o Douro e o Ave, teve logar o desembarque das tropas constitucionaes (7500 homens) a cuja frente se collocára D. Pedro IV.

* As tradições de pilhagem costeira aos navios em perigo, atrocidade antiga de muitas populações litoraes, tinham dado ao logar o nome triste de *praia-dos-ladrões*. (54)

(54) Oliveira Martins — *Portugal Contemporaneo*—T
1.º, pag. 248.

Esta circumstancia, arvorada em coincidência, tem servido para muitas diatribes e motejos disparados como bombaradas por parte dos miguelistas reinhosos, que d'entre jornaes reles, com tinta chilra, e artigos pifios, tentam prostrar a liberdade, esbofeteando o progresso.

Infundem tedio, mas infundem piedade!

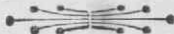
Bem sabemos que as abelhas teem uma abelha-mestra e que as perdizes teem um rei de binda que as dirige,—veja-se o dictionario Moraes—mas aos homens, congregados em sociedade culta, é-lhes indifferente a pessoa d'este ou d'aquelle chefe, desde que, em summa, quem governa é o paiz por meio do seu jogo complicado de molas e instituições, sem supremacia absoluta d'alguem, e debaixo d'um poder imparcial—*A Lei*.

Entretanto ha ainda muita gente que espéra pela vinda sorrateira ou victoriosa d'um rei, cheio de fulgores e sorrisos, com uma forte dysenteria d'ordens, mais reluzmente do que os espelhos de Veneza, monarcha que traz a felicidade nas algibeiras do collete, com um cortejo de suissos, lansquenets e alabardeiros, e á ilharga o preboste acolythado de varios algozes e ajudantes, promptos a fazerem que os subditos antipathicos á Magestade estiquem o pernil e deitem a lingua de fóra n'umas visagens d'escarneo, quiçá burlescas, mas com certeza horriveis, dependurados em bellas cordas de linho, muito corredio e ensebado.

E' até onde pode chegar o quilate da asneira! Entre os constitucionaes poderá ter havido ladrões, se assim o exigem, mas asnos tão chapados é que não.

Estes descendem em linha recta d'aquelles sujeitos que, no memoravel dia 5 de Junho de 1823, desatrelando os cavallos do carro de D. João VI puxáram com toda a valentia de bestas, desde o sitio dos Anjos até á Sé, e d'ahi até ao Paço da Bemposta, enthusiasmados pelo ingresso de Sua Magestade na capital, depois do successo de Villa Franca.

A historia tambem é um azorrague.



- Quando vais ?
 — Parto hoje.
 — Depois d'esse teu parto, tem cautela com a saude.



No Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende vem um apodo :

« a hum fidalguo que no sserão del rrey se meteo em
 « huma ehiminé e fez seus feytos n'um brazeiro, e diziam
 « que era um dos capitães que hyam a Turquya com o conde
 « de Tarouca. »

Theophilo Braga nos *Poetas palacianos*, a pag. 217,354, e 415, diz que o atrapalhado cortezão foi D. Garcia de Mello.

D. Francisco de Portugal, Conde de Vimioso, figura tambem no Cancioneiro apodando a Dom Diogo Lobo «porque vindo com El-Rei de Almeirim para Lisboa em batel, se lhe destemperou o estomago e saiu em uma cirvilha, a fazer seus feitos em uma lezira.»

Quando portanto os proto-patriotas me entoaram em grita o hymno nacional, e me abuzinarem os ouvidos com os feitos dos nossos maiores, cabe-me o direito, tapando o nariz, de lhes obviar :

— Venham para cá com *esses feitos* que estão acieados, não ha duvida.



Nas sentenças de *Publius Syrus*, celebre poeta-gnomico, que floresceu no tempo de Cesar, vem esta que é o meu desespero :

«Auloedus fiat, qui esse citharædus nequit.
Toma uma flauta, se não podes tocar lyra.

Mas quem não soubér tocar flauta, como eu que tenho a honra de lhes fallar ? ?

Só ha um recurso, visto que se tracta de instrumentos, é *metter a viola no sacco*.



Doctrina christã:

— Que idêia fórma o menino do *purgatorio* ?

— O *purgatorio*, deve ser, com toda a certeza, um lugar onde toda a gente está de purga.



Barros Lobo. o BALDEMONIO (cujo pai bordava quadros em Gouveia, a canudinhos de papel de côr, como revela Emygdio Navarro (pag. 56 dos *Quatro Dias na Serra da Estrella*) escreveu uma esbelta carta franceza ácerca da traducção da *Dionisia* de Alexandre Dum^{as}, filho.

E' a velha contenda em que se queixam litteratos francezes, dizendo que lhes não pagâmos os direitos d'auctores.

Eles descobrem os pensamentos e palavras enfeixadas em livros, e nós apropriamo-nos d'aquelles trabalhos delica-

dos do espirito—é mal feito!—mas tambem nós descobrimos o Zaire, e até lhe puzemos padrões, e vocês, Stanley, e os belgas, atidos a polvora e bala, lhe chamam agora SEU.



✓ **CELIBATARIO** — homem, cujo disvelo todo é estabelecer represas e açudes no methodo de multiplicação, auctorisado pelo Genesis.



✓ **FIDALGOS** (*hijos d'algo*) — homens a quem succedeu o irreparavel infortunio de precisarem aprogoar sempre que são filhos de alguém.

Ponhamos os olhos em semelhante desgraça!



Os romanos admittiam nos cortejos funebres, ao lado das carpideiras, uma porção d'actores mimicos, cujo chefe (*archimimus*) contrafazia a voz e os gestos do morto.

Devia ser um espectaculo divertido, que eu, se algum dia fôr deputado, ministro, ou presidente da republica, heide tentar restabelecer n'esta antiga provincia romana.

Effectivamente não ha nada mais melancolico e aborrido do que um funeral, e labôro no convencimento de que todos os defunctos a nada assistiram que fosse tão taciturno e murcho como o seu proprio enterro.

Se offendi os leitores e as almas do fogo do purgatorio, peço-lhes, humilimo, duas eternidades de desculpas.



Fazendo correr os bicos da penna como se fossem dois seberbos urcos, impacientes e velozes, cabe-me a honra de participar a quantos me acompanham ainda n'estas alturas que, á volta de 1886, no Tribunal do Porto e em processo contra D. Marinha Correia, esplendida mulher, d'olhos faiscantes, e revolver decidido, o advogado da defeza allegou que aquella dama, ultrajada por varias palavras fortes e entre outras pela de *bandalho*, matára o aggressor da sua dignidade.

O ministerio publico contradictou o desforço, allegando muitas coizas, e entre ellas que *bandalho*, (55) segundo o dicionario de Roquette, significava *casquilho*, *peralvilho* etc., faltando-lhe accrescentar os epithetos de *rafado* e *ridiculo*, que transtornam a acepção molle d'aquella parelha de termos.

Em fins de outubro de 1887, a *Gazeta da Relação de Lisboa* trouxe a lume um accordão, que eu não sei como classificar, porque me dá vontade de lhe chamar tolo, e ainda será pouco.

Extracto textual :

« ... objecto da accusação, a saber, uma lavadeira chamada p... a outra, e dizer que esta fosse pôr a trouxa nos
« c... do marido. »

(55) *Julgamento de D. Marinha Alice Correia*, pag. 191 e 264.

E mais abaixo :

« Considerando que a palavra p..., antigamente não era obscena e tanto que d'ella usa Fernão Lopes de Castanheda na Historia da India, nas palavras «*Torres cheias de p...*» e tambem se usa d'ella no *Diario d'Ourem* (como póde ver-se no dictionario da lingua portugueza de Moraes) e sobretudo o não é, se é preferida por uma lavadeira contra outra no lavadouro do rio, em freguezia rural

« Considerando que sem duvida as outras expressões não são obscenas

« Por estes motivos, não havendo ultraje á moral publica, punido pelo artigo 420 do Codigo Penal, não dão provimento ao recurso, etc.»

E' da gente ficar extactica perante este monumento de sabedoria indigena, que merece um caixilho especial, como proprio a armar a sala de visitas d'um hospital de doidos. (56)

A despeito do velho conselho de Javolenus que

Omnis definitio in jure periculosa est

temos que precipitar-nos nas definições e vocabulario juridico, indispensaveis para se saber a lei em que vivemos.



« Quanto á sogra de S. Pedro, dizia eu n'outra occasião, que ainda em prudencia economica e politica se podia deixar estar enferma, só por ser sogra. Uma sogra talvez é

(56) Veja-se a scena XI do 4.º acto do Rei Lear.

« melhor estar doente que sã: porque doente a mesma doença a tem quieta a um canto da casa: e sã, rara é a que se não contente com menos que todos os quatro cantos d'ella.» (57)

Assim se exprime o Padre Antonio Vieira n'uma passagem do seu panegyrico de S. Lucas, esse discreto padroeiro dos medicos.

Ninguem ha que não julgue que aquella faceciasinha tão choruda é pelo menos um recorte da secção humoristica do *Figaro*, e afinal de contas o gracejo apimentado, completamente actual, estilha d'uma comedia modernissima, foi proferido n'um pulpito (!) ha duzentos e tantos annos pelos labios inspirados d'um jesuita de talento.

Ressuscitando a anedocta, temos em mira, no kaleidoscopo do orbe, promover o arrependimento e conversão de todas as sogras.



— Ha muitos quadros bons, nos museus da Europa, e esses bellos specimens de variadas escolas são firmados pelos melhores pinceis; em Portugal, porém, o pouco que temos é detestavel, senão são apenas copias.

— Em alguns casos é isso indifferente.

— O que dizes tu?!... As copias não tem merecimento ao pé dos originaes.

— Tomára eu ter em casa grande copia de dinheiro,

(57) Sermão de S. Lucas—Obras do Padre Antonio Vieira, T. 10 pag. 122.

asseguro-te que n'essas circumstancias o grande «original» seria eu.



N'este entretempo façamos palestra, embora se açule a matilha dos hypocritas.

A linguagem portugueza é d'uma tal força d'expressão, que nenhuma outra lhe ganha em polidez, energia e acerto :

« foy levantada a cabeça em huma pica e posta em logar « onde os nossos da fortaleza a vissem. » (58)

Desafiamos os idiomas conhecidos a que apresentem uma phrase que possa hombrrear em garbo, com a que acima transcrevenos, pondo de banda os nimbos do escrupulo.

Francisco Rodrigues Lobo no dialogo 1.º da Côte d'Aldeia (59) diz com muita substancia que a lingua portugueza

« —é branda para deleitar, grave para engrandecer, « eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, e acomodada ás materias mais importantes da « pratica e escriptura.»

E o Doutor Antonio Ferreira, engenho de selecção, e auctor de nervo e pôlpa, proclamou em verso este brado patriota : (60)

(58) Vida de D. João de Castro, pag. 249.

(59) Edição de 1774, pag. 19.

(60) Carta III do Livro 1.º a Pedro d'Andrade Caminha.

« Floreça, fale, cante, ouça-se e viva
 « A portugueza lingua, e já onde fôr
 « Senhora vá de si, soberba e altiva».



Apósto em como não ha nenhum valente tão espadaúdo,
 ainda que ronque como o mar, que *pelo menos* não tenha
 apanhado alguma *pancada*... d'agua.



INVEJA — mastim zambro e vêsgo, de fauces escanca-
 radas contra o merecimento real.



Concordamos que a experiencia é a *mestra* da vida, mas
 o que é certo é que a discipula quasi sempre fallece ás mãos
 da mestra.



Espalhava um bancarroteiro, a proposito da sua fallen-
 cia declarada:

— Felizmente posso dizer como Francisco I, depois da batalha de Pavia: *tudo perdi excepto a honra.*

Um gracioso molesto, ouvindo o epiphonema accrescentou logo :

... Sim porque *essa* já estava perdida ha muito.



Um livro que despertou a attenção da imprensa com muitos elogios, e assaz merecidos, foi A ITALIA do Sr. Conego *Alves Mendes.* (61)

Manejando a lingua com valentia e excellencias, homem d'uma memoria fóra do vulgar, batida n'um exercicio quotidiano, cultor d'un estylo, que tem raises no saber classico, nas imagens bonissimas de Lamartine, e que se opulenta e recosta no grande modelo da eloquencia contemporanea, Emilio Castellar, esse sol esplendido da península que o mundo admira tomado d'assombro, o Sr. Alves Mendes demonstrou no pulpito, na polemica e no professorado, que é um talento fecundo e um trabalhador *d'élite.*

Entretanto o redactor do *Capitulo*, talvez por inveja, quiçá mordido da veniaga de attrahir uma attenção que lhe

(61) Antonio Alves Mendes da Silva Ribeiro nascido em Penacova a 18 de outubro de 1838, filho de Joaquim Alves Ribeiro e de D. Joaquina Mendes da Silva, formado em theologia (1859-63) Conego da Sé portuense desde 17 de Novembro de 1863, e de 1864 a 1876 professor da cadeira de *Pastoral e Eloquentia Sagrada.* Tem publicado—*A Italia—O Privado de Cefaléia—Os meus plagios—Thomista ou tolista—Um quadrupedante á desfilada—Discursos diversos: Patrial; Fontes; Herculanio; etc.*

não pertence, fez constar ao publico que Alves Mendes no livro supra-alludido metteria paragraphos completos do emi-nente tribuno gaditano sem denunciar logo o filão de que extrahira aquellas gemmas da melhor preciosidade.

Assim cot-je-se

<i>A ITALIA</i>	*	<i>LA CIVILIZACION</i>
Pag. XIII		T.5 pag. 35
“ 1		T.3 pag. 16
“ 90		T.2 pag. 146
“ 102 e 103		T.3 pag. 359
“ 133		T.5 pag. 68
“ 108		T.3 pag. 318
“ 134	*	T.5 pag. 60

e confrontem-se ainda os trechos das duas obras

<i>A ITALIA</i>	*	<i>RECUERDOS DE ITALIA</i>
Pag. 173 e 174		Pag. 390 e 391
“ 404		“ 370—2.ª parte
“ 285 e 286		“ 49 e 50—2.ª parte
“ VIII	*	“ 9—1.ª parte.

E' escusado dizer que as duas maravilhosas produções de Castellar precederam a edição d'*A Italia*.

Alves Mendes no seu opusculo de violentissima polemica, intitulado *Os meus plagios*, responde que o seu denunciante é ou quasi :

Baixo e ignobil escriba, tenaz, mordente—traficante litterario—parasita das letras—desgraçado filho da ignorancia—misero orphão do decoro—vergonha litteraria—deshonra social—escandalo da humanidade—sugeito de nulla educação—dissimulado e

manhoso—perverso fundibulario tunante — inchado como a rã—ignaro, laxo, pillharengo, chatim—tupy e zangão—miseravel—tyrannete piegas—desgraçado e estulto — malandrim letrado — escorchador da grammatica — magarefe da honra — commendador tonsurado—antigo remendão de farrapos pareneticos —testo palrador de discursos comprados—ente abjecto—cruel Aristarcho — satyro corôado — truão pedantissimo—sycophanta mais falso que Judas e mais vellhaco que Satanaz—argamandel das letras patrias—escarneo em pessoa—petrificação do cynismo—farrão carnavalesco—camêlo—coiso horrido e putrido—insigne goliardo—traficante—tôlo e architolo—bashaque—mequetrefe —cão de fila—vil animalejo—anonymo—salteador de vallados—pifio ignorante—corsario do bom senso—almotacé de salabordias—lambão da parvoice—perfeito mentecapto—argonauta escoteiro do mar morto das letras—sandeu—chibantesco escriba—vendilhão torpissimo—cabeçudo—bordalengo—homunculo em postema—gafeirento e vil, ludibriante e covarde—ignorante e cheio de vaidade—lutulento e leigaço—miserando—imbecil, etc. etc.

Que trovoadá, Santa Barbara Virgem !

Diz mais Alves Mendes, n'uma revindicta justificada: —1.º que Alexandre Dumas increpado como plagiario se sorrira desdenhoso declarando:—«com effeito u n pirata rouba mas Alexandre conquista, ha corsarios e heroes, como ha plagiarios e conquistadores!»—2.º Virgilio plagiou Homero; Leibnitz a Santo Agostinho; Descartes a Platão e a Hera-

elito; Malebranche a Democrito; Galileu e Newton a Aristoteles; Copernico a Aristarcho de Samos, Camões a Virgilio a Ariosto e a Tasso—3.º que Alexandre Herculano na *Voz do Propheta* imitou as *Paroles d'un croyant* de Lamennais, e Garrett no seu *Catão* o admiravel *Cato* de Addison—4.º que, com o mesmo Alexandre Herculano, provará que qualquer individuo póde usar do termo, do vocabulo por outro empregado sem que roube fazenda alheia—5.º que tanto admira Castellar que o sabe de cór, e que tendo este escripto dois livros sobre a Italia fatalmente lhe havia de pedir alôr—6.º que a sua *Italia*, d'elle respondente, é um simples elucidario ou guia de viajante, e que o auctor não blasona de sabio nem de litterarato—7.º que, apesar de tudo, no seu livro ha muita egualdade e harmonia de pagina a pagina—8.º que não occultou onde bebêra largos haustos visto ter a cada passo citado E. Castellar.

Se me é licito emittir opinião, direi que *A Italia* do Sr. Alves Mendes é um livro muito bonito, é mesmo um ramilhete de flores. Agora o que é prohibido é transcrever paragraphos inteiros sem a menor referencia a quem os produziu.

De resto uma coisa é um auctor *inspirar-se*, e outra *copiar* dos escriptos alheios.

Se assim não fôra não haveria o que chamamos as diferentes *escolas*.

Sem embargo d'estas reflexões sinceras, o livro que tão de relampago criticamos é uma obra admiravelmente corzida com muitissimas paginas originaes e d'um estylo a trasbordar d'encantos.



O plagiato vegeta em todos os paizes.
Não é d'hoje, nem d'hontem.

Vem de muito longe.

José Agostinho de Macedo encontrou nos *Lusiadas* muitos versos errados, por exemplo :

Canto I est. 53 verso 2.^o—Canto 1.^o est. 54 verso 8.^o—Cant. 1.^o est. 60 verso 8.^o—Cant. 1.^o est. 99 verso 8.^o—Cant. II est. 54 verso 8.^o—Cant. III est. 23 verso 8.^o—Cant. III est. 140 verso 2.^o—Canto IV est. 34 verso 2.^o—Canto IV est. 35 verso 2.^o—Canto IV est. 42 verso 8.^o etc., etc.

e alem d'isso aponta muitos logares que foram imitação d'outros poetas por exemplo :

Canto I est. 35—Canto II est. 23, da ENEIDA;—Cant. II est. 27, de ARIOSTO;—Canto II est. 53, da ENEIDA;—Canto II est. 61 da ENEIDA—Canto III est. 47 e 49 tiradas, mas não diz Macedo de quem—Cant. IV est. 36 verso 5 e 6 copia de STATIUS—Cant. V est. 1.^o verso 6 da ENEIDA etc., etc.

Advertiremos porem que algumas ligeiras comparações, de mais a mais traduzidas em optima poesia, não empanam o brilho d'um poema, ponderando se que esses tropos e figuras advem á linguagem como pensamentos de dominio commun.

Uma epistola notabilissima de Francisco Joaquim Bui-gre (62) mettendo no cadinho da analyse o poema *O oriente* de José Agostinho de Macedo prova-lhe os roubos feitos linha a linha ao immortal estro de Luiz de Camões. A destorria não podia ser mais completa.

Junot tomando Lisboa, e assujeitando Portugal, prometteu-nos n'um apice, como gulodice, quantidade de *Camões*, abrolhando pelas terras conquistadas. Foi um gracejo carnavalesco que teve desfecho positivo na «Convenção de Cintra.»

(62) Foi publicada, a pedido meu, no *Campeão das Provincias*, n.^o 2832 de 10 de Junho de 1880.

Voltaire, lendo uma traducção infiel, julgou Camões um vate mediocre (63). Humboldt e Proudhon ergueram-lhe os maiores elógios pela sua observação da natureza, e pelo assumpto social e humanitario.

Castilho, dentro da *Conversação Preambular* do D. JAYME, de Thomaz Ribeiro, propoz que os *Luziadas* sahisses das escolas primarias onde eram «intrusos e nocivos» (64). Camillo Castello Branco, n'uma carta dirigida ao editor Chardron ácerca da Biographia de Camões, e a respeito das *paginaas* que escreveu, disse-lhe:—«Não lhe prometto que sejam «bons porque admiro pouquissimo o poeta e não sei assoprar «a bexiga da admiração couvencional». (65)

No meio de tão encontrados juizos, que, por incidente, contrariam a influencia d'un genio immorredouro, o côro dos seus admiradores augmenta nas desgraças da patria, como um protesto de vida.

Ora vamos lá que quando uma epopeia, symbolisa com frenesi heroico a independencia d'un povo, é que o poeta attingiu a maxima grandeza de que a ideia pôde revestir-se em palavras, é que o cantor insigne, como um fanal nas rochas batidas da procella, allunia com intensidade e amor atravez dos seculos.

O entusiasmo é um filtro exclusivo do genio.



(63) Shakspeare foi tambem menospresado, por Voltaire «Je vais achever d'etriller Shakspeare». Carta a d'A Lambert, 1776.

(64) D. Jayme, pag. CI, segunda edição.

(65) LUGAN & GENELIOUX—«A defeza dos livreiros», folheto, 1886.

Pinheiro Chagas, n'uma apreciação que fez ao desempenho da *Torre de Babel*, aproveitou aquella aberta para, muito de passagem, escarpellar o roubo atrevido que na bagagem dos dramaturgos francezes tem praticado, sem vislumbres de pejo, os seus camaradas da Italia, Grã-Bretanha, e Hespanha.

D'aquelle chorumento artiguinho resalta que «DAVID CHIOZZONE, que (se me não engano, diz P. Chagas) é o auctor da *Torre de Babel* «forrageia no theatro francez, que é um regalo».

O D. Bernardo da comedia é o Su'picio da «*Seraphina*» de VICTORIEN SARDON». A *Suonatrice d'arpa* é calcada sobre todos os melodrammas francezes; e o *Ultimo adio* «é tão evidentemente imitado do *Marbrier* de A. Dumas pae, que «o auctor julgou que devia dar uma satisfação ao publico e «declarou que não conhecia a peça de Dumas quando escreveu «veiu a sua! Fatal coincidência!»

Na Hespanha EUSEBIO BLASCO expropriou o *Caprice* de MUSSET dando ao theatro o *Pañuelo blanco*, e na Inglaterra DION BOUCICAULT «não receia saltar nas obras francezas e «pôr-lhe audaciosamente o seu nome.»

No correr do anno de 1886 um phantasista estudioso, creio que *yankée* de nascença, engenhosamente fez os andaimes d'uma demonstração original, provando, a seu modo, que Bacon, o egregio philosopho inglez, conselheiro extraordinario da rainha Izabel e alto funcionario na côrte de Jacques I. é que foi o verdadeiro auctor das obras sublimes do grande Shakspeare. Não acompanharemos os vãos do critico porque as azas de que se serve affiguram-se-nos mais frageis do que as de Icaro, e temos muito medo das alturas.

Um outro paciente investigador, provindo da verde Erin, jogou um barão sobre a *Marselheza* de Rouget de Lisle, buscou estrangulal-a e advertiu os pontos de contracto que ha entre o hymno patriotico e alguns trechos de Racine.

Chères sœurs n'entendez-vous pas ?

.....

J'entends même les cris des barbares soldats.

Athalie Acto IV sc. VI

N'entendez-vous dans les campagnes
Mugir ces feroces soldats ?

Marselheza.

—
On egorge à la fois les enfants, les viellards
.....
Le fils dans les bras de son père

Esther, act. 1.^o, sc. V.

Ils viennent jusque dans vos bras
Egorger nos fils, nos compagnes

Marselheza.

—
Et comptez-vous pour rien Dieu, qui combat pour nous ?
.....
Dieu dont le bras vengeur etc.

Athalie, act., 1.^o sc. II.

Soutiens, conduis nos bras vengeurs
Combats avec tes defenseurs

Marselheza.

Se assim nos embrenharmos, n'estes cotejamentos subtile e excessivos, tudo são paraphrases e parodias, visto que nos hemos de valer das palavras d'uso commum que, desde o leite, até os iguorantes nos ensinaram, taes como aquéllas «braços» — «soldados» — «Deus» — e «sangue» etc. unicos termos que se egualam nos dois canticos em parallelo.

Alexandre Dumas, na cuspide da sua fortuna litteraria, não se dedigou d'acceitar a collaboração occulta d'alguns escriptores de merito, assim *As Duas Dianas* por exemplo, que trazem o seu nome na cancela de fóra, pertencem ao talento e cuidados de *Paul Meurice*, e teve de sustentar uma demanda celebre com *Auguste Maquet*, que o havia auxiliado em muitos romances.

André Laurie é apontado agora como um dos collaboradores occu tos de Julio Verne.

No *Gil Blas* de 20 de maio de 1884, o critico Xau deduzin contra Georges Ohnet o stygma de plagiario, porisso que o *Maitre de forges* é a apropriação do romance succo de M.^{lle} Emilie Carleu, publicado em 1846, com o nome de *Deux jeunes femmes ou un an de mariage*, e tambem d'uma novel'a *Vertu* de M.^{me} Darey, que ha poucos annos foi dada ao prelo na capital da Belgica.

Henri Rochefort intimou Ohnet a defender-se, e este, sem negar as analogias que se encontram nas duas obras, jurou piamente não ter conhe ido o romance scandinavio e citou em abono o que lhe succedeu com Octave Feuillet, que felicitando-o lhe dissera: — « Com franqueza estou desapontado; « trabalho n'um romance exactamente identico ao seu, e « agora é me impossivel continuar. »

E' trivial encontrarem-se duas physionomias semelhantes; é vulgar que dois peusadores esmerilhem e lapidem a mesma ideia.

Emile Cère no jornal *La France* vibrou sobre Catulle Mendès um golpe decisivo: — alcanhou-o de plagiario.

O delicioso estylista, que tantos contos imaginosos e poeticos tem trazido a lume, retorquiu que *Les larmes sur l'épée* não foram buscar nada ao *Orlando furioso* de Ariosto, mas sim á lenda, que deu origem ao poema italiano; em se-

guida allega que a tradição é um manancial inexgotavel onde todos podem saciar-se, e alem d'isso inquire quantas versões e ampliações tem produzido obras primas?

Assim Olivier de Serres inspirou a *La Fontaine* as aventuras da *Cigarra e a Formiga* e o apologo do *Lavrador e seus filhos*; os contos do grande fabulista são exactamente, na sua melhor parte, do *Decameron* de Boccacio e a *Jocunda* baseia-se no *Orlando Furioso*. Voltaire sobre o mesmo poema vasou alguns episodios da *Pucelle*. O proprio Ariosto foi tirar a *Boiardo*, os caracteres, as aventuras, quasi toda a obra, e dos romances da *Tavola Redonda* e da chronica de Turpin é que nasceu o primitivo *Orlando innamorato*. Corneille, escrevendo o *Cid*, entreteceu-o segundo Guilhrm de Castro, que se inspirou no *Romancero e chronicas*. Emile Deschamps nos seus romances sobre o *Rei Rodrigo e o conde Julian*, e Victor Hugo no seu poema *d'Aymerillot*, onde foram catar os materiaes? A lenda que é um baldio commun. Emfim a composição, a paysagem, o dialogo e o estylo podem tornar originaes ideias antigas repercutidas de voz em voz.

Mendes Leal (José) plagiou nos tres volumes dos *Bandeirantes* o *Guia do Deserto* de Paulo Duplessis. A scena do ultimo romance passa-se no Mexico, e a do primeiro nos confins do Brasil; ali o *guia* chama-se Joaquim Dick, aqui o *sertanista* usa do nome de Leonel Garcia.

Valentes tosas denunciaram o furto litterario, assignalando os pontos de semelhança e os logares de copia.

Foi um golpe terrivel á reputação do escriptor Cypriano Jardim o ter feito uma incursão no theatro francez, pondo no palco como sua — *A Pesca da Buleia*. Apareceu n'um camarote a viuva d'um tal Varella a protestar contra os applausos captados pelo Sr. Jardim, dizendo que a traducção nem d'elle era, mas do seu defuncto marido.

Emfim uma catastrophe!

Poderia dizer, reeditando Molière, como Voltaire, increpado e atagantado, respondeu a Piron:—«Je prends mon bien où je le trouve.»

Antonio Eunes foi accusado tambem de plagiario, affirmando-se que o seu drama *O Luxo* era uma sombra da co-

media em 4 actos, que com um titulo egual pertence a Julio Lecomte, e foi representada em Paris a 10 de Novembro de 1858.—Christina Forjaz é *Miladame Morel* dita e escripta, a Viscondessa da Amóra é a *Condessa de Barges*, Moura estuador é o *Durosay tapissier*, Thomaz Jones é o *Farju*, homem *d'affaires*.

Este *arreglo* teve acres censuras, mas suppomos, em boa fé, que não será o ultimo que hade acontecer nos bastidores portuguezes, tão afeitos a presencarem traducções mascaradas n'este euphemismo suave: IMITAÇÕES.

Molière tirou o *Médecin malgré lui* d'uma collecção de *fabliaux* do seculo XIII, segundo as investigações do dr. Perron de Besançon, e nas *Fourberies de Scapin* roubou descabelladamente o *Pedant joué* do famoso gascão Cyrano de Bergerac com a simples differença que *Scapin* era *Corbinelli*, e *Geronte* era *Granger*.

Das «Noites fáceiosas» do Straparole tirou Molière muita passagem já feita, dando-lhe apenas côr, character e estylo. (66)

Shakspeare buscava a sua invenção em novellas ordinarias d'authors ou «mediocres», ou «obscuros», ou «detestaveis» como observa Theophilo Gautier, e como deixo provado nas paginas d'este livro, que, a despeito do leitor, teimo de classificar entre os optimos.

A posteridade, isenta de ciumes e de malignas sordidezas, me proferirá sentença favoravel n'este pleito, collocando este repositorio de segredos, hyperboles, e artificios, entre os luzeiros dos seculos.



Na repartição d'um governo civil apresentam-se marido e mulher a solicitar passaporte. Um empregado todo almis-car, e todo delicadezas, interroga a esposa com urbanidade sobre os pontos essenciaes.

— Que signaes *particulares* tem, minha senhora?

O marido com reticencias e cheio de pudor.

— A respeito dos signaes que ella tem, desejava que me poupasse confessional-os.



O general Z. era um bravo.

Na pelle d'aquelles setenta e dois annos alojava-se a coragem indomita d'um heroe.

Era vel-o carregar a frente do regimento de couraceiros, encarando com impavidez o granizo das balas.

— E afinal?

— Afinal morreu de Krupp (crúp), exactamente como uma creança.



Questionavam accesos tres negociantes e um morgado. Desavieram-se em palavras e o ultimo com os olhos coruscantes e a ira nos labios, aprumado a bengalão formidavel, disse para os tres n'um repente:

— Bestas! camellos! asnos!

— D'esse gado, ripostou um dos aggreddidos é V. Ex.^a o *mór gado*.



PEQUENO TRECHO DE PHILOSOPHIA AO ALCANCE DOS ESTUPIDOS.

— Quem fez as nuvens, as noites do luar, o sussurro das florestas, os fremitos do oceano, as flores, a agua, tudo quanto ha bello e grande?

— Deus, é claro.

Visto que é tão claro, perguntarei quem fez o rheumatismo, as ulceras, as dores, a miseria, os terremotos, e as catastrophes?

— Deus, é claro. ELLE escreve direito por linhas tortas.

— Era melhor, hade convir, que escrevesse por pauta.



Um sujeito encarecendo e impingindo a um *dentista* uma terra lavradia, com o seu eido e casa sobradada, diz-lhe de frente da horta, com um gesto d'imperador romano:

— De mais a mais convem-lhe ao Sr. como a ninguem.

E' uma excellente terra para *dentes*.

O comprador extactico, mais que Santa Thereza de Jesus:

— Para dentes?!

— Sim para *dentes*... d'alho.



CURIOSIDADE — attributo intrepido 'do bello sexo. Faz parte integrante da sua occupação, e constitue o nó vital da existencia das mulheres inconsoladas, que o amor despresou.



Um brasileiro singelaço dizia a um brasileiro esperto:

— Registei ha dias uma mina de manganez, mas o que desejo é *empatar* o tempo.

— O' diabo essa exploração está-te a calhar, se n'ella te mettes *empatas* (em patas.)



PROLOGO

1.^o e 2.^o *personagem* — O sr. F. manda-nos pedir-lhe uma *satisfação*.

3.^o — Todas as que queira.

1.^o e 2.^o Pelas armas.

3.^o — Ao seu dispor.

EPILOGO

(Partem dois tiros e morre o offendido).

Vozes no palanque :
Olhem que «satisfação» !



— Não me liga importancia nenhuma, despreza me, e eu por ella sou capaz de dar algum tiro nos miolos.

— Mas já lhe escreveste ? Já te respondeu ?

— Já, e por signal que me brindou com uma descomponenda, declarando-me a sua aversão sem limites.

— O defeito, crê, foi da tinta, escreveste-lhe com tinta commum, escreve-lhe agora com tinta *sympathica*.



Não se admire, Ex.^{ma} Sr.^a, da minha vontade de seguir a carreira diplomatica e da minha esperanza de pertencer ao pessoal d'uma embaixada. Deve lembrar-se V. Ex.^a que Eneas cantado por Virgilio fez grandes cousas, mas foi a *Dido* (addido).



A'cerca d'um sobrinho do papa Paulo II, eis o que conta Mery (67) estribado no latim allemão de Paulo de Potter.

« Esse sobrinho pontifical, joven, e doidivanas, ia de
 « cidade em cidade com um bando de scepticos e cobrava
 « contribuições indirectas sobre a castidade das infieis. Um
 « dia entrou na cathedral de Pistoia no momento em que o
 « bispo officiaua; o bispo tinha vinte e cinco annos. E' in-
 « possivel dizer a ideia que atravessou o cerebro do sobrinho
 « papal, e ainda menos o effeito que seguiu a ideia. O es-
 « candalo foi grande em Pistoia; dirigiram uma queixa ao
 « tio, o papa Paulo II, o qual, ouvindo tranquillamente a
 « narrativa do caso, disse sorrindo :—«E' preciso desculpar
 « a mocidade !»

A protecção dada pelos soberanos pontifices aos *sobri-
 nhos* fez inventar a palavra *nepotismo* (que deriva de *nepos*,
otis—sobrinho) significando «valimento excessivo dos sobri-
 « nhos ou parentes dos papas com o favor d'estes.»

Assim se exprimem em theoria os dictionaristas desde
 Bluteau até Constancio.

Eu fui buscar um exemplo sensivel e practico a uma das
 gavetas da historia.



No caminho de ferro:
 — Partes? aonde vais?
 — A' capital.

— Sim !? traz-me então uma flôr de *lix...* *boa.* (68)



- Mas quem escreveu ?
- Foi elle, entretanto eu é que fiz a *norma.*
- Bravo ! dou-te os parabens, meu caro *Bellini.*



«... Por serem as obras proprias pays melhores, que os que da natureza se recebem.»

São palavras de Jacintho Freire de Andrade.

« O nascimento em todos he igual, as obras fazem os homens differentes.»

Phrase do mesmo auctor.

« Creyo que com injuria da natureza criaram novas leis

(68) Dizemos nós:— *Quem não viu Lisboa não viu cousa boa*— Dizem os hespanhoes:— *Quem não viu Sevilha não viu maravilha.*— Bradem ainda que nos não parecemos na indole e na hyperbole.

• os poderosos, em que não só fazem hereditarios os morgados, mas os merecimentos.» (69)

Pomos estes tres trechos classicos em paralelo, sem arrazoados e refertas para edificação das gentes e tempero de programmas democraticos.



— Os millionarios com as arcas, tulhas, e cofres a regorgitarem de pecunia, generos, e divicias, são no meu modo de entender «os homens mais sabios do mundo».

— Esse é um disparate graudo que se não póde engalir sem prévia explicação. Aguardo-a.

— Ella ahí vai. «Percebem» das casas contos e contos; «percebem» das terras dezenas de contos, «percebem» de fóros moios e moios; «percebem» de papeis de credito avultadas sommas; «percebem» de syndicatos, negociatas e jogos de bolsa, alqueires de libras; enfim, para tudo dizer n'uma só phrase... «percebem de tudo».



Borboleteando d'assumpto em assumpto.

Não virá a descaso celebrar n'este momento urgico a propriedade e enchanças do proloquio francez

(69) Vida de D. João de Castro, pag. 2 — pag. 128 — e pag. 421.

Chassez le naturel, il reviendra au galop

Por exemplo :

Um tolo veste-se de peralvilho, frequenta bailes, discute em cafés, casa rico, ascende a titular, rescende em perfumes, emfim disfarça-se em *pedaço d'asno* (só PEDAÇO, note-se).

Na primeira questão que tem com o primeiro adventicio apára logo pe as bochechas este dardo, mais venenoso do que a *acqua-toffana* dos Borgias ou que a cicuta, que matou Sócrates :

— «Você é um asno!»

Na hierarchia da palermice sóbe de galope todos os póstos.



Uma rapariga casada, soffrivel e pobre, mais doce do que o mel do Hyanto, dependurando-se ao pescoço d'um sr. alferes :

Amo-te loucamente !

— E teu marido?—inquire receioso o bravo militar.

O marido entreabrindo a porta do quarto com a solemni-
dade d'um patriarcha:

Eu consinto.



Perfumem a bocca com as fumaradas compridas dos seus *narghilés*, se os teem, e oiçam á puridade.

Uma redondilha castelhana, lembrada em varios conflictos de partidos, é a que metto em fórma na linha seguinte :

Vinieron los saracenos
Y nes molieron á palos
Que Dios ayuda a los malos
Quando son mas que los buenos.

Quando, depois do seu advento, os sarracenos zurziram as costellas patriotas dos futuros hespanhoes e portuguezes já contavam que os primeiros fossem ao Mexico com Fernando Cortez, um soldado de fortuna, pôr em practica a ambição desmedida e terrível d'um aventureiro, roubando, e assassinando, e ao Perú com Francisco Pizarro, um guardador de pórcos, e Diogo Almagro, um engeitado, commetter toda a casta de atrocidade e cubiça, e outrosim que os portuguezes attingissem a Asia n'aquellas celebres expedições e jornadas, que constituem um capitulo muscular da Historia de Portugal do sr. Oliveira Martins, com o título *A Viagem da India*, e que foram uma dysenteria de feitos heroicos, epicas bravuras, e um caudal de torpezas, e villanias nojentas.

Como este mundo é fraudulento e abominavel! monstruosa sangoeira d'onde, a todo o transe, pullulam desgraças! Cebo!

(E' a unica intergeição de geito para arvorar n'este sitio).



D'uma senhora que se decotava immenso, a pretexto de qualquer baile mediocre, disse alguem:

--- Fulana traz sempre os peitos na *montre*.



— Eu que já tive quinze dias de cadeia clamava um typo de graça, declaro lhes que não ha nada peor do que uma *prisão de ventre*.



Levanto a antiphona, e arrasto á claridade do sol este artigo-miniatura, escripto *à la diable*.

Contam muitos viajores da Africa, com toda a plausibilidade dos seus aranzéis geographicos, que é frequente nos sauzalas e aringas do interior os regulos e sóbas duvidarem da côr natural da gente branca, porque lhes parece incrível que o astro do dia não chamusque por egual todas as raças,

John Bull, empunhando o *thyrsos* e gritando *evohé!* passa, com justa fama, por ser cruel nas suas extensas colonias, exterminando *systematicamente* os indigenas, mas eu vou reabilitar a Inglaterra, muito depremida no conceito das nações generosas.

Os nossos missionarios convertiam os infieis lavando os no baptismo.

Os inglezes convertem os *pretos*—(milagre infallivel)—em *alvos*... dos seus tiros.

E' tambem uma conversão abreviada.

Segundo a doutrina de Monrõe *A America para os Americanos* vê-se que JONATHAS (os Estados-Unidos) é muito mais comedido no seu appetite voraz do que o primo *John Bull*, inventor do ferreo e insolente aresto:

— O mar é um lago inglez, e toda a terra onde não trapeja uma bandeira é egualmente britannica.



A idolatria vai tão longe que, n'uma parochia do concelho de Anadia, existe, desde muito tempo, una imagem, intitulada Nossa Senhora do Bom Leite, com um dos peitos de tal fôrma proeminente, aleitando uma creança, que um mordomo, por um notavel, melindroso e intempestivo pudor, chegou a escandalisar-se contra a plastica divina e mandou que escavacassem o seio, reduzindo-o a proporções mais modestas.

O povo da freguezia quando deu pela mutilação heretica por pouco não brindou o mordomo abelhudo e intromettido com uma formidovel tosa, para que de futuro soubesse respeitar a inviolabilidade do peito descommunal da Virgem.

Hade regular por dezeseis annos que eu e dois patricios meus fomos a Coimbra vêr os festejos de Santa Izabel e depois d'uma visita aos museus, andámos á cata das raridades e bellezas da cidade com a faina e folego d'archeologos. De traz d'uma porta carunchosa com gonços pèrros, e junto de umas credencias carregadas de talha, encontramos na Sé Velha uma «Nossa Senhora dos Partos» dotada d'uma barriga monstruosa, com o relevo proprio do ultimo periodo da gravidez.

Embora me excommunguem, sou forçado a dizer que não podêmos deixar de nos rir a bandeiras despregadas, salpicando de chistes e bordando de zombarias tão extraordinario encontro.

A VIRGEM MARIA pela afflicção dos fieis e pela devoção dos afflictos é conhecida na terra com numerosas invocações.

E' assim que ha Nossa Senhora das «Dôres», das «Candeias», da «Conceição», do «Pranto», da «Guarda», do «Carmo», do «Rozario», da «Escravidão», da «Piedade», da «Apresentação», dos «Navegantes», das «Febres», das «Nevés», da «Graça», do «Soccorro», etc., quando é evidente que no céu, segundo melhor crença, não existe senão Uma com os pés firmados sobre as estrellas, com a sua roupagem talar marchetada de saphyras, com a sua voz tão doce como o nectar das flôres, e o sopro embalsamado da viração, tão forte como o estrondo das grandes aguas, e com a sua au-

reola igual ao latão firo quando se esbraseia n'uma fornalha ardente, e cujo olhar trespassa d'um golpe o aço bruni-do e amansa as ondas mais bravas do oceano.



— Então Rafael Bordallo Pinheiro pinta louça na sua fabrica das Caldas da Rainha?

— Pinta, sim sr.

— Mas como se explica esta reviravolta do nosso gracioso compatriota?

— Depois de ter posto os *pontos nos ii*, *vae pôr tudo em pratos limpos*.



✓

Episodio reynol.

A mulher de Polydoro é mal procedida; dois typos questionam o silencio do marido.

— Então elle que faz? Estas cousas ordinariamente só-bem á cabeça.

— E' certo.

— Entretanto como supporta elle isso sem contestação?

— Supporta, mas *contesta* (com testa).



• Que prazer e ufania saber que Victor Hugo toma café
« como qualquer de nós. »

Esta exclamação prodigiosa traussudou-a Pinheiro Chagas nos seus *Ensaíos Críticos*. (70)

Correlativamente disse alguém este axioma de sete maravilhas—« Não ha grande homem para o seu creado de quart ».

E isto é tanto mais verdade quanto é certo que Plutarcho não descreve as acções *mínimas* dos seus heroes. O epico não se coaduna com o vulgar, e sem embargo a natureza tem *urgencias* que se não cantam em verso, nem se diluem em prosa.

A Michelet foi muito criticada a phrase extravagante com que depois de patentear a emaranhada teia diplomatica tecida por Napoleão I sobre o mappa da Europa em som de guerra, descreve n'um momento solemne o desenlace d'uma molestia perturbadora do imperador côrso, cuja morte, a realisar-se, acarretaria completa mudança de scenario.

Na angustia e expectativa universal succedia um acontecimento trivialissimo, porém notavel

« *Entretanto*, disse Michelet, Napoleão *pissait* ». (71)

(70) Logar citado, pag. 330.

(71) A que les a quem a rudeza do termo *agonie*, cite-lhe este trecho das *Viagens de Gulliver de Swift*, traduzidas pelo Abade Desfontaines. 1.^a Parte—« Je me trouvais en etat de me tourner, et avoir le soulagement de pisser » etc., por signal que aquelle acto em Lilliput foi equiparado ao dilavio.

Quando Gargantua demoliu o castello de Vede « sa jugement pissa pour se lacher le ventre; mais ce fut en telle abondance qu'elle en fit sept lieues de déluge. . . des ennemis furent en grand borreur noyez ».

RABELAIS L. 1.^o capitulo XXXVI.

A phrase—*Grain de sable de Pascal*—significa que um

Ouvrinavt; bem que peze á HISTORIA que se escreve em letras d'ouro, a humanidade é fragil e a natureza tem urgencias.

Julgo ter demonstrado a exactidão do theorema.



Grinalda de factos.

Uma quadra hespanhola estreme, feita de massa d'alcorce, serviu de negaça e fez as delicias do publico lisboeta quando a Judie, essa mimada actriz franceza, visitou a nossa capital pela vez primeira.

Dos besos tengo en el alma
 Que no se apartan di mi
 El ultimo de mi madre
 El primero que te di.

Os applausos choviam dos canarotes, voavam da plateia e não seremos nós a coarctal-os.

Os beijos tem produzido comboios de poesia discreta e de versalhada brejeira.

pequeno obstaculo póde gerar grandes factos e allude a um ponto dos *Pensamentos* que diz «Cromweel ia assolar toda a christandade, a familia real estava perdida, e a sua absolutamente poderosa se não fosse um *grão d'areia que se lhe atravessou na uretra.*» E sabido que Cromweel morreu de *calculos... da bexiga.*

Póde vêr-se tambem o curioso episodio do *Manneken-Piss*, palladio de Bruxellas, nas *IMPRESSIONS DE VOYAGE Excursions sur les bords du Rhin*, de ALEXANDRE DUMAS, T. 1.º, pag. 30.

Não ha modo de poder contar-se quantos poemas, quantos romances se tem principiado á luz d'um beijo.

O beijo é um talisman, e um salva-conducto.

Nas estrophes mais aerisoladas, no rythmo mais licencioso quantas vezes se tem arejado a utilidade do beijo, que é, a bem dizer, a chave principal do amor.

A proposito de chaves, não devo esquecer aqui um dito muito elogiado de Julio Fabre, gnoma que talvez sirva de commentario profundo ao trecho enthesourado n'esta lauda.

No tempo do segundo Imperio tractava-se, em audiencia, d'um casamento do *high-life*, não consumado por capricho da esposa. Julio Fabre aventou n'essa occasião uma eloquante apostrophe, onde ia o seguinte periodo :

«O casamento foi sobretudo instituido para renovar incessantemente a ordem social. Saiba, minha senhora, que não é licito ás mulheres deixarem enferrujar a *chave das gerações*.»

Esta ironia foi o assumpto palpitante de toda a França, durante quinze dias.



Luiz XV, blindado no seu egoismo, ao sentir a derrocada, que ia em volta do seu throno, construiu esta phrase caracteristica :

«*Cela durera toujours autant que moi, et après moi le déluge.*»

O reinado d'aquelle monarcha era um palliativo para a catastrophe.

Schopenhauer, philosopho tudesco, nado em Francfort,

Fidar-se é bene. ma sfidar-se é meglho.

E' um conselho que damos, de graça, a todos os homens casados.

A expressão em quanto o *diabo esfrega um olho* tem a seguinte origem:

Farto Satanaz de ouvir os maridos queixarem-se das infidelidades das consortes, suggeriu na idade media aos castelliões o pensamento dos *cintos de castidade*, especie d'embudo proprio a açaimar os impetos da carne do lado do sexo fragil, e como ainda os clamores dos atraçoados continuassem, promptificou-se o principe das trevas, o autoerata de todos os infernos, a vigiar o comportamento d'uma esposa para demonstrar ao universo que os casos repetidos d'adulterio provinham dos maridos não serem attentos ao seu posto natural de sentinellas.

Imaginem o diabo d'atalaia, expedito a repontar com os chavelhos contra os flagicios de qualquer alfenim ousado que cubiçasse provar d'aquella esposa defesa! Pois apesar de todas as cautelas, e depois de alguns dias d'uma vigilancia cerrada, um argueiro pequenino obrigou o diabo a esfregar um olho e tanto bastou para que, quando o abriu, visse o que nos não é licito referir n'este lugar,

Camillo Castello Branco na *Espada de Alexandre* fecha-se com este paragrapho, discutindo o caso do adulterio da mulher :

« Não lhe façás nada, deixa correr o marfim. »

e no principio do opusculo discute com um fabulado Raymundo a hypothese ciepa nos termos seguintes :

« Redarguia s. ex.^a que a mansão conjugal não é açougue, nem a esposa vacca, nem o marido magarefe. Recalcitrava v. s.^a que a esposa devia considerar-se vacca, desde que o marido era boi. »



✓ Um homem ativo n'um dia de purga, quanto mais alteia (*althêa*) mais se abaixa.



✓ O conselheiro Y é tão semsabor que quando toma banhos na Granja, o mar fica inosso todo o dia.



✓ D'um orador que no parlamento lardeou o seu discurso d'innumeras citações disse um typo :

— Aquillo não é tribuno, é um official de diligencias.



✓ Pascal lapidou a seguinte phrase que é um verdadeiro monumento na historia dos pensamentos immortaes :

«A sciencia é uma ignorancia consciente de si mesma.»

Joga com esta ideia a paraphrase popular :

«A ignorancia é muito atrevida.»

Correlacionando estas proposições, que se completam, deparamos com uma conclusão d'este jaez :

A sciencia é humilde como o musgo raasteiro no tapete das florestas.

A parvoice é espaventosa como um bólido que estrala no firmamento.

Sculptorum infinitus est numerus

conclama-se nos livros.

Entre a multidão de parvos que conhecemos é sempre bom contar com uma vaga a prehencher... em que talvez caibamos.

Nosce te ipsum! estava escripto com palavras gregas no frontão do templo de Delphos.

Xavier de Maistre escogitou dentro de nós uma parte essencial, que denominou *a besta*, e quantas pessoas, mimo sas gentes da fortuna e da felicidade, não ignoram os coice que despedem ?

Tasso esteve n'um hospital de doidos, e o insigne poeta de Sorrento é uma das glorias puras da humanidade.

Se todos os alienados fossem reclusos em casas fortes—que espectáculo divertido!—quantos poetas e bohemios fariam sentinella a maguetes e a academicos ?

Eu não lhes farei a conta.

Já houve quem ensandecesse por querer deslindar a causa que produzia *Jupiter* no nominativo, e *Jovis* no genetivo da declinação latina.

Eu declino... mas é a honra de resolver o problema arithmetico que annunciei.

Que a ignorancia é atrevida nas suas rodamontadas, isso brilha como nodoa escura posta em setim claro.

Não d'outro modo aconteceu quando os pintores e quejandos, ao serviço da religião, deram a Jehovah uma longa barba cerrada, alvinitente, tão espessa e consideravel como as dos reis merovingios.



PARLAMENTARISMO—optimo realejo, que percorre as ruas da amargura, estafado pelo abuso da rhetorica.



Pylades foi o *alter-ego* de Orestes.
 Ephestion foi o *alter-ego* de Alexandre Magno.
 Isto corre pelas folhas da historia,
 E' por isso que relato um ponto digno de narrar-se em
 linguagem laureada e campanuda.

O Conselheiro Eustachio Bonifacio, assoprando as bochechas, costuma declamar as virtudes hyppicas do seu cavallo rucilho atavonado, e elogiando os serviços que lhe presta termina sempre com esta bomba real :

E' o meu *alter-ego*.



As chavenas d'almoço no restaurante do Entroneamento tem esta enorme, hórrida e solemne difficuldade—«Para se « almoçar é necessario poder com ellas e para se poder com « ellas é necessario ter almoçado.»



Diz Luiz de Magalhães no seu *Brasileiro Soares* :

« Manuel Soares era um babado com mulheres, como es-
« perto, foi sempre por ellas que se fez gente. » (75)

E' clare !... é claro !



Que admira que haja tanta esposa trega e enganadora?
Quando um sujeito casa dizem-lhe logo que escolheu
consorte (*com sorte*).

Poucos zelando o thalamo espostejam em forçura as en-
tranhas da conjuge.

Não são vulgares os D. Jaymes de Bragança que ma-
tam mulheres, como D. Leonor de Mendonça filha dos Du-
ques de Medina-Sidonia (1512) por desconfianças d'um moço-
fidalgo, de nome e appellido Antonio Alcoforado, cevando
no sangue dos adulteros a pureza da estirpe. (76)

O matrimonio é uma canga; a palavra *conjuges* o diz:
jungidos ao mesmo jugo.

A nostalgia do casamento atirando com bastantes espo-
sas ao precipicio do adulterio torna estas considerações so-
turnas d'um realismo inflexivel. Desenganem-se :

O matrimonio é... uma canga.



(75) *Brasileiro Soares* pag. 22.

(76) Pinheiro Chagas—Historia de Portugal T. 7.º
pag. 368.

Um estúpido jogando :

— Fiz agora descartes.

— E' impossivel, disse a meia vez uma dama presente, *Descartes* era muito fino para sahir de semelhante animal.



— O nosso paiz é abençoado; é ver quanto macrobios existem em Portugal.

— Não eonsta que haja muitos.

— Não consta?! meus caros amigos consultem a estatistica. Quantos padres e freiras existem? vinte mil, supponhamos. Pois bem, todos os outros habitantes são... *seculares*.



TINTEIRO—deposito d'onde tem gorgulhado com impeto revoluções, asneiras, e lascas de civilisação.



O escriptor inglez Arthur William

-
- Narcoticos* de Camillo Castello Branco T. 1. pag. 9 e 102.
 Luciano Cordeiro—*Soror Marianna* pag. 98; este mesmo escriptor acaba de publicar uma monographia intitulada
 —*A Senhora Druqueza*, cujo assumpto é este ponto.
Cavar em Ruinas, de Camillo Castello Branco pag. 30.

«... Costigan ainda nos diz mais alguma coisa. «D. João V gastou o seu tempo na companhia ou de padres ou de mulheres. Na velhice para se tornar mais proprio para a companhia d'estas, fazia uso das cantharidas, cujos effeitos o debilitaram a ponto que o pozeram n'uma continua desordem.» (77)

Cyclo de sensualidade, pietismo e magnificencia não admira aquelle recurso ás drogas. Talvez venha d'ahi a phrase *dar em dróga*.

«O dia gastava-o abrindo a bocca deante das conferencias dos ministros e perguntando de vez em quando quanto rendia a caixa das almas, como nol-o pinta Alexandre de Gusmão; as noites passava-as violando as freiras de Odivellas como o revela Frei João de Sam Jose Queiroz.» (78)

O romance historico de Rebello da Silva—*Mocidade de D. João V*, desenha os primordios d'este monarcha, que tanto amava a prodigalidade, as femeas e o canto-chão. O consciencioso investigador Ribeiro Guimarães no *Summario de Varia Historia* descreve com minudencia a camara de Odivellas onde estanciava Madre Paula, a amante predilecta do rei.

O Papa chegou a escrever a D. João V pedindo-lhe que affastasse o escandalo d'aquelle recolhimento, que com as suas tresentas mulheres, pelo calculo do Duque de Chatelet e nas suas palavras, era um harem, apreciação corroborada n'am dito do D. Abbade de Alcobaça, e n'outro identico de Camillo Castello Branco. (79)

(77) *Portugal na Epoca de D. João V*—de Manuel Bernardes Branco pag. 143.

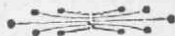
(78) *Historia da litteratura portugueza* — Introducção —Theophilo Braga pag. 336.

(79) *As minhas queridas freirinhas de Odivellas* por Manuel Bernardes Branco pag. 395, 135, 348, e 355.

Os sermonarios, os agiologios, as publicações ao divino, que n'aquellellos tempos vieram á estampa, devem ter tido follego para metterem no ceu um rei tão mãos largas com egrejas e freiras.

A patriarchal tinha 400 figurantes. Um patriarcha, 24 principaes, 72 prelados, 20 cônegos, 73 beneficiados, mais 30 mestres de ceremonias, acolytos e capellães. Importava aquelle batalhão em 300 contos por anno. (80)

Para nada faltar a D. João V tambem teve um Camões (mas o do *Rocio*) o corregedor Caetano José da Silva Sotto Mayor, auctor da *Martinhada*, notavel poema erotico, dirigido contra a luxuria de fr. Martinho de Barros, confessor d'El-Rei.



O escandalo é como a flôr do lotus, que sobrenada esparrramado na immundicie dos paues, entre o coaxar das rãs, que o festejam e aclamam, se o não salteiam e emporcálham.



Um tenente d'artilheria depara n'uma frisa do theatro de S. Carlos o seu coronel e a um seu amigo que lhe per-

(80) Historia de Portugal de Oliveira Martins T. 2.^o pag. 123.

guntava qual o merecimento do commandante, respondeu tecnico :

— Bem vês, é um perfeito *cavallo de frisa*.



Bivaquemos.

Desejaria fazer dos prélos uma maquina de extravasar engenho em borrifo de pilherias.

Ao arrepio d'esta cubiça os leitores adormecem-me opiados pelo tedio e canção dos alcantis atrazados.

Sus! Leva arriba!

e na supposição de que se acham dispertos continúo :

« Porque considerado o trabalho de escrever, os des-
contos que a escriptura (ainda a mais acertada) tem por
premio de juizos torcidos & muitas vezes errados de quem
lê, se não houvera instincto do Céu que movera espiritos,
fóra impossivel haver nenhum sizudo que se sugeitára a
tamanha carga».

Expressões de Fr. Luiz de Souza :

Juizos torcidos !...

Eça de Queiroz na defeza do «Crime do Padre Amaro» que alguém ou alguns, brotados d'algures, diziam plagiato de «La faute de l'Abbé Mœuret» arremeçou este dardo venenoso sobre a inepecia capciosa dos atrevidos

«Só uma obtusidade *cornea* etc.» poderia afirmar que o «Crime do Padre Amaro» publicado em 1874 era parodia da «Fante de l'Abbé etc», publicada em 1875.

Aquelle eplitheto vale um poema, assim como a palavra «verborrhêa», inventada em 1888 pelo auctor do «Primo Basilio» constituiu um padrão de gloria e do idioma para cara

eterisar um fallatorio emblematico e harmonioso, talvez, mas sem proveito real, menos util, emfim, do que um par de botas.



ERARIO—mamifero de grandes uberes sobre quo se teem atirado com gana os mais desenfreçados mamões.



Utilidade da logica no programma dos lyceus.

Vou demonstral-a em 11 palavras alheias.

« No nosso paiz são frequentes as faltas de «logica» nas estradas.—Julio Diniz.» (81)



O Padre Antonio Carvalho da Costa, author da notavel «Corographia Portugueza», refere (82) que nasceu em Es-gueira (a kilometro e 1/2 d'Aveiro) na familia dos Pachecos una menina de nome Maria Pacheco e

(81) «Morgadinha dos Canaviaes», pag. 10,

(82) «Logar citado». T. 2, pag. 81.

« Era esta donzella de quatorze annos de idade, quando
 « ao impulso de um salto casual se achou de repente troca-
 « da em perfeyto Varão.» (83)

Miguel Montaigne nos seus *Essays*, Cap. XX. T. 1.º pag. 45 conta a historietta d'uma mulher de Vitry le François, chamada Maria, a qual aos 22 annos, por um salto que deu, se mudou em homem, a quem o bispo de Soissons poz até o nome de Germano «et est encore en usage entre les
 « filles de là, une chanson par laquelle elles s'entradventis-
 « sent de ne faire point de grandes enuimbecs, de peur de
 « devenir garçons, comme Marie Germain.»

Leio com espanto no *Exame das Viagens do Doutor Livingstone* por D. JOSÉ DE LACERDA (84) que o illustre pioneiro da Africa Austral, apoiado em Humboldt, se maravillava na crença de que alguns homens pôdem, n'uma commoção violenta d'amor paternal, amamentar creanças.

D. José de Lacerda entôa a reprehensão ao medico e theologo escossez de Blantyn advertindo-o que não ha lugar para assombros, e despede com sobrececho estes argumentos:

Na *Ethiopia Oriental do Padre João dos Santos* citam-se factos repetidos de muitos cafres darem de mamar a seus filhos.

Physiologistas modernos como *William Carter* estão d'accordo com esta curiosidade da natureza. *Longel* não fica atraz, asseverando que ha muitos casos de secreção leitosa e tambem de aleitamento, observados em homens.

Vejam agora os sabios da escriptura
 Que segredos são estes na natura. (85)



(83) Corrobora o caso com AMATO LUSITANO.

(84) Logar citado pag. 120 e seguintes.

(85) *Iuziadas*—Cant: V est. XXII.

A' cabeceira d'um doente, quasi moribundo, apresenta-se o facultativo.

A familia interroga o Galeno ácerca da gravidade do caso :

O MEDICO—*Sente-se* bem.

O DOENTE—*Sinto-me* pessimamente.

A FAMILIA—Como é que elle se sente bem, achando-se n'este estado ?

O MEDICO—O que eu digo na minha é que esteja *sentado*.



DEUS ARRANCOU O MUNDO DO CAHOS

Sen nebulosidades e sem contemporisações, affirmâmos que, apezar do rastro de relampagos e das evoluções tacticas dos theologos e das combinações da estrategia superior da milicia sagrada, onde os Balow, os Jomini, os Lewal, os Moltke, os Von der Goltz se esforçam de provar a belleza d'este jardim harmonioso, que se chama terra, comigo dizem todas as escolas philosophicas que o mundo ainda não emergio do cahos, precisa concertos extraordinarios reclamados pelos inquilinos, mas o Senhorio é que se não resolve a metter obras

Fiant LUMINARIA in firmamento caeli.

Genesis—Cap. I vers. 14.

Deus pôz luminarias antes do tempo, supponho eu.



Entre duas senhoras da grande roda, uma das quaes casada, e em vespereas do seu primogenito:

— Mas sempre acompanha seu marido até França e Inglaterra?

— Sim vou até Marselha, d'ali a Bordeus, não esquecerei Lyon, e depois com certeza...

— *Pariz*, não é verdade? acudiu zumbindo malicia a outra interlocutora.



Lição de geographia:

— Qual é o Estado mais feliz da Europa?

— E' o estado de S. Jorge.



POLITICA—esterquilino onde fermentam as peores paixões, commandadas pela habilidade, e desfarçadas em patriotismo.

Os tyrannos, os conquistadores e os grandes estadistas são tortulhos bons ou venenosos, que rebentam d'este monturo.



« O inferno do mundo excede o inferno de Dante porque
 « na terra cada individuo deve ser *diabo* para os vizinhos, e
 « porque ha ainda um archi-diabo, superior aos outros que
 « se chama o *Conquistador*, o qual colloca centenas de mi-
 « lhares d'homens em frente uns dos outros, gritando-lhes
 « — *Soffrir, morrer é o vosso destino, logo fuzilem-se e ca-*
 « *nhonciem-se uns aos outros*»—e de facto assim o executam.»

São palavras de Schopenhauer. (86)

Este philosopho tu lescio, vandalo, godo, wisigodo ou ostrogodo demolidor, arvora nos seus livros, cheios de humo-
 rismos e claridades, o labaro d'um pessimismo sem mesela.

Sardonico e descontente tange uma fanfarrã de destruição, e tendo estudado nas Universidades de Gœtingue e Berlin variadissimos ramos de conhecimentos tambem estudou flauta e guitarra.

Este toque aproxima-o do bairro de Alfama, e torna-nos sympathico o grande taciturno, e sonoro casmurro.

Em abono da verdade o philosopho nunca soube dedilhar um *fado*, e mesmo o seu forte não foram as cordas d'arame.

Designava-se poeticamente um *cholerophobo de profissão*, fugindo de Berlin, deante do flagello em 1831. Tinha amor á pelle e as visceras.

A morte, egregio libertador da angustia, poupou-lhe um transe doloroso, recordando-se talvez da divisa que elle adoptara d'um satyrico gaulez

Nada temo, excepto o perigo
«Je ne crains rien, fors le danger».

Querem archivar o motivo porque Schopenhauer padecia d'um scepticismo negro que lhe dava sombras, terrores, e trevas em tudo?

(86) *Pensées et fragments*—collecção e traducção de Bourdeau pag. 75.

— E' porque nasceu em Dantzig a 22 de fevereiro de 1788.

— E então ?

— Foi uma *sexta-feira*.

Barafustem e digam ainda que não ha dias aziagos.

E' o que se deprehende tambem das primeiras palavras do capitulo XXVIII da *Fabiola*, intitulado *O dia critico*, do cardeal WISEMAN :

« Ha dias criticos na vida do homem, como na do genero hu nano ».



Claudio Civilis, affirma Ramalho Ortigão no seu guia intitulado *A Hollanda*, foi uma especie de Viriato hollandez, que inundou a Batavia, arrombando o dique erguido por Drusus, sem conseguir deter os progressos das cohortes romanas.

Aquelle heroe, insigne compatriota do queijo flamengo, era cego d'un olho, exactamente como Horacio Céciles, como Annibal, como Sertorio, como Camões.

Estamos d'aqui, do alto d'estas paginas, como os 49 seculos egypciãos do alto das Pyramides, na phrase militar de Napoleão, a contemplar aquelles inclitos personagens historicos e admiraveis, que apenas se podiam servir do rabo do olho e *vice-versa*. (87)



(87) Semelhantemente poderá o leitor sequioso de noticias consultar a nota graciosissima do traductor de *Lady Jackson* posta a paginas 202 da *Formosa Lusitania*, e o soneto de Nicolau Tolentino, a pag. 25 da edição de José de Torres.

No Paço.

— Dizem que vêm fazer uma *representação*.

— Uma representação?! Mas quem dialho são esses comieos? perguntou Sua Magestade.



SORRISO — flôr privativa dos labios, que assiste de sentinella ás manobras subtis do pensamento.



Cumulo das delicias d'um bebado .

Achar maravilhas em conjugar o verbo *ser*, porque no modo imperativo faz... *Sêie*.



LA SOCIÉTÉ DE BERLIN pelo *Conde Paulo Vasili* (pseudonymo) é um livro notavel, que descreve a vida nas altas regiões da capital da Prussia.

A constituição intima da familia imperial é ali referida em pormenores d'interesse, e os eventos teem comprovado a exactidão de muitas apreciações, feitas em ar de prophecia.

Aearca de Moltke conta-se no livro indicado que quando pediu licença para passar ao exercito prussiano o ministro da guerra da Dinamarca informou n'estes termos :

« A partida do capitão Moltke não será uma grande perda para o exercito dinamarquez. »

Muito se engana quem cuida !...

Os horoscopos são ás vezes d'uma falta de tino inercivel ! Quando Rossini fez o *Barbeiro de Sevilha*, um critico influente, estylete infallivel, bisturi impavido, gravou n'um periodico feliz este arrote d'inveja, vaticinio miserrimo, que todo o Pariz applaudiu :

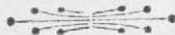
Monsieur Rossini ne sera jamais qu'un elegant discoureur en musique (!!!)

Qualquer attricto produz ás vezes um desenlace. Bona parte foi imperador por causa d'un par de botas de montar (83) e Carlos I prohibiu o embarque de Cromwell, quando o terrivel cervejeiro emigrava para a America. (83)

No volume aristocratico de Paulo Vasili diz-se do nosso Soveral—*brilhant portugais*—simples encarregado de negocios esta phrase amavel a trasbordar :

« Il est très beau, trop beau, ses bonnes fortunes ont été les plus grandes qu'un homme, et surtout un étranger, ait eues dans le monde, à Berlin. »

Toquem as charamelas ! Trepem as girandolas de foguetes ! A patria exulta.



(88) Vide *Archivo Popular*, jornal illustrado de 1837 n.º 14, e *Almanach de Lembranças* de 1866 pag. 128.

(89) Histeria d'Olivier Cromwell, por Jendy-Dugour, pag. 22.

N'uma conversa cheia de pavor pela visinhança do colera, inquiria um regedor com prosapias de prevenir o flagello:

— E os mortos?

— Ficam mortos, e esse o *officio dos defunctos*, não é assim sr. padre mestre?

— Eu lhe digo (concluindo sorrindo o ecclesiastico, forte em latim, e fortissimo em rapé) não encontro esse «*officio*» no meu Cicero *de officiis*.



N'uma pharmacia d'aldeia, meato subterraneo que tem dado sempre victoria aos candidatos governamentaes entra um labrego das visinhanças, e queixando-se d'uma epidemia, que grassa no gado vaccum, pergunta se haverá algum remedio:

— Tenhô um.

— Qual?

— Vinagre de *sete ladrões*. (90)

O componio, julgando-se disfructado, e vergando o marmeleiro:

— Você é *um*, onde estão os seis restantes?



(90) Os francezes chamam-lhe *vinaiigre de quatre-vo-leurs*. Somos mais generosos, porque lhe augmentámos a quadrilha.

ESQUELETO D'UM ARTIGO

Paragraphos escriptos n'um jornal unico

Eugenio Sue, o inexgotavel romancista, o portentoso auctor de novellas maravilhosas, o architecto gigante de milhares de laudas esplendidas, conversando com Alexandre Dumas (consulte-se o album de confidencias *Les morts vont vite*) queixava-se de falta de invenção. Que fará um pobre de Christo?

Decididamente não inventei a polvora e o silencio é um grande baluarte inexpugnavel.

Fecho-me dentro d'elle.



O discipulo amado, o doce e meigo S. João, na ilha de Patmos, viu em corpo e espirito duas bestas (ai de mim!... conheço muito mais!) um dragão e muitas coisas horificas, que elle não duvidou revelar aos homens para desespero da exegesis, e de quando em quando semeou pelo livro varios anjos tocando trombetas, e as ameaças do estylo, n'um grande luxo de prophcias com mais cotovellos que um polyedro, por modo que se os homens andavam ás escuras antes do apostolo lhes fallar, mais em caligem ficaram depois das allegorias espantosas e bravas da apocalypse.

S. João conjuga a cada passo um verbo que contende com o meu pudor, e para elle, na linguagem arreesada o cheia de europeis a que se guinda, como aerostatô entre nuvens opâcas, Jerusalem, a desditosa Sião, a pobre cidade maldicta, é sempre a *grande prostituta*.

Chegou até a dizer n'um versiculo do capitulo XII:—
E os dez córnos que tu viste são dez Reis...

Esta grave offensa á monarchia, é objecto de policia correccional, e hão de assentir em que os republicanos portuguezes teem outra cordura de maneiras.



Aviso a toda a Christandade para sua edificação e conselho :

Cristão—No Minho é o mesmo que capádo, bode.

Diccionario de Moraes.

Safa !...



Dois estudantes de latim, extenuados d'uma caçada violenta, entram n'uma tasca de taboado, perdida nas sombras rumorosas d'um pinhal.

Um d'elles apenas vê um retalho de queijo e uns cópos n'uma prateleira, exclama admirado :

— IH ! CŒPOS ! (depois de examinar) mas falta o vinhe.

— HIC LABOR EST, conclue o outro (91).



(91) Alludia, n'uma parodia ultra-burlesca, quasi *inter pocula* áquella passagem do grande vate dos erros d'Encas, quando a fróta pousa na enseada de Cumas, perto do bosque d'Hecate. A sybilla diz ao troyano que é facil descer ao Averno e passar o Cocyto com a ajuda d'um ramo d'ouro, mas regressar d'ali — *hic opus, hic labor est* — esse era o nó das difficuldades todas.

Encida, L.º VI—130.

DIPLOMACIA — arte que corre ao arrepio da sinceridade, jogo d'azar e velhacaria, onde se apostam os interesses mais caros das nações, sob a influencia d'este dogma d'um *Diabo-coixo*: (92)

«A palavra foi dada ao homem para occultar os seu pensamentos»



«Partidos políticos, segundo uma recente definição de «Molinari, são companhias organisadas para exploração do «poder.»

Isto tem uma historia brevissima.

O *Interesse* engalfinhou-se na *Convicção*, e n'uma lucta desesperada, debatendo-se no terreno, arquejantes, silvando como cobras, escumando como precitos, mordendo-se como fêras, o primeiro dos dois antagonistas ganha, por um ar-ranco, mais forças do que Antheu ao rastejar o chão, e consegue n'um violento impeto estrangular o adversario com uma furia e protervia medonha.

O *bezerro d'ouro* não foi aniquilado por Moysés. E' ainda uma entidade com influencia.

Aarão ainda hoje tira as arrecadas das orelhas das mulheres para construcção do idolo.

O ouro offusca com as scintillações irradiantes, e os pregoeiros calam-se pela vergonha das tribus. (93)

(92) Carlos Mauricio de Talleyrand, principe de Benevente.

(93) «Um dia indo a casa de M. de Rothschild, um domestico agalado atravessou justamente o corredor levando o *vaso de noite* do sr. Barão, e vi um agiota da Bolsa, que passava n'esse momento, tirar respeitosa-mente o chapau deante do poderoso bacio (*pot.*)»

Henri Heine - Lutèce, pag. 183.

E' por todas estas ponderações sizudas, duras como atañado, e impregnadas d'um olôr de chronica, que eu concluirei d'estalo :

GOVERNO—dispensa abastecida, onde se penetra com uma chave falsa — a eleição.



Tenho umas betas novas-e-velhas.

Eu lhes explico :

Comprei-as ha dois dias; hontem foram engraxadas duas vezes, e ahi está como ellas ficaram logo com dois lustros.



CONVICÇÃO—elastico de superior qualidade, muito usado pelos ministros, deputados, e influentes de pôlpa e nervo.



N'uma desordem de taberna, um regedor impertigado, e consciô das suas funeções, intimou um bebado relapso :

— Você está preso, e fica em custodia.

— Fico. Mas quem é a «Custodia?», perguntou o preso com curiosidade.



— Oh ! homem de Deus, dizia um medico a um doente, olhe que você quanto menos beber mais *se cura*.

— Pois, sr. doutor, n'esse caso quanto mais *secura* mais hei de beber.



Historia natural.

Já havia homens que eram *quadrupedes* (Vide por exemplo. «Um quadrupedante á desfilada do sr. Alves Mendes) quadrupedes tão verdadeiramente taes que por andarem sobre pés e mãos toda a gente a estas lhes chama *patas deanteiras*, como se dizia na *Fabia*.

Agora uma escavação de muita sabença. No romanee de *Georges Ohnet—Lise Fleuron*—encontrei uma novidade, *homens de seis pés*.

A phrase original e authentica é esta :

« Il le confia ou zèle d'un domestique mâle, appartenant à cette forte race comtoise, qui alimente la cavallerie française d'hommes de six pieds.»

Parece incrível !



No soneto celebre

«Vai misero cavallo lazarento» (94)

houve espirito malicioso, que com um sorrisinho canalha descobriu una phrase desditosa e de pau do ar.

(94) Poesias de Nicolau Tolentino pag. 51ª edição de 1861,

Esta sella por unico ornamento e eu que não sou propenso a notar defeitos e n obras d'author, deparei um dia com um achaque na traducção do Conde de Camors, de Octavio Feuillet, versão aliás emprehendida por Pinheiro Chagas, esse estylista-romancista-jornalista-poeta-orador-historiador (comboio que leva engatadas 6 caruagens de luxo.)

Eis o trecho que puz de escabeche :

« Um escriptorio situado no primeiro andar, e que tinha
« communicação com o alcova por um arco ornado d'um re-
« posteiro. »

Não é difficil com este material construir uma historietta terribilissima. Eil-o :

Um ricasso estúpido, cuja mulher o atroicôa, para festejar os annos da consorte dá uma *soirée* brilhante no seu palacete, e no jardim, em frente da cascata, fez construir um arco enfeitado de flores e lunes perante o qual se extasia.

Um candidato pergunta para outro:

— O que admiras aqui?

Resposta:

— O arco ornado do marido.



PULGA—insecto saltador, que não respeita reis nem mendigos, e que em cata de sangue, decretou a egualdade para todos os homens, acoitando-se nos fêstos das anagoas reaes, ou nos andrajos dos carregões, saboreando com tanta estima as coxas d'uma princeza, como os sovacos d'um al-gibebe.



✓ AVARENTO—homem previdente que confia mais em si, que na providencia.

*
* * *

Se d'esta feita não ficam rehabilitados os aváros, è porque não tem reabilitação possível.

*
* * *

Lamennais declarou na sua linguagem com lampejos apocalypticos :

« O auctor da natureza não fez o homem de peor condição que os animace; acaso não são todos convidados ao rico festim da natureza? ha um só que fosse excluido? »

Frederico Bastiat (95) fez a critica sincera da proposta insidiosa.

Todos fomos convidados, não ha duvida, mas como n'um jantar de M.^e Rattazzi, descripto com chiste pelo nosso Ramalho Ortigão, as iguarias e vitualhas é que não chegam para todos. Essa é que é a pedra de escandalo.



Em casa d'um fidalgo inteiriço, com barbas tão venerandas como as do senador Papyrio na invasão dos gaulezes, descendente incontroverso de visos-reis na India, e todo cioso dos brios nacionaes.

(95) «Harmonies Economiques», pag. 512.

Tracta-se de preparativos contra o cholera, que já salteia a Hespanha.

— Traga a caparosa (capa, Rosa).

— A capa?! é cousa que não ha, V. Ex.^a quer talvez o gabão?

— Não quero; o *Gabão*, como sabe, sr. Reitor, suspirou om desalento o fidalgo, esse é «roupa de francezes».

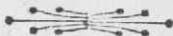


Na róta do Brazil um official de marinha hespanhola embarcado a bórdo d'um paquete britannico assiste a uma tormenta em que grande parte dos passageiros e emigrantes portuguezes lançam as tripas, n'umas ancias mortaes.

Os marinheiros inglezes escarnecem dos nossos patricios e um diz em risóta ao official de marinha, a que alludimos :

— Os portuguezes não prestam para o mar, vão todos «enjoados».

— Isso comprehende-se. E' por verem que a Inglaterra domina hoje, com uma arrogancia desmedida, nos mares que os antepassados d'elles descobriram e avassaláram.



N'uma audiencia geral.

Um advogado vingativo e energico a um juiz que se embebeda :

— Muitos embriagam-se com a gloria. Ninguem ignora

porém que V. Ex.^a se *embriaga*. . . (pausa intencional) com o desejo de acertar.



— Não te sabia cavalleiro; para que diabo trazes tu esporas?

— É que vou «montar» uma typographia.



PREGUIÇA—é um restaurante sem ignarias nem vitualhas, com grande instrumental de devaneios.



N^oum theatro de provincia vai um chiufrim medonho.

Accóde o sr. administrador e depára com um typø, crivado de marcas de variola, a tosar o sobrado, alem do desespero, com um grosso bengalão

— O que me admira é que o sr. faça *bexiga*. diz-lhe a auctoridade:

— Porque?

— Porque ja as teve.



Gustavo Flaubert propunha-se no seu romance, que apenas esboçou, *Bouvard et Pecuchet* demonstrar a inanidade, o desequilíbrio, a contradicção que existe em todas as máximas e pontos superiores d'apreciação atiradas ao vento da publicidade pelos maiores talentos, que tem borbuhlado á superficie da terra.

Cada cabeça cada sentença. Os juizos variam tambem nas esferas mais elevadas, d'homem para homem, de sorte que nadamos n'um pelago bravio d'irresoluções, de duvidas, obedecendo ao torvelinho, sem norte, sem guia, sem fanal, sem bóias, que nos aguentem á tona das aguas revoltas.

Assim vai o mundo !

A quem pedir conselhos ?

A' LEI que se deixa transpôr ?

Aos LIVROS que se degladiam ?

Ha muita gente que affirma serem os anexins e proverbios o repositorio seguro e crystallino da sabedoria popular. Cotejem-se, porém, nos lazeres das occupações diarias, e verão como é fallivel o apoio que nos prestam. Contra um rifão apparece sempre outro que o inutilisa. Contra um principio outro que o exclue.

Por exemplo:

Com teu amo não jogues as peras

«Audaces fortuna juvat»

Ao homem ousado a fortuna dá-lhe a mão.

Falsas apparencias—O habito não faz o monge

Se não és casto, sê cauto.

Guarda-te d'homem que não falla, e de cão que não morde

Quem cala vence

Bocca calada não colhe mosca

Cão que ladra não morde.

Faze bem não olhes a quem
Quem o inimigo poupa nas mãos lhe morre.

Quem vae para o mar apparelha-se em terra
Quem se não aventurou, nem perdeu nem ganhou.

A educação é uma segunda natureza
Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.

A bom entendedor meia palavra basta
Entende primeiro, falla derradeiro.

Antes burro que me leve do que cavallo que me derrube
Não ha regra sem excepção.

Burro velho não apprende linguas
Apprender até morrer.

Antes torto que cego de todo
Por pouca saude mais vale nenhuma.

Mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga
Fia-te na Virgem e não corras, verás o tombo que levas.

E et cætera.

E' porisso que a ultima palavra de Goethe foi *Luz*



Segredo de economia domestica :

— Eu cá, dizia um sujeito, gósto de ter em casa tudo por atacado, fica muito mais barato.

— Aquillo é certo, accudiu sem ambages, nem periphrases, um interruptor *culavera*, eu sou absolutamente do mesmo systema, é porisso que me casei, que é a maneira de se ter mulher por junto.



Um cabelleiro mettendo os dedos pela grenha encalamistrada e dirigindo-se a dois amigos assanhados n'uma refrega, que era um terramoto de palavras, em que ninguem se entendia :

— Oh! meus seuhores, por amor de Deus deixem-me *frisar* a questão.



— ... e cinco mil e tresentos de *rasa*.

— O quê? pergunta boquiaberto o lapuz em casa do tabellião, puzeram-me á *rasa*, e ainda por essa façanha me levam dinheiro ???...!



Deficiência notavel e complicação mais que melindrosa da linguagem portugueza:

— No correio d'uma aldeola, assôma uma rapariga bonita, um primor de formosura, airosa, e elegante como uma alveloa; o telegraphista que lhe andava no alcance com toda a electricidade dos seus elementos propõe-lhe, sem mais tir-te nem guar-te, que seja sua amante.

E ella? — perguntarão os leitores com 50 0/0 do interesse com que os athenienses interromperam Demosthenes pedindo-lhe o desfecho da historia que o orador improvisara ácerca do aluguer da sombra d'um burro.

E ella? — perguntarão os leitores com o mesmo cuidado com que D. João VI dormitava no camarote e inquiria de vez em quando ácerca da solução da comedia, que se representava: *Já casaram os bebados?*

E ella?

Tingiu-se de pador, e como uma ingenna que desfolha um malmequer, mostrou a carta e respondeu saccudida que queria sêllo.

(*Sêl-o?*)



Pelo artigo 264 e seguintes do Código Penal e artigo 1537 e seguintes do Código Civil é prohibido o jogo d'azar.

O aljube é pouco para corrigir as depravações e depredações dos jogadores, e sem embargo como tornar-se effectiva aquella prohibição se os ministros da guerra n'este Portugal, de vez em quando, dão o pernicioso exemplo fazendo *paradas?*



AMOR E GLORIA são duas variantes da vaidade.



« 20 — Depois de ter purificado o sanctuario, o tabernaculo e o altar, então offerecerá o ontro bóde que está vivo.

21—E tendo-lhe posto ambas as mãos sobre a cabeça confessará todas as iniquidades dos filhos de Israel, todos os seus delictos e peccados e carregará d'ellas com imprecação a cabeça do bóde, e mandal-o-ha para o deserto por um homem destinado para isso»

Levitico—Cap. XVI.

Tertulliano diz que ao pobre animalejo enrolavam-lhe a cabeça com muitas fitas escarlates, expulsandô-o para o sertão.

Ahi está o que era o «bóde expiatorio.»

Herdámos a phrase e o caso é que n'uma lei hodierna de responsabilidade ministerial deve intercallar-se um artigo onde pelo menos sete bódes carreguem com as culpas do governo, visto que o rei é irresponsavel e os ministros se escondem por detraz das maiorias subservientes, pifias e reles.



N'um jantar dado pelo Juiz d'uma irmandade.
O administrador do concelho, empunhando a taça
— Brindo pelo nosso «amphytrião.»

— Hilarião, se me faz favor, corrigiu o que pagava o banquete.



N'uma entrevista d'amor não raras vezes o sexo forte leva baixa de posto.



«O papa publicou no Pharol, etc.

»Alguem familiar tocou no hombro do historiador, etc.

«Tocou no hombro de Gad, etc.

Tres incorrecções de linguagem que empestam a belleza d'estylo da *Reliquia*, de Eça de Queiroz. (96)

Poncio Pilatos

«... apoiava sobre o punho forte a barba densa e grisalha. (97)

N'um trabalho d'algunha archeologia seria bom averiguar-se primeiro se o antigo prefeito da Batavia tinha ou não barba cerrada.

Munkacsy, o celeberrimo pintor hungaro, denominado o primeiro pincel contemporaneo, auctor dos tres quadros ma-

(96) Pag. 2, 240 e 333 do Livro cit.—Póde vêr-se egual defeito a pag. 203, 265, 302 do T. 1.^o—e a pag. 351, 359, 448, 505, do T. 2.^o d'*Cs Maias*.

(97) Livro cit. pag. 240.

istraes—*Os archotes de Nero—Milton lendo a suas filhas o araiso Perdido—e Christo deante de Pilatos*—pinta este ultimo personagem com a barba feita, uma especie de cara rapada de Napoleão I ou de rei capeto desde o Seculo XIII a Philippe de Valois.

E' possivel que a phantasia do romance sirva muito a proposito para encobrir a nudez d'algum episodio, entretanto este era inoffensivo devéras e não quereríamos que Poncio Pilatos nos fallasse ao espirito com as barbas longas de Belisario, o famoso general do imperador Justiniano.



Depois de algumas quédas no picadeiro um recruta desconsolado :

- Não tenho quéda nenhuma para cavallaria.
- Oh homem ! que já lá tens tres !



- = Quando sai coronel !
- Estou á espera de duas *vagas*.
- Ah sim ? ! Então porque não toma banhos do mar ?



As fallas dos generaes, a avaliar pelos tonilhos de Tito Livio e Jacintho Freire e outros da mesma camaradagem, seriam o apogeu da eloquencia, mas a realidade dista algumas leguas dos improvisos dos historiadores.

Façamos uma demonstração d'esta these. Massena em Essling dizia aos soldados para os reconduzir a carga :

« F... polissons, j' ai quarente millions, vous six sous
« par jour, et vous me laissez seul, eu avant, sous les balles!»

Na retirada da Russia um corpo de tropas esteve cortado.

« Ne croyez pas qu'on dit alors: «Braves soldats!» etc
« Non. «Tas de canailles, vous serez tous morts demain,
« car vous etes trop j... pour prendre un fusil et vous en
« servir!» (98)

Esta linguagem de tarimbeiro e de sargentão é a que salta dos labios nas occasiões criticas quando a metralha varre as fileiras, e as espingardas vomitam a morte.

Os pelotões vão d'euxurrada n'uma loucura de enthusiasmo e pavor.

Os rendilhados da Alhambra ou as filigranas da poesia teem nenhum imperio n'aquelles transees.



- E' licito ao canal de Suez chamar-se canal de Lesseps?
- Não sr.
- Porque?

(98) Merimée, prefacio das obras de Stendhal cit. por H. Taine, *Essai sur Tite Live*, pag. 291.

— Porque d'esse modo estabelecer-se-hia uma equação e Lesseps nunca foi *soez*.



Ao sr. Julio Henriques, lente de philosophia na Universidade, deve-se uma cultura importante: a da *quina* na ilha de S. Thomé.

Que desleixo colonial! Isto, senhores, define um paiz.

Desde 1470 em que Pero de Esobar e João de Santarem a descobriram, temos desfructado alarvemente aquella rica e fecunda possessão e só agora é que alli implantámos as *quinas portuguezas*.



«Não batas n'uma mulher, ainda que seja como uma flôr».

Proverbio indiano. (99)

Commentario áquella phrase d'uma belleza tamanha como as estrellas do céu, ou como a poesia de Ramayana:

Não magoes as flôres que nenhum mal te fizeram.

Só Tarquinio, o Suberbo, vergastava as papoulas n'um acesso d'ira irrequieta.



(99) O «Amor, as mulheres e o matrimonio», collecção de pensamentos por D. Manoel del Palacio, pag. 120.

N'esta *kermesse* de bugarias sou impellido pelas circumstancias a expôr, como n'uma *vitrine* de cristal, algumas ponderações reluzentes.

A meza do Arcebispo de Braga D. Fr. Bertolameu dos Martyres não sahia dos limites ordinarios (100)

VACCA E RISO

Este thema já serviu no Oliveira Martins para debuxar a felicidade almejada pelo paiz. Não me admira semelhante predilecção. Explica-se tudo pelo seguinte dito do arcebispo

VIDA NOVA *determino fazer* (101)

Esta rasgada profissão de fé captivou os enlevos do escriptor contemporaneo porque já não é hoje segredo para ninguem que este litterato se propunha fundar um partido d'acção, salvador da patria, sob a epigrapha desfraldada e enérgica de VINA NOVA.

Nada de *Mirrastes* e *Alfitetes*, essas iguarias de luxo.— VACCA sim, isto é, alguma comida solida que aconhegue o estomago, e RISO, quer dizer, muita alegria, resultante d'uma condição desafogada. Eis o programma politico que tem por *condottiere* o sr. Oliveira Martins.

Apoiado!

Quanto ao arcebispo que mettia um olho pelo outro (102) não o increparei por este defeito strabico, e só porque não era amigo de doces (103) e não tinha em grande conta o acceio.

Este ultimo predicado (todo negativo) evidencia se por conservar no corpo as tunicas e estamenhas tanto tempo que só se lembrava por apontamento que fizera, e um dia agas-

(100) Vida do Arcebispo por Fr. Luiz de Sousa T. 1. pag. 136.

(101) Idem T. 2.º pag. 101.

(102) Idem T. 2 pag. 185.

(103) Idem T. 1.º pag. 496 e T. 2.º pag. 266.

tou-se de lhe trazerem vestimenta lavada, bradando:—*Que é isto, irmão? Mimos á carne? Quereis-me regalar?* (104)

No tocante a limpeza era assim aquelle santo varão!

N'uma practica que fez a alguns religiosos (105) expendeu outra doutrina de muito alcance seraphico—«Que os bichos que a estamenha criava & ja eu vida começavam a fazer pasto de nossas carnes fossem huas amoestadores do que ouvia de ser d'ellas dentro de pouco tempo.»

Este indefesso protector dos piolhos e outros condimentos estercorarios era muito dado a suspiros direitos ao ceu, e a trocadilhos.

Obedecia á 2.^a parte do prospecto=Riso

Assim n'uma sessão preparatoria do Concilio de Trento declarou sem travão que «Os illustrissimos & Reverendissimos Cardeaos hão mister huã Illustrissima & Reverendissima reformação.» (106)

A Fr. Luiz de Granada disse tambem :

«V. Paternidade que foy o meyo de se me lançar esta BRAGA, que não trago só nos pés como a trazem os cativos e mas tambem sobre o pescoço & no coração, póde com ma fazer tirar, juntamente atalhar meus erros & usar comigo de grande misericordia.» (107)

A um João Benevides reprehendeu d'est'arte:—«Melhor, disse, vos acertára com o nome segundo a vida que fazeis e quem vos chamára de BENE BIBIS & MALE VIVIS.» (108)

N'uma vespera de S. João fez notar ao prior do seu convento de Vianna do Castello que se celebrava a vigilia d'um santo tão abstinente que o seu mantimento *eram locustae*

(104) Idem T. 2.^o pag. 105.

(105) Idem T. 2.^o pag. 59.

(106) Idem T. 1.^o pag. 227.

(107) Idem T. 1.^o pag. 146 e Vide pag. 117 e 130 do T. 2.

(108) Idem T. 1.^o pag. 473.

« Como usou do termo Latino, accendi o Prior & jurgan-
 « dó do vocabulo, disse, que bem estavam logo, porque parte
 « do jantar avião de ser locustas. E diziao por huã lagosta
 « que lhe viera de fora. Não sejam ellas do mar, replicou o
 « Arcebispo.» (109)

A um fidalgo a quem precisou atagantar de palavras :

« Como estiverão sós perguntou-lhe como se chamava:
 « respondeu que João da Sylva (tinha o Arcebispo costume
 « de usar derivações) devia ser o nome Gastão ou Tristão
 « ou semelhante: & disse-lhe com muyta severidade:—Cabrão
 « da Sylva vos chamarei eu, que não merecem outro nome
 « vossas obras & a devassidão com que viveys.» (110)

Em o inflammando o amor divino punha os pontes nos ii.
 Em verdade vos digo que a muitos respeitos era primaz das
 Hespanhas.

Sirvam estes remoques de desculpa ao azebre dos pe-
 riodos que um pobre peccador, como eu, abroquelado de pejo
 e humildade, tem posto em parada n'este livro sinsero e
 inoffensivo.



No passeio publico.

— Sabes do escandalo que se deu ?

— Eu não, mas conta.

(109) Idem T. 2 pag. 107.

(110) Idem T. 1.º pag. 433.—Eça de Queiroz nOs *Maias*
 é tão portuguez como o arcebispo:—*« fez-me o effeito de haver
 um cabrão mais na cidade »* vol. II pag. 55, e a pag. 452 em-
 prega o mesmo termo substancial.

— X encontrou a mulher em fralda n'uma conversa íntima com o commendador *fulano*. . . olha elles ahí vem juntos todos tres!

— E' verdade! mas como diabo tem elle o descaramento de se apresentar em publico?

— Ora essa! Traz licença de póрте d'armas.



Bojudo tenente-coronel devasso evita passar por defronte d'uma sentinella.

Um amigo pergunta-lhe a razão do desvio

— E' porque é massada, arriscava-me a *ter continencia*.

— Pois olha que bem precisas d'*ella*.



Annibal entregára a sua belleza a Asdrubal, que tinha entregado a sua a Amílcar. (111)

A péderastia data de longe. A Biblia condemna o culto dos Deuses Moloc e Bal Phé Dgor onde essas obscenidades figuravam.

Socrates e Alcibiades tiveram uma amizade suspeita de vícios, e Achilles deplorando a morte de Patroclo seu intimo amigo revela os motivos da sua adoração escandalosa.

Juvenal e Marcial chicoteciam nas suas satyras as torpezas d'estas ligações contra a natura. A Lei Scatinia visou reprimir semelhantes abusos, e Fourier diz não admirar que

(111) Tito Livio XXI—2 e 3.

os antigos philosophos gregos e romanos acouselhassem o desprezo das mulheres prescindindo d'ellas como prescindiam. (112)

O duque de Vendôme era atreito a vicios infames. Um italiano chamado Alberoni desejava ser o favorito d'aquelle aristocrata e para o alcançar pôz em obra o seguinte estratagemma :

Foi atraz do duque, deu-lhe o braço e pespegou-lhe um beijo na retaguarda exclamando com delirio *O' culo de Angelo!* (113)

Alexandre Dumas diz textualmente :

« ... ce fameux duc de Vendôme qui montrait si facilement son visage a ses ennemis et son derrière à ses amis. » (114)

A depravação do seculo actual atira raizes para Carthago e remonta para Sodoma.

Isto basta a confundir muito prégador que esbraveja como energumeno, e baba de heresias sociaes e historicas os pannos do pulpito contemporaneo.



— Estás ruço !

(112) Discnrso de accusação de alferes Marinho da Cruz pelo major José Estevão de Moraes Sarmiento.

(113) Ponto das Memorias de Saint-Simon (vol. 4 pag. 387) trazido á collecção por Manuel Bernardes Branco no livro—As minhas freirinhas de Odivellas, pag. 331.

(114) *Luiz XV et sa cour* T. 1 pag. 34.

— Podéra ! lá disse Napoleão I que dentro de pouco tempo ou todos seriamos republicanos ou *russos*. (115)



Quando o ministério regenerador do Pontes, a 14 de Novembro de 1881, subiu ao poder em successão ao ministério regenerador do Sampaio tomou conta da pasta do reino o poeta-ministro Thomaz Ribeiro.

Eu ca disse logo :— temos ministério para filhos e netos, visto que fica um governo contumaz (*com Thomaz*).



✓ Sogra—Anjo cahido, reprobado na terra, com procuração de Mephistopheles para atormentar maridos, trazendo um broquel a *teima* e por armas a *intriga*, a *bisbilhotice*, as *lagrimas* e a *intervenção*.



✓ A um padre :

— Recebo as suas *ordens*.

(115) Vide por exemplo Henri Heine, *Lutece*, pag. 81.

— Mas eu é que lh'as não dou, que me custaram muito a alcançar.



Voracidade do antigo clero.

O infante D. Henrique, mais ao depois cardeal e rei, era aos quatorze annos prior de Santa Cruz de Coimbra e aos vinte e dois arcebispo de Braga, contra as leis da decencia e da disciplina ecclesiastica. (116)

Este predestinado, galloppando d'esta maneira pela estrada das dignidades e hourarias, irresoluto e palerma, entregou Portugal aos grilhões de Castella.

O Cardeal d'Alpedrinha, D. Jorge da Costa, disfructava em todo o reino a bagatella de sete bispados, oito deados, treze abbadias, dez priorados, e muitas commendas e outros beneficios.

Foi homem de vastos conhecimentos e por isso mestre da infanta D. Catharina, filha de D. Duarte o *Eloquente*, conselheiro do filho e neto d'este, embaixador em Roma e Hespanha. Cingiria a theara se a cubicasse, sendo intimo de Sixto IV, Innocencio VIII, Alexandre VI, Pio III e Julio II. O pontifice Sixto IV elevou-o a cardeal em 1475, e Julio II deu-lhe o bispado Ostiense ou de Santa Rufina, foi decano do collegio Apostolico, e legado de Veneza e Ferrara. (117)

(116) Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal por A. Hereulano, T. 2.º, pag. 206.

(117) O *Castello de Monsanto* de Guilhermino de Barros, i. 1, pag. 79 e 187.—Vida do arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomen etc., por Fr. Luiz de Sousa, T. 2, pag. 80.—*Mosrico* de Camillo Castello Branco, pag. 167.—Historia de Portugal de Pinheiro Chagas, T. 2, pag. 498.—*Diccionario Popular*, T. 1—verbo *Alpedrinha*.

Inventou se o dom da ubiquidade para o cardeal poder com resfolego mastigar innumeradas pitanças no desempenho d'uma tarefa de tantos tão volumosos e preeminentes encargos.

E não mastigou pouco !

Viveu a insignificante somma de cento e dois annos !

D. João II, quando principe, engulhou-se com as farofias e prosapias do cardeal de Alpedrinha e na ponte de Alpiarça, suburbios de Santarem, disse lhe de chôfre :— Para que é nada senão a um cardeal tão mal ensinado e desagradecido e de má condição, mandal-o tomar por quatro moços de esporas, e afogal-o em um rio e dizer que cahiu e se afogou d'um desastre !

Conta-se uma anedocta muito corrida de que o principe D. João de-contente com o regresso do pae, depois da jornada infructuosa a França, em dias de 1477, atirara febril sobre o Tejo uma pedrinha que foi ricocheteando até muito longe, e D. Jorge da Costa dissera ao ouvido do Duque de Bragança, D. Fernando, como quem augurava catastrophe — «Aquella pedra não me ha de acertar na cabeça».

O prelado erudito guiado por indiculo, ao parecer, tão insignificante, pôz-se a pannos a caminho de Roma onde grangeou extraordinaria influencia e prestou relevantes serviços ao paiz.

O Duque de Bragança confiou mais em si e não tardou que subisse ao patibulo de Evora, experimentando no pescoço o ferro limpo e lesto do cutelo.

O cardeal foi mais esperto, advinhou a tempo que o futuro monarcha se inspiraria em Luiz XI e foi-se lembrando da gaiola de ferro de La Balue.

La longe o tempo em que Gregorio VII, Urbano II, Paschoal II e Gelasio II disputavam com os imperadores o «direito de investidura». Sopravam novos ventos. A espada em vez de sustentar, cortava os privilegios da egreja.

Um simples frade de S. Domingos intimara a bulla de Innocencio IV excommungando D. Sancho II ! O effeito produzido pelos raios do Vaticano foi assombroso. O exercito

de Castella, que terceava a favor do rei deposto, retirou da Beira, espavorido com as ameaças do papa. (118)

D. João II para estorvar aos clerigos o uso das bestas muares, contornou a difficuldade atacando-os com muita pilheria.

Sabem como ?

«Prohibiu, sob pena de morte, aos ferradores ferrassem as bestas muares dos prelados. (119)



N'esta revista de episodios porei mais um :

Dois maridos observam o baile. Passa n'uma walsa delirante uma formosissima mulher *suando* em bagadaa.

— Ah! vai sua esposa, adverte um d'elles.

— E' verdade. Talvez haja quem ajuize mal de minha mulher...

— Credo !

— Eu lhe digo :—minha mulher é minha e *sua*.



Na administração do concelho apresentam-se e zig-zagueiam-se na sala, como testemunhas, um *mudo* e um fadista.

(118) Mon. Lus. L.º 14 cap. 2, 17, 25, 28 e 29.

(119) Coelho da Rocha—«Ensaio sobre a historia do Governo e da Legislação de Portugal», pag. 61 e 107.

Pergunta a auctoridade com o sobrecenho carregado, como merece a attidade de interrogador austero e incontaminado :

— Quem é que faz essa declaração ?

O PADISTA:—*Fal-a* aquelle (designando o mudo).

O administrador sem perceber, porque não é o seu forte:

— Então *se falla*, para que é que vossê se diz mudo ?



— Que tal está o Tejo ?—perguntáram a um medico da visinhança dos campos de Vallada, na occasião d'uma cheia temerosa.

— Está de certo melhor, porque me dizem que até sahio do leito.



— Olha lá, sabes grammatica ?

— Eu não.

— Então como hasde conversar com os collegas ?

*

Taes são, pouco mais ou menos, as expressões de Manuel Roussão na jovialissima comedia : *Os dois candidatos*.

Meu primo *Manuel de Mello*, um dos caixeiros litteratos que tanto relevo deram no Rio de Janeiro ao nome e aos

serviços de Portugal no Brasil (120) escreveu no *Globo* (periodico fluminense) a 7 de feveiro de 1882 algumas considerações tepidas ácerca das grammaticas, como ellas por ahí esfervilham e pullulam, e classificava-as de travez

«Essas *Morgues* da linguagem, esses theatros anatomicos da phrase, inspiram-me como que um horror sagrado.»

Grammatica não é disciplina que ensina a fallar e escrever correctamente, «é a exposição methodica dos factos da linguagem, ... não faz leis e regras para a linguagem, « expõe os factos d'ella, ordenados de modo que possam ser « apprendidos com facilidade», e tanto assim que o erudito Padre Antonio Pereira de Figueiredo no «ESPIRITO DA LINGUA « notou particular uso da syntaxe de Barros, e declarou que « se alguém nos casos apontados dissesse diversamente, es- « creveria como grammatico, mas não como portuguez .. e « Verney no VERDADEIRO METHODO DE ESTUDAR, a pag. 60 da « edição de 1747, dizia citando Quintiliano *aliud est grammaticæ, aliud latine loqui*, porque a esculpida sugeição ás « regras da grammatica impede saber fallar a lingua.»

Maria Amalia Vaz de Carvalho, esse espirito lucilante, que com tanto bom senso e com tanta perfeição usa da pena, sob o pseudonymo de *Valentina de Lucena*, escreveu no *Reporter*, em meados de julho de 88, um artigo de critica ácerca da inauguração dos lyceus femininos. E' uma tosa discreta, que nunca ultrapassa os limites da stricta cortezia, sobre o empenho que temos em perverter a educação das mulheres fazendo d'ellas uns virágos e uns sabios, mais ridentes do que metal polido.

D'este assumpto destacamos o seguinte periodo :

«A grammatica, por exemplo, a maldicta grammatica, « essa coisa monstruosa e iniqua, que eu, felizmente,—mas-

(120) Vide *Bohemia do Espirito* de Camillo Castello Branco pag. 211.

« cida e educada n'um tempo em que não havia lycens—
 « morrerei, sem ter jamais apprendido, está errçada h'je de
 « nomes tão barbaros, de definições tão emmaranhadas e
 « confusas, de termos tão sibillinos, de explicações tão con-
 « tradictorias que o pequeno ser que conseguir escapar—
 « d'essa *selva escura* (121) sem ter de todo perdido a razão é
 « considerado por mim como um ente prodigioso, não sei se
 « digno de adoração, se de terror. »

Não desdiz d'este conceito o grande *Montaigne*, genio que, pelo consenso universal, bastaria á gloria d'um seculo e d'um povo.

« Me voyei devenu grammairien, moy qui n'apprins ja-
 « mais langue que par routine, et qui ne scais eucores que
 « c'est d'adiectif, coniuectif, et d'ablatif. » (122)

Assim se deprehende que a grammatica é um mero registo do idioma, registo onde se gravam as ephemerides da linguagem, e se collocam com methodo as fórmulas d'expressão usadas e correntias, de modo a entendermo-nos sempre, em virtude da sua adopção geral.

Se me perguntarem se sei grammatica, tenho immediatamente de advertir:—

Mas qual?

a do Bento José de Oliveira? a do Reis Lobato? a do Joaquim Freire de Macedo? a philosophica de Jeronymo Soares Barbosa?

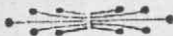
(121) Allusão da illustre escriptora ao primeiro canto do *Inferno* de Dante.

Já depois de lavradas as linhas do texto, veio no *Reporter* de 19 de agosto de 1888, na secção *Actualidade*, um artiguinho de Oliveira Martins, que repisa os argumentos de Valentina de Lucena.

(122) *Essais* de Michel de Montaigne, T. 1.º pag. 180 — «*Des destriers*».

Tocámos o cairel do abysmo.

Attingimos esta consternação. Cada professor tem a sua grammatica. A asneira ameaça revolver-nos nas suas ondas dominadôras. O cahos deve estar perto.



Em casa d'um estatuario entra um brasileiro com grilhões d'ouro ao pescoço e chinellos nos pés por causa dos joanetes ponteguidos: encomenda uma pedra para o mau-soleu de sua esposa ha pouco fallecida.

— Como a quer? pergunta-lhe o chefe da officina.

— Pesada, bastante pesada, que é para lhe tirar a vontade de se erguer, ainda no proprio dia do *Juizo final*.



Um fidalgo da provincia, que dissipára todos os seus haveres em extravagancias, na penultima quadra da vida, para ter com que sustentar-se pediu um emprego, e fizeram-lhe o administrador d'um concelho.

O governador civil officiou-lhe ácerca das medidas a tomar na passagem de S.S. Magestades e disse-lhe em idioma burocratico:

...empenhe-se V. S.^a em... etc.

Respondeu-lhe logo telegraphicamente o pobre fidalgo:

* Antes de ser administrador já eu estava empenhado.*



CAÇOAR — MANGAR

Dois termos de má nota, que muitas pessoas mettem inadvertidamente em palestra de boa sociedade.

O primeiro deriva do italiano e é obsceno como poucos ou não ha obscenidade na terra.

O segundo, que é a digna parelha do primeiro, significa o que não posso nem devo escrever n'esta pagina mansuetissima.

O visconde de Correia Botelho, n'um dos seus melhores romances, pôz um descendente da 2.^a palavra a pag. 207 da *Brazileira de Prazina*, descrevendo em algaravia realista umas scenas patusicas d'um entremez «*O medico fingido*» na eira do Gonçalves em S. Gens de Calvos.

Vejam, mas guardem segredo.



Um réo no tribunal depois de encerrar a figura d'Astrea, que está ornando o tecto, n'um alto relevo d'estuque, comporta-se á desgarrada, com chascos e cóleras.

O juiz admirado :— Você está bebado !

O ebrio recalcitrante, indicando a figura da justiça com a sua espada, o balança e o distico *Dura lex, sed lex*.

— Que admira que eu esteja bebado, se a justiça pôz venda ?



Simul esse et non esse.

N'outra audiencia, o juiz a uma adéla, accusada como receptadora :

— Dê cá a anagoa e saia.

A ré entrega o primeiro objecto ao official de diligencias e encaminha-se para a porta.

— Alto lá, brada o magistrado, encarrapitando-se na cadeira, dê cá a *anagou e saia*, mas *fique*.



No dictionario do Moraes conta-se uma historia comprida, verdadeira chança rasteira, que deslustra a sisudez do livro.

Diz-se alli que *Busillis* é palavra que resultou da trepidação d'um estudante em traduzir em vulgar a phrase «*In diebus illis*» porque no fim da linha encontrou *in die* de que fez *no dia*, e na linha seguinte *bus illis*, que não soube decifrar.

Busillis significa portanto *uma grande difficuldade*.

Esta interpretação é propria não d'um lexicographo, mas d'um artista capillar.

Busillis é a corrupção do termo *Busiris*, tyrano de Memphis, famoso pela sua crueldade, porisso que mandava assassinar todos os estrangeiros, que penetravam nos seus dominios.

Antonio de Moraes Silva, homem de muita lieção classica ou talvez o seu continuador Agostinho Mendonça Falcão, da Academia Real das Sciencias errou grosseiramente. (123)

(123) Quem quer que seja esqueceu-se de Camões :

As aras de Busiris infamado
Onde os hospedes tristes immolava

Lusiadas, Cant. II est. LXII.

Aquella explicação, propria de entremez, tem visos de cabidella philologica nadando em mólho de disparate.



— Qual o motivo porque diversos argentarios estupidos passam tantas vezes por homens de *talento*?

— E' porque o talento teve por muito tempo, na antiga Grecia e Roma, o valor de mil drachmas.



Cunulo das desgraças d'um jogador :

— Ir para as costas d'Africa por *jogar uma facada*.



Cerca de vinte navios sahiram, á volta de 1886, para a pesca do bacalhan, e os marinheiros engajados n'esta empreza estavam satisfeitissimos com o armador.

Um d'elles dizia bomboleando-se :

— Mettido n'esta rascada ha pelo menos um *bem* (pausa) *saude* (um Bensaúde).



— Qual é o chá mais principesco?
 — Ora essa! é o schah da Persia.



Arte d'amor — Ovidio L.^o 2.^o

....auro conciliatur amor.
*Ipsæ licet Musis venias comitatus, Homere,
 Si nihil attuleris, ibis, Homere foras.*

« com o ouro torna-se o amor favoravel. O proprio Homero ainda que viesse escoltado pelas nove Musas, se se apresenta de mãos espanadas é posto no olho da rua.» (124)

D'onde se conclue que ha tres meios de vencer a resistencia feminina a saber :

SYMPATHIA—chave da porta principal do amor.

DINHEIRO — gazua, que abre sorrateiramente a mesma porta.

VIOLENTAÇÃO—pequena alavanca, que arromba o espelho e a fechadura.



— Minha mulher tem genio, berrava um typo, mas

(124) Ovidio—*Les amours, L'art d'aimer* etc. edição de Garnier Freres pag. 220.

tambem Victor Heugo tinha *genio*, e tenha ouvido fallar com elogio no *Genio... do Christianismo*.



Calino visita o cemiterio de Agramonte, e pedindo-lhe
alguem nota da impressãõ que lhe causou aquelle formoso
campo-santo, disse com ares nobres, agcitando a gravata:
— E' uma bonita *vivenda*!



« O terrivel João Ziska, do qual se conta ter determi-
« nado, ao morrer, que lhe fizessem da pelle um tambôr de
« guerra, e foi sepultado u'uma cathedral, e mereceu a hou-
« ra do seguinte epitaphio:—Aqui jaz João Ziska, ao qual
« ninguem foi superior na arte militar, rigoroso vingador
« do orgulho e da avareza ecclesiastica, ardente defensor da
« patria. O que fez em favor da republica romana Appio
« Claudio, o Cego, pelos seus conselhos, e Marco Furio Ca-
« millo pelo seu valor, eu o fiz egualmente em favor da mi-
« nha patria. Apezar de cego d'um olho vi pelo outro o pre-
« ciso para ganhar onze batalhas em campo raso. Fui sem-
« pre pelos humildes e pelos pobres contra os padres gordos,
« sensuaes e ricos. E se não fôra a inveja e o odio que os
« ditos padres me votáram, o meu nome figuraria entre os
« dos homens mais illustres. Todavia, apesar do Papa, aqui
« repousam os meus ossos n'um logar sagrado. » (125)

João Trocznov, famoso *combattiere* dos partidarios de «João Huss» foi appellidado *Ziska* por ser cego d'um olho. *Sicut et nos manqueja d'un olho*, diria tambem Camões a seu respeito.

Nado em 1380 na Bohemia, infligiu seriissimas derrotas ao imperador Segi-mundo, e tendo perdido o ultimo olho e achando-se cercado no monte Taurkand conseguiu trespassar o assedio e ganhou ainda algumas victorias. Alfin coagiu o monarcha a conceder-lhe a paz e o titulo de Vice-Rei da Bohemia.

A peste deu cabo do valentissimo heterodoxo em 1424.

Todos os paizes tem heroes, e o sentimento do patriotismo exaggerado, dotando cada nação d'uma grossa muralha de exclusivismo tem produzido e continúa a manter uma tragica necessidade: — a guerra.

Fenelon acima da familia collocava a patria, e acima d'esta a humanidade.

Hoje é uma utopia este desejo, mas os seculos de seculos justificarão pela practica os votos santos, abendigoados do arcebispo de Cambrai.

O epitaphio de Ziska com a sua rude franqueza, brandindo uma prosa chã, faz lembrar duas scenas parecidas na historia grega e romana.

Epaminondas, general thebano, compareceu n'um tribunal por ter conservado o poder quatro mezes alem da auctorisação e defendeu-se pedindo que na sentença se escrevesse: — «Epaminondas foi condemnado á morte pelos thebanos porque os obrigou a vencer, junto a Leuctra, os Lacedemonios, os quaes na Beocia, antes d'elle, ninguem se atrevia a defrontar em combate e porque, não só n'uma batalha salvou a thebas, mas vingou a liberdade de toda a Grecia, reedificando Messenia, que poz d'atalaia a Sparta.»

Os juizes desataram a rir, affirma Cornelio Nepote; assim se riam agora os leitores.

Scipião, o Africano, accusado por alguns tribunos da plebe disse apenas:

— E' hoje o anniversario da batalha de Zama, em que

desbaratei o exercito de Annibal. Jupiter agnarda as minhas homenagens no Capitolio, acompanhe-me quem quizer.

A multidão rompeu em gritos d'entusiasmo desprezando os intrigantes.

Salvante melhor parecer, bem fez Ramalho Ortigão que nos apresentou a um personagem tão authenticamente despedido e pandigo como João Ziska.

Aqui consigno os meus agradecimentos.



Um marido infeliz surprehendeu a mulher.

Contava isto, com desvanecimento, o anjo mau introduzido.

— E elle que disse?—perguntaram-lhe :

— *Embezerrou.*

E' proprio.



Espelho para vaidosos.

Garrett um dia pediu a I. Vilhena Barbosa, proprietario do UNIVERSO PITTORESCO, para que n'esse jornal de instrucção e recreio lhe publicasse a biographia escripta por elle mesmo (126) e em que *Xenophonte de si proprio* (como

elle depois applicou a Antonio José d'Avila (127) n'uma censura affada) se pintava em relevo, com muito desvanecimento da sua pessoa. Entretanto pôz logo como condição absoluta, que lhe fosse restituído o original para se acobertar de futuro no maior segredo este reclame de orgulho extravasado.

Vilhena Barbosa acceden, mas, para salvaguarda, fez perdido um dos *linguados* do manuscrito, que arrecadou com a maior solícitude.

Alphonse Daudet conta algures (128) a sua estreia litteraria e como lhe foi difficil alcançar editor para um volumetto de poesias.

A vida é ardua: é uma charneira povoada de estrépes.

A gloria custa muito a alcançar e até aquelles, que se gabam de puritanos recorrem ao alarde para que os extremem na turba multa das gentes.

Catão d'Utica não punha as tripas ao sol (os historiadores que investiguem se fazia sol) se não lobrigasse detraz d'aquella asneira os applausos da posteridade.

(127) DISCURSOS E MEMORIAS de *Garrett* pag. 149. Tosa admiravel a 15 de julho de 1841 no então ministro da fazenda e depois Duque d'Avila e Bolama. No dia seguinte Garrett foi demittido da 2.^a Presidencia do Conservatorio, da inspecção geral dos theatros e do officio honorifico de chronista-mór do Reino.

(128) TRENTE ANS DE PARIS pag. 29. Firma assim no livro as suas tribulações :

« *Je voudrais voir M. Lévy... pour affaire de manuscrit*
— *Très bien, monsieur; veuillez me dire votre nom.*

Et ce nom dit, l'employé, methodiquement, approchait ses lèvres de l'un des orifices du porte-voix, puis appliquant son oreille contre l'autre:

— *M. Lévy n'est pas à la maison.*

M. Lévy n'était jamais à la maison, ni M. Hachette; personne n'était à la maison, toujours grâce à cet insolent porte-voix. »

Victor Hugo, segundo em 1836 foi denunciado por um dos nuncios de *L' Art* tambem um dia pediu a um collaborador do *Globo* para que lhe encarcesse a *reprise* do HERNANI, e Affonso d'Albuquerque, o formidavel governador da India, que apenas queria para sobre o tamulo dois leões de ferro vasado, despojo do inimigo, e obra muy prima e natural, que *El-Rey da China enviára de presente a El-Rey de Malaca*, não se dedignou de solicitar com instancia a Ruy de Pina, amanhando-o com aucis de diamantes e rubis, para que o não esquecesse nas suas historias. (129)

Fragilidades humanas !

Agora perdoem-me os leitores o peccado de ter feito gemer os prelos n'esta publicação a retalho.



A barra de Lisboa é uma maravilha.

O Porto teve sempre a mania de disputar prerogativas á capital e um negociante d'aquella praça explosiu em graejo o seguinte :

— Não nos leve a mal o nosso justificado orgulho, se não diga-me, o que seria Lisboa sem o porto ?



ESPOSA—Objecto decorativo, muitissimo fragil.



(129) NARCOTICOS de *Camillo Castello Branco* T. 2.º pag. 64.—João de Barros, *Decada II L.º VII cap. 1.º pag. 154*, edição de 1777.

Dois medicos.

— Morreu fulano ha oito dias.

« Deixal-o morrer !

— Tractava-o eu.

« Peor para elle.

— A viuva deu-me vinte libras

« Melhor para ti.

— e quer casar comigo.

« Oh diabo ! isso então é vingança do defuncto.



Um funcionario lisboeta altamente collocado era um alcoteiro-prodigio.

Passando-lhe ao pé da porta dizia um dos credores a um seu amigo :

— Ora veja como se escreve a historia ! Isto aqui é que é a verdadeira CASA DOS BICOS. (130)



Não quero, nem devo, attribuir plagiato á seguinte aproximação litteraria :

Bernardo *humilde*:

E V. S.^a não está satisfeito ?

(130) Casa historica de Lisboa. Veja-se o Archivo Pictoresco de 1860—artigo de Silva Tullio.

Pedro Paulo:

Não sr. achei o soneto muito pequeno
etc. «Morgadinha de Val-Flor.»

Pinheiro Chagas.

*

Le monsieur à Marcel

Comment appelez-vous cette chose que ce monsieur vient de
reciter ?

Marcel

C'est un sonnet

Le monsieur

Ah !... c'est un sonnet... il est fort joli ! mais il n'est pas
assez long.

etc. «La vie de Bohème.»

Henri Murger et Theodore Barriere.



✓ O CRIME é o filho mais novo do mau humor.



Um sугeito, figura calabreza de Salvador Rosa, mostra-
trava no Terreiro do Paço, o pedestal da estatua equestre de
D. José, suberba esculptura de Joaquim Machado de Castro.

— Vê você ali aquella trombeta? E' a da *fama* cantando as façanhas portuguezas.

— Bem se deixa vêr... pelo som que não tira.



Um typo cuja mulher se regala de lhe ser infiel diz n'um circulo de amigos em remate de conversa:—*Raspo-me.*

— Fazes bem! se tu te não «raspasses» não havia raspas de veado.



Depois d'uma visita ao Ex.^{mo} deputado Francisco de Castro Mattoso, irmão do chefe do partido progressista, José Luciano de Castro, ambos nados e creados na Oliveirinha, a menos d'una legua de Aveiro, recostei a cabeça sobre o fundo da carruagem e quasi vinha somnolento. Estas circumstancias foram estranhadas pelo meu companheiro de embaixada.

— Que tens tu?

— Não te admires d'esta lethargia em quem tem estado comatoso (co' Mattoso).



Quando morreu D. João II, em obsequio ao veneno, talvez propinado pelo mestre João de Mazagão, Izabel de

Castella, fazendo justiça imparcial ao caracter do monarcha exclamou: — *morreu o homem.* (131)

O padre Alvaro de Semedo no seu *Imperio da China* assevera que alguns fidalgos, corruídos de luto, leváram a sua homenagem até ao ponto de se cobrirem com os xairés das cavalgaduras. (132)

E' até onde póde chegar a saudade.

N'estes ultimos tempos a ALBARDA tem assumido a mais alta consideração politica.

Raphael Bordalo Pinheiro aproveitando este symbolo da paciencia do povo, que os escriptos petroleiros de futuros ministros tinham vulgarisado, não cessa, por meio de caricaturas felizes, de pôr em jogo de gargalhadas os musculos zygomáticos de muito portuguez carraneudo.

Mas como viram, a bestialisação nacional remonta ao seculo 15, e Xavier de Maistre provou, n'um livro muito espirituoso, que dentro de cada um de nós, independente de baias, e mesmo sem cavalharia, anda uma besta.

«Je me suis aperçu, par diverses observations, que l'homme est composé d'une ame et d'une bête.» (133)

Desenvencilha-se conseguintemente que quando os fidalgos punham os xaireis não eram, e assim retóco a phrase *retro*, forças de saudades, eram exigencias das respectivas bestas pedindo apparelho.



(131) *Rainha sem reino*, por Alberto Pimentel, pag. 229.

(132) Camillo Castello Branco — *Narcoticos*, T. 1.º, pag. 48.

(133) «Voyage autour de ma chambre», Cap. VI.

Historia de todos os tempos.

Um varão partiu para o exercito por *amor da guerra*; no regresso encontrou a familia accrescentada pela *guerra do amor*.



Um commissario de policia, mais rispido do que um car- do, a um *alfaiate*, mais bebado do que um cacho :

— Em vez de se enfrascar nas tabernas, era melhor que você cuidasse do seu officio.

— Quem cui! Não faço outra cousa senão... *coser* be- bedeiras.



Em tempo de eleições.

Exemplo frisante de vocação politica.

Um pae puxa as orelhas a um filho cábula.

— Então porque não foi ao collegio seu patife?

— Quem é que lhe disse isso, meu pae? fui sim sr., fui ao collegio... *eleitoral*.



Luro—conspiração de saudades a que os desherdados puzeram o nome significativo de *nôjo*.



D. Pedro I, o *crú* ou *justiceiro*, fazia tambem o seu ca- limburgo, e arrasto a este logar um que sobre ser notavel e atroz,

Para escarmento d'intrigas palacianas elleahi vae.

Aquelle meu *collega* de trocadilhos, tão cruel como Herodes, alcançou do Rei de Castella, por extradicação, a entrega de Alvaro Gonçalves e Pedro Coelho, assassinos do Iguez de Castro.

«— E El Rey com queixume, dizem que deu um açoute « no rosto a Pedro Coelho, e elle (exasperado) se soltou então tão contra El Rey com palavras injuriosas chamando-lhe: « *Traidor, sem fé, prejuuro, algoz, carniceiro dos homês.* E El Rey dizendo que lhe trouxessem sebola e vinagre para « o *coelho*, enfadou-se d'elles e mandou-os matar. (134)



N'uma diocese muito religiosa o bispo determinou que se fizessem preces, exorando a potestade celeste para que o «mildiew» se afaste das vides.

O governador civil pergunta ao administrador do concelho X:

— Que providencias tem tomado contra o flagello?

A auctoridade interrogada responde d'officio:—por aqui temos tomado a «providencia divina».



(134) Fernão Lopes—Chronica de D. Pedro I—ed. de 1760, pag. 152.

Garatagei n'um *album* estas palavras calamitosas:

— «*Album*»... do latim «*albus, a, um*» *alvo*, que veio a gerar o «*Album, is*» taboa com reboco de gesso sobre a qual se assignalávam as deliberações do pretor, os annaes, quadro em que o «*Pontifex Maximus*» inscrevia os fastos memoraveis etc; ora o *album* era afixado nos logares publicos e todo aquelle discolor irreverente que d'ahi apagasse alguma palavra tinha por castigo a pena de morte.

Ja vê o leitor, se houver leitor para estas linhas anemicas e estroinas, que é objecto momentoso o escrever n'estes livrinhos, que parecem innocentes, e tanto, pelo menos, como meninos recém-nascidos.

O que aqui se mette na pagina não mais se apaga, e francamente para insculpir sensaborias em bom papel velino é melhor conservar ao *album* a sua virtude genealogica de *branco*.



As bellas gazetilhas de Antonio de Menezes (135) foram em 1885 colleccionadas em volume sob a designação de *Tam-tans*, epigraphe que no jornal *Diario Illustrado* as exhibia aos assignantes e compradores avulso.

Canções na ultima estancia do canto I dos *Lusiadas* pôz os seguintes endecassylabos :

No mar tanta tormenta, e tanto damno
Tantas vezes a morte apercebida !

(135) O engraçadissimo *Argus* do jornal alludido, e das Revistas do anno, intituladas *Tutti-li-Mundi, Et; e tal e Pim! Pam!! Pum!!!*

Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida.

Creio que estes versos é que são realmente um *Tam-tan* com os seus echos metallicos e a sua resonancia intervalada.



✓ PRIMAVERA—Manto de gala da terra.



✓ Um sugeito bastante surdo dizia amistosamente, com um sorriso nos labios, quando no fim do semestre *mudou* de casa em Lisboa :

— Vê tu que desgraça a minha, já era surdo e agora *mudo*.



✓ * Qual é o motor social mais prodigioso que existe—o *interesse*.

* E' tão prodigioso que até se pôde dizer que é o unico



✓ Em casa d'um agiota, que empresta sobre penhores.
Um amator de antigualhas pergunta-lhe :—de quem é aquella *rapière* de cópos de *tigella* ?

— Passa por ser a de D. João de Castro.

— Tem a certeza d'isso ?

— Não, mas quasi. Pois se elle até empenhou as barbas, é obvio que já antes empenhára a espada.

— Se aquelle vice-rei aqui viesse levantar dinheiro sobre as *barbas* quanto lhe emprestaria?

— Isso é conforme; se ellas fossem de *baleia*, talvez fizessemos negocio.



Um nababo, que padece de gota, de sordidez e de surdez, mostra com desvanecimento os alfobres da sua horta a um brasileiro visinho.

— D'este lado é *que ouve* (couve)? pergunta-lhe o segundo, ageitando-se para fallar ao primeiro.

— Não sr., d'este lado são feijões, disse o ricasso resfolegando uma pitada por entre as unhas debruadas de luto



FELICIDADE—é uma obra em cinco volumes:—*Belleza—Talento—Amor—Saude—e Dinheiro.*



Os exegetas mais aprimorados e sabedores, os theologos mais profundos e illustrados tem-se visto gregos para explicarem o motivo sincero da operação estrambotica da circumcisão ordenada na Escriptura Santa.

Equivale a dizer que o Creador tinha errado as dimensões do individuo na raça hebraica. E' clarissimo que a excisão d'uma tão pequena rodella de pelle em sitio milindroso e recatado não tem rasão plausivel, nem na hygiene, nem na força prolifica, indifferente áquellas troças baldrócas. (136)

Cacarejam os interpretes umas desculpas banaes, atiram-se com os colmilhos anavalhados sobre as legiões dos philosophos e dialecticos, mas é certo que se não resgatam do vespeiro em que, por leveza d'animo, se metteram.

O assumpto farta-se de ser comico, assim lhe achem a graça, que traz embrulhada n'uma circunspecção hermetica.



Um leão de *boulevard*, um bohemio, sempre disposto a levar d'escalá ia todos os corações agarrochados de amor, recontava n'um circulo d'amigos, a sua ultima façanha. Insinuára-se como serpe n'uma casa onde a filha era guardada por um lynce :—o pae.

— E então, passaste uma noite divertida ?

— Qual historia! Caleulem vocês. Estive sempre debaixo da cama, ao pé do servidor.



Camões foi e será sempre o mais genial dos poetas portuguezes.

Para o ser basta esta miniatura classica, que é digna d'um escritorio ds perolas. (137)

(136) *Boissonade*—«A biblia desmascarada», pag. 149.

(137) Obras de Camões, edição da *Actualidade*, vol. 5, pag. 129—Redondilhas.

Venceu-me amor, não o nego
 Tem mais força qu'eu assaz
 Que como he cego e rapaz
 Dá-me porrada de cego

— Não ha ninguem mais expressivo, dizia uma dama cinco centenaria.



MORTE—carrasco anachronico, chronico, e synchronico. Umaz vezes afivela mascara no rosto como o algóz de Carlos I de Inglaterra, e outras mata sem ambages como D. João II de Portugal.



Entre as curiosidades mais notaveis da nossa administração e conhecimentos coloniaes avulta a que ha poucos annos succedeu, quando sendo ministro da marinha, creio que o sr. Thomaz Ribeiro, foi despachado um padre para Tete com obrigação de dar escola no Zumbo, povoações da provincia ultramarina de Moçambique, que distam entre si a bagatella de mais de 40 leguas em linha recta.

Como aquelles sertões se regozijavam, se fosse possível o milagre!

O caso historico do *homem das botas de cortiça* que a GAZETA DE LISBOA, jornal do governo chegou a annunciar que atravessaria o rio desde a Torre de Belem até á Torre Velha, a 3 de Dezembro de 1811 foi um logro memoravel

pregado ao intendente geral de policia, ao principal Sousa, e demais membros do governo, e a cerca de 30 curiosos, que engoliram aquella burla como um prodigio do tempo. (168)

Digna de emparelhar com aquella maravilha é de certeza o portentoso despacho que obrigava um pobre sacerdote ás correrias fantasticas d'um duende.

Espantósol—e—triste !



— Que flôr tão esbelta ! que rica flôr !—exclamava, no jardim d'um capitalista, uma visita enthusiasmada.

O jardineiro com então scientifico—E' a *bignonia ca-preolata*, pertence á familia das «trepadeiras».

— Sim?! pois antes queria pertencer á familia do dono da casa.



Enigma pictoresco

Sierano é casado e vive mal com a mulher.

— Passa muito incommodado, advertiu um sujeito.

— Mas de qué ?

— Sofre ainda dois palmos acima da testa.



Guerra Junqueiro é o auctor da morte de D. João. E diz se isto com um desplante, mesmo nas barbas da justiça!

Ou é ou não é.—No caso negativo peço para os diffamadores o castigo que Luiz IX de França, apesar de *Santo*, infligia, mandando queimar-lhes a lingua com um ferro em brasa.



Um commendador d'enxertia, aproveitada n'um brasileiro casca-grossa, d'estes que Portugal exporta de tamanhos e regressam de sapatolas de verniz, larga corrente d'ouro e muitos anneis em quasi todos os dedos de ambas as mãos, que falla bocejando, e dormita arrotando, elogiava o hotel de Vidago com gestos de marujo e palavras difficéis.

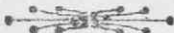
Um interlocutor presente interrompe-o d'esta forma:

— E qual é o tractamento?

— Qual tractamento?... Ah sim! Desde que sou commendador, tenho *excellencia*.



O amor é ás vezes uma flôr ontónica que bróta na aspe-
ressa; quando então se ostenta aberta ao sol, n'um ultimo
alento, acaba por matar a planta que a produziu a custo.



Amigo PASTEUR

Ferran e Gamaleia disputam qual d'elles, empregando o teu methodo, descobriu primeiro um remedio contra a colera.

Tenho o prazer de communicar-te que sendo a colera um synonymo da ira recorri ao cathecismo e encontrei que este peccado mortal tem uma virtude que lhe serve de antidoto... a paciencia.

Entrego esta invenção é tua pericia.

Vale.



FORMIGA — é um animalsinho que com proficiencia se metteu a ensinar economia domestica.



— E então coronel ?
 — Voltei á primeira forma.
 (Enviuvára).



E' provavel que o presente livro não desperte a atten-

ção do publico. En dou-lhe o meu voto de agradecimento e reconheço que tem sobrados motivos de não estimar as paginas d'un gárrulo de profissão.

Theophilo Braga que tem enchido uma estante com as suas publicações de muita fadiga (169) não é a primeira vez que *petisca* (170) a sua descompostura a alfinetar-lhe os creditos. (171)

Varnhagen n'um folhettino de poucas letras intitulado —*Theophilo Braga e os antigos romancieiros de trovadores*— applica-lhe uma escovadella real.

Camillo Castello Branco em 1865 produziu nos seus *Esboços de Apreciações litterarias* uma critica muito lisongeira ácerca da *Visão dos tempos* e das *Tempestades sonóras* fazendo levantados elogios ao poeta. Quanto á *parte esthetica*, que serve de preambulo, Camillo sentencencia d'est'arte :

« Recebi com muita reflexão esta prosa do sr. Braga, e
 « desgostei-me da minha pouquissima agudeza. Não me fa-
 « tigo de admirar a copia de symptomas de muita leitura do
 « estudioso moço; o que canço é atar os pensamentos, con-
 « catenar as llações, achar fórrna demonstrativa, ver de fren-
 « te os raciocinios que o poeta me offerece de perfil. » (172)

(169) « Não publica um volume por semana pela rasão unica de que não ha prelos em Portugal que acompanhem a velocidade vertiginosa da sua penna. *Theophilo Braga*, « esboço biographico » por J. D. RAMALHO ORTIGÃO.

(170) Este termo vive hoje existencia suspeita, desde o emprego que lhe deu Eça de Queiroz a pag. 363 da *Reliquia*.

(171) « N'uma terra de madraços este homem affirma a grande força de trabalho tenazmente enclausurado no estudo, vivendo para a sua obra » Bruno (J. Pereira de Sampaio) *Geração Nova* pag. 102.

(172) Livro citado, pag. 248.

Polemicas successivas (173) azedaram as treguas. Em as *Noites de Insomnia*, o exilado de S. Miguel de Seide chamou-lhe *lombriga que roe o intestino recto de Minerva*; no prefacio do *Cancioneiro Alegre*, tractando da necessidade de uma aula de Poesia Patusca, em que pôde ser selecta de curso o mesmo Cancioneiro, diz n'um remoque acutissimo que «o discipulo a impar de antologia e anthropologia, como se comesse o indigesto sr. Theophilo e mais dois marmelos «crus» iria á aula tonificar o espirito com boas chalaças luso-brasileiras.

Dentro das notas á *Formosa Lusitania* (174) sobrescripta-lhe uma allusão envenenada, e assevera que «leva de poz de si a admiração de toda a gente» tal qual na phrase do Apocalypse :

Et admirata est universa terra post bestiam

Camillo com o seu chicote de gracejos, mais duros do que o «knout», tem atarantado o erudito investigador.

A risada é um explosivo de mais força do que a dynamite.

Em 1869, Oliveira Martins n'um opusculo *Theophilo Braga e o Cancioneiro e Romanceiro Geral Portuguez* (175) escreve :

« Mas Theophilo apparenta de facto nos seus trabalhos « uma erudição que espanta... E' porém esse mesmo luxo

(173) Sobre a questão coimbrã vide «*Vaidades irritadas e irritantes*» de Camillo, onde vem este periodo—«Lá está o sr. Theophilo Braga, o parafusador de infinitos, o artifice por excellencia d'estas coisas que fazem cahir a gente a estocadas de sabedoria.»

(174) Pag. 210 do L.^o citado.

(175) N.^o 2 da Revista Critica de Litteratura Moderna pag. 12 e 37.

« impossível que se me afigura como um dos erros sem numero em que tem cahido.

« ... Nota-se, sobre tudo, como que uma ausencia completa de ideia local, apropriada; as palavras só forçadamente pôdem traduzir as ideias, quando o pôdem; os períodos difficilmente encontram nexos e deducção, grammatica não a ha, e portanto nem sombras de estylo.»

Oliveira Martins na defeza da sua *Historia de Portugal* (176) tambem lhe chega um calôr para nos servirmos d'uma phrase de calão perceptivel.

Fernandes Costa, em Junho de 1879, e no *Diario Illustrado*, mettendo sobre a bigorna a HISTORIA UNIVERSAL, *Esboço de sociologia descriptiva* de Theophilo Braga, malha no auctor que é um Deus nos accuda, e diz-lhe estas palavras :

« Não se encerre, não se feche dentro da impenetrabilidade de uma tecnologia especial de escola, sem nos dar para intelligencia d'ella um fio illucidativo; não se divise para uso dos seus idolatras, fallando-lhes em termos « sybillinos».

Quando a 6 de março de 1886 (177) na Sessão da Camara Municipal de Lisboa, Theophilo dissentiu o plano da reorganisação das escolas centraes e parochiaes do municipio, d'entre o discurso sahiram periodos como este :

« Se ha dias infelizes em que se quebram cousas é porque os movimentos estão desordenados, assim como ha dias em que o nosso cerebro não percebe bem as questões. Porisso ha criadas de servir mais ou menos quebradeiras. « (Riso). »

(176) *Historia de Portugal*, T. II—*A historia de Portugal e os criticos*, pag. 294.

(177) *Diario do Governo* n.º 143 de 1886.

A gente á vista d'estas syntheses tão estapafurdias, e d'estas cabriolas tão inopinadas chega a deplorar a invenção da tachygraphia e comprehende, n'esse momento d'amar-gor, o orgulho, encapotado em modestia, da inscripção que Alexandre Herculano legou para seu epitaphio :

AQUI JAZ UM HOMEM QUE CONQUISTOU ALGUMAS VERDADES PARA A HISTORIA DO SEU PAIZ. (178)



- A um colleccionador de rosas :
- Tem todas ?
 - Tenho, sim sr.
 - Não é provavel, falta-lhe talvez... *a rosa dos ventos.*



- ✓ Victor Hugo tinha horror ás pennas d'aço, e servia-se sempre das pennas d'ave.
Era mais economico.
Na sua qualidade de aguia arrancava-as das azas.



(178) «N'estas materias peço a v. que se volte um pouco para a *analyse*. Ha tanto que fazer por esta parte.»
Carta de A. Herculano a Oliveira Martins, em 1869.

Para castigar a presumpção d'um litterato, filho d'um sapateiro, que fustigava os collegas n'um estylo empolado, respondeu-lhe de frente um dos aggedidos :

— O' seu fulano, o que eu não posso é acompanhá-lo n'esse seu estylo *remontado*.



Quem tiver dinheiro, e quizer experimentar-lhe o poder, é empregal-o no teia do suborno e na alliciação; só de esse dia avaliará a venalidade dos homens, e a infima escoria de que são formados.



- Faço por ti todos os sacrificios.
- Vê lá o que promettes !
- Se te amo, filha !
- Todos os extremos ?
- Que duvida ! experimenta.
- E' bem simples; quero um anel.
- Qual ? vou já comprar-t'o.
- Pois bem. Então dá-me o... *anel de Saturno*.



« ... porque em arabe tanto vale dizer Alcantara, como a ponte.» (179)

E' incorrecto por conseguinte dizer — *A ponte de Alcantara.*

Peço ao sr. Guilhermino de Barros que me não deixe ficar mal n'esta advertencia aos alfacinhas, visto que não sou arabista como frei João de Sousa, e menos um *homem das Arabias* como Mahomet.



Toda a gente dizia que Victor Hugo era *immortal*, mas alfim o grande poeta sempre morreu.

Ficam d'este modo explicados os motivos porque elle á cautela era advogado da *abolição da pena de morte.* (180)



Onde se demonstra a necessidade das virgulas, e a abundancia dos erros na terra.

O conto historico de Malherbe, *LE PÈRE LA LUXURE*, esse grande poeta que, termo medio, só escrevia trinta ver-

(179) O Castello de Monsanto T. 1.º pag. 97.

(180) O cadafalso de Louvel, assassino do Duque de Berry inspirou ao grande poeta *O ultimo dia d'um condemnado*, folheto publicado em 1828; em 1834 viu a luz da imprensa o romance *Claude Gueux*.

ses por anno, prova que um lapso typographico pôde dar mais saude a um verso notavel na decantada elegia ende-reçada á morte de Roselle, filha de Du Perrier.

«Et rose elle a vecu ce que vivent les roses
L'espace d'un matin.»

D'este exemplo se infere o peso do asserto inicial, na bravura irradiante da sua força.

A phrase truncada da biblia

surrexit, non est hic

tem sido adulterada por maliciosos em guisa pouco urbana, transplantando a virgula uma palavra para a frente, do que resulta o avesso do enunciado no versiculo cathegorico. Sem pretensões a converter este livreco n'uma metropole de ane-doctas alheias, confiscadas a bem da causa, reporto-me a uns lances extraordinarios.

A primeira edição das obras de Pico de Mirandola levou a reboque uma errata de 25 paginas (!)

O cardeal Belarmino para as *Controversias* houve de fazer uma errata de 88 paginas (!!) e á *Summa* de S. Thomaz de Aquino em 1578, o dominico F. Garcia addicionou uma errata de 112 paginas (!!!)

Em 1648 Flavigny, professor de hebreu no Collegio de França, publicou uma carta que tractava do «texto arabe e syriaco do livro de Ruth, inserta por Abrahão Echellensis na Biblia polyglota de le Jay, e reproduzia a citação da passagem de S. Matheus

«Quid vides festucam in oculo fratris tui, et trabem in oculo tuo non vides?»

Quicá patifaria do typographo, *oculo* sahia impresso sem o *O* inicial e Flavigny, arguido de impio, viu se da côr da abelha para se provar innocente do equivooco heretico.(181)

(181) Vide artigo de compilação erudita, posto por Firmino Pereira no *Commercio Portuguez*, em 10 de maio de 1885.

No *Diario* official d'este paiz afforou n'uma occasião um erro que foi espanto de meio mundo; fallando-se de D. Maria II chamou-lhe *Sua Magestade a Tuinha*, e aggravou a falta emendando a toda a brida no dia seguinte para *Sua Magestade a Baiha*.

La teria mais alguma rasão, mas de delicadeza nem sombra.

Isto posto, inventemos da nossa banda com que fechar o capitulo.

Um mestre d'obras, atirando, como o *Thomé da Povoá*, (182) ordens para a direita e para a esquerda acerta estas palavras em dois operarios :

(A um):—Pegue n'esse gigo, seu pedaço asno, (a outro): e você *de mula* isso já.

— Pedaço *d'asno* póde ser o meu camarada, mas *de mula* isso será você.



Scena patriotica :

— Por onde se demonstra que a nação se regosija nos dias de gala.

— Por onde ?

— Por meia duzia de luminarias, hymnos dos charame-las regimentaes, e sobretudo por se fecharem as repartições publicas.

NOTA EXTRAHIDA DA CARTEIRA D'UM EMPREGADO.



✓ «A semente do dinheiro é dinheiro.»

J. J. Rousseau.

Conversa de dois amigos, photographada de relance:

- Affirino e repito que só não é economico quem o não quer; eu tenho um geito especial para poupar.
- Deves ter o teu peculiosinho, visto isso.
- Eu te digo, falta-me que economisar.



Orthoépia nacional.

N'uma aldeota. O regedor:

— O' sr. professor, vocemecê que é muito lido em livros e sabe da coisa, é que me pôde esclarecer. Tenho visto umas gazetas escreverem o colera, e outras a colera; em que ficamos, é macho ou femea?

— Isso tem pouco que decidir. E' macho e femea; é porisso que se multiplica.



Em volta da lareira conversa-se com valentia. O colloquio descamba para a vida alheia.

— E o filho? commenta um typo em ares de admirado

— E' bruto responde um dos do grupo, é exactamente o pai.

— E' tal qual o pai confirmam todos em côro.

Um padre, que se achava presente e que era das rela-

ções *particularissimas* (183) da familia arguida, accediu logo, scandalisado de perto.

— Alto lá! ao pai é que elle não sahio.



ESPERTEZA—é apenas a persuasão ou o proposito em que cada um está de lograr os outros.



Felix qui potuit rerum cognoscere causas

Virgilio.

Sempre desejava que Deus me explicasse porque santimonia, picuinha, ou despeito me não fez tão rico como um marajah da India? ou porque me não trespassou um talento enorme, por exemplo o do Aristoteles, Leibnitz, Cuvier, ou Victor Hugo, hoje que elles são, a bem dizer, estabelecimentos fallidos.

Shakspeare lá o diz :

« Alexandre morre, Alexandre é mettido no tumulo; Ale-

(183) Les maris ont un flair que je ne pourrais comparer qu'a celui des meilleurs chiens de chasse. Ils sentent l'homme indispensable à l'équilibre matrimonial, et lui font immédiatement fête.

Armand Silvestre—*Histoires joyeuses* pag. 90.

« xandre volta á poeira; a poeira é da terra; da terra vem a
 « argilla; e porque é que com essa argilla, que foi outr'ora
 « Alexandre Magno, se não vedará um barril de cerveja? A
 « argilla de Cesar, conquistador do mundo, bem óde ser-
 « vir para calafetar os buracos d'uma parede contra os ven-
 « tos do inverno. » (184)

Porque alçapão de theatro se esgueiráram os relampagos d'aquelles portentosos engenhos.

Abrindo ventana sobre as planícies aridas da philosophia, mais longas do que as *steppes* da Russia, hão de convir que nunca houve assim um elenco com tão pingües reflexões.



N'uma adega:

Um amavioso comprador de vinhos, obsequiosamente,
 para o dono das pipas:

— V. Ex.^a o que está é muito mal dos *cascos*.



N'uma taberna, um estudante tresnoitado pergunta:
 — Tem Collares?

Um fadista mal assombrado:

— Então este diabo não confunde a tasca com uma *camisaria*!



Politica em casa do barbeiro:

— Os *SERVIES* foram obrigados a *evacuar* o territorio.

Um freguez, visivelmente incommodado, com espanto e inveja:

— A *evacuar*?! são mais felizes do que eu.



DIPLOMATAS — comediantes que teem a jactancia de governarem o mundo pelas suas intrigas.

Sabem quem eu lamento devéras?

E' Deus, ao qual, pelos modos, distribuem um papel de comparsa.



N'estes lazeres do pensamento não será displicente aos leitores recordar-lhes duas usanças antigas que cahiram em exaustoraçãõ, e que fõra até bom e moralissimo restabelecer, erguendo-as do olvido.

Froissart conta que deliberado D. João I de Portugal a casar com a princeza de Lancaster, celebráram-se as nupcias por procuração, sendo emissario do antigo mestre de Aviz, o camareiro-mór João Rodrigues de Sá, que, segundo a pragmática ingleza, foi collocado com a noiva sobre o mesmo leito, acto que se effectuou *courtoisement* (com muita cortezia). (185)

Esta linda cerimonia obrigatoria nos casamentos de Inglaterra acho eu que era essencial rehabilitar-se — *experimentar o leito*.

D. João I quando se encontrou com D. Filipa, sua futura esposa, não esteve com mais delicadezas

« beijou-a, beijou outrosim todas as damas que a acompanhavam. » (186)

Este introito de beijocas sobre as faces rubicundas de tanta dama d'honor achou clemencia 400 annos depois nos versos de João de Deus, mavioso e insigne poeta algarvio :

Um beijo é culpa
Que se desculpa. (187)

Pela minha banda perdôo, com inveja, estes osculos enterrados e desfeitos no pó dos seculos.



(185) «D. João I e a alliança ingleza» pelo Conde de Villa Franca pag. 176.

(186) Ibidem pag. 179.

(187) Flores do Campo, pag. 49.

NASCIMENTO — estação de partida.

MATRIMONIO — estação do entroncamento.

MORTE — estação *terminus* da vida.



Defronte da parede grossa d'uma casaria, escripta e desenhada d'alto abaixo com toda a casta de obscenidade, paráram á sahida das aulas quatro ou cinco rapazes, que frequentam o lyceu.

— Que dialho quer dizer aquella palavra, interrogou um dos do rancho.

Deram-lhe a explicação.

— Não sabia, confessou.

— Pois esta — clama com alvoroço o mais gaiato — é que é uma verdadeira parede... *mestra*.



N'um salão nobre fallava-se de um pobre noivo que enlouqueceu por lhe fallecer d'um aneurisma a sua prometida.

O viseconde de X. velho peralvilho muito impertinente, todo dengoso, á ilharga d'uma joven bastante trocista, estranhava aquelle caso de despreso, e dizia-lhe:

— Eu cá, minha senhora, é que não era capaz de *dar em doido*.

— Sim é claro, confirmou ella.

— E' claro, porque?

— Porque já o é.
e voltou-lhe as costas, deixando-o completamente atropalhado.



N'um leilão. Um sugeito devotissimo de Bacho quando o pregoeiro berra: *Não ha quem dê mais??*

— Espere lá que vou lançar, disse o ebrio, e n'um arranco vomitou a vinhaça.



Que differença ha entre certas gazetas e as sessões?

— E' que estas são incommodos periodicos, e aquellas são periodicos incommodos.



DEMOCRACIA—é exactamente a mesma cousa que a Aristocracia, mas voltada do avêssô.



ESPERANÇA — alimento transparente, de facil ingestão, digestão e dejecção, indispensavel para a existencia da humanidade, e que tem uma vantagem—não custar um ceutil.



No Hotel Rambouillet, frequentado por todos os *beaux esprits* da corte de Luiz XIV com Chapelain, Voiture, Benserade, Scudery, Menage, Sarrasin, Balsac etc., pelos mais altos personagens, como o Cardeal de Richelieu e Condé, e pelas damas de mais talento como Madame de Sevigné, duquesa de Longueville, marquesa de Lafayette etc. floresceu desde 1630 a 1665.

Depois de alguns serviços prestados ás letras, aquella sociedade de merito degenerou n'um cortiço de pedantes, erigindo em idolo a affectação e a puerilidade, adoptando uma linguagem de convenção, e uma etiqueta pomposa e exigente.

Moliere em duas comedias inimitaveis «*Les precieuses ridicules* e «*Les femmes savantes*» metteu a pique as balofas maravilhas do Hotel Rambouillet.

Nas «*Sabichonas*» o insigne author-actor verbera a sabedoria indigesta do modo seguinte :

Trissotin

Le sentiment est contre vos maximes,
Puisque ignorant et sot sont termes synonymes.

Clitandre

Si vous le voulez prendre aux usages du mot
L'alliance est plus grande entre pedant et sot. (188)

(188) Acto II sc. VII.

Nas *Preciosas ridiculas*, Cathos, uma menina inupta, assaz delambida, exhala estes periodos augustos e pudicos:

« Acho o casamento uma cousa bastante offensiva. Como « tolerar a ideia de se dormir d'encontro a um homem ver- « dadeiramente nú? » (189)

Foi pela gargalhada que os estragos do *culteranismo*, dictados pelo Hotel da marquezia de Rambouillet se não distenderam n'um contagio de lepra.

Aviso aos virginismos derrancados pelas leituras mysticas onde tudo são escrupulos e tudo é peccado.

Os homens verdadeiramente nús, deixam de o estar logo que usem ceroulas.

Assim o aconselha, não Larraga, mas Paulo de Koek em muitos dos seus romances jovialissimos.



Dilucidar n'este thesouro de sabedoria coeva pontos que, se não trazem o olôr das asclepias, são notaveis nos fastos da linguagem, é um dos empenhos confessos do auctor.

A *figa* possue, segundo a correntia versão popular, a virtude mirifica de pôr em derrota o *mau olhado* e o *quebranto*. Gil Vicente allude a ella nos seus autos que hoje estuda a douta Allemanha.

Este amuleto precioso, que remonta aos arias, é um descendente do culto phallico,

Os romanos mettiam ao pescoço das creanças alguma cousa torpe e vergonhosa para arredar d'ellas os enguiços. Conta-o Varrão.

De tal usança nasceram os *dixes* ou *digites*, por exemplo «a figura da mão com todos os dedos encolhidos que traz «á ideia a fórma do priapo—ou genital humano, que é cousa «indecente» sendo certo que o symbolo veio «a degenerar «n'esses emblemas cabalisticos a que chamamos figas.» (190)

Camillo Castello Branco, que não tem papas na lingua, benza-o Deus, commentando uma passagem da traducção do Othello por Sua Magestade El-Rei D. Luiz I de Portugal applaude a energia com que o nosso excellenté monarcha verteu do inglez esta phrase shakespeareana :

Virtue? a fig!...

O sr. Antonio José de Freitas trasladara :

Virtude! não vale um figo!

D. Luiz decifrou :

Virtude? uma figa!

Camillo acha que esta interpretação é mais correctá e similar á expressão ingleza e a este proposito cita o dictionario de Moraes que se explica d'est'arte :

«Figa, s. f. (do Ital. *fica*, órgão sexual da mulher).
«Figura que se faz fechando a mão e mettendo o dedo pol-
«legar entre o mostrador ou indice e o dedo grande; imi-
«tando as partes genitais da mulher. A mesma figura feita
«de corno, azeviche, ouro, prata, etc.» (191)

D'este modo, posto que me não falleça a tinta fica sem saber-se, pela contenda dos escriptores, que sexo representa

(190) *A Jornada dos Seculos* de Alberto Pimentel pag. 349 citando a nota de Gonçalo Tello de Magalhães Collaço á traducção dos *Fastos* de Ovidio por Castilho.

(191) «Esboço de critica—Othello, o Mouro de Veneza, traduzido por D. Luiz de Bragança» pag. 34.

a tosca esculptura, que nos absorve agora as atenções. Talvez seja epiceno.



BAILE — o mais poderoso alliado do casamento. Tem o raro beneplacito das sogras, das mães, e das filhas. Os paes vão a reboque das saias.



Um velho solteirão, que á força de muitas primaveras se viu na obrigação de abdicar perante o bello sexo, não deixa perder ensejo de jogar amabilidades, tão coruscantes como balas d'esclarecer.

Ha dias passou, ao cahir da noitinha, junto d'um co-nhecido, que estava com uma rapariga bonita. Cresceu-lhe agua na bocca, e não teve mão em si que não exclamasse risonho para o gracioso *tête-à-tête* :

— Cautela !

— Não ha novidade, accudiu o advertido, é minha visinha-

— Amigo ! N'estes casos, quanto mais visinha, peor.



Um garboso official de cavallaria monta marcial com o seu uniforme de grande gala n'um cavallo tigre, mas ao passar pela rua dos seus amores—fatalidade maldicta!—dá dois trambolhões monumentaes, e derranca-se nas quedas compromettedoras.

— Não admira que se magoasse, retorquia depois o coronel, aquelle cavallo é uma *torre*.

— Bem se vio, atalhou o picador, é uma Torre do Tombo.



CAPRICHOS—Um nada, que gera muita cousa assombrosa.



De fulano, que era a nata da estupidez, affirmava um escrivão de fazenda :

— Nos termos do artigo 5, n.º 4, do Regulamento de 8 de Setembro de 1887, devia pagar contribuição sumptuaria. Tem uma cavalgadura em casa. E' elle mesmo.



«Bassanio repara bem n'isto:—Olha que o diabo pôde, em caso de necessidade, apoiar-se igualmente no texto «da escriptura.» (192)

Voltaire disse já que com a Biblia se provava tudo

«Estas unicas palavras: «Tu és Pedro e sobre esta pedra fundarei a minha assembleia», produziram sete centos annos de guerra entre os imperadores e os papas. A interpretação de duas ou tres outras palavras inundou a terra de sangue: o dogma é muitas vezes *diabolico* como sa-beis, e a moral é divina.» (193)

Fazendo notar a concordancia do poeta de Strafford sobre o Avon com o patriarcha do Ferney, e n'um repente fugindo ao cyclone, singrâmos com as vélas pandas em busca d'outra enseada.



✓
Mobilia do céu.

S. Pedro, naturalmente, está sempre de pé porque lhe esqueceu a *sua cadeira* na terra, e Jesus Christo, segundo se vê do *Crédo*, está assentado á mão direita de Deus Padre.



(192) Shakespeare — «Mercador de Veneza» — Acto I scena II.

(193) Voltaire — Philosophie general metaphysique, morale et theologique, T. 3, pag. 258.

N'uma reunião de litteratos declama-se um artigo em que se tecem grinaldas e laureis para cingir a fronte de Procopio, socio da Academia Real das Sciencias.

Diz um dos escrevinhadores presentes :

— ELLE NÃO tem tal TALENTO, o que elle tem é memoria.

Retruca um segundo :

— NÃO tem MEMORIA, o que elle é... é uma BESTA DE ESTUDO.

Remata um terceiro :

— NÃO é uma BESTA DE ESTUDO, é simplesmente uma BESTA.

E a estas exiguas proporções ficou reduzido o panegyrico.



DICCIONARIO—arreatta que tem trazido á flôr dos escriptos, procreados por litteratos incipientes ou secundarios, muita palavra estapafurdia e descabida.



N'um theatro, durante a representação d'um drama sentimental, em trechos de maior commoção e abalo choravam, a guélas descompassadas, duas creanças nas galerias.

Um espectador entediado :

— N'este momento é que eu comprehendo perfeitamente a degola dos innocentes, decretada pelo Rei Herodes.



— O rei é um homem feliz: tem os palacios, a baixella, as galerias de quadros, os parques, as caçadas, as ginetes e altenarias, as guardas d'honra, os theatros, os festins, as viajatas, e até as salvas de artilheria.

— Alto ahi, meu amigo. a respeito de *salvas*, as que mais lhe cubiço são as de *prata*. (194)



Quando Veneza accendeu guerra com o turco, em mil quinhentos e tal, publicava as noticias das operações em logares reservados onde a multidão as lia, esportulando-se com uma *gazeta*, moeda de cobre de frouxo valor.

Data d'ahi o nascimento do periodico, essa terrivel hydra de diversas *linguas* farpadas, a estilar a babugem do veueno.

Em 1605 armou a Hollanda uma publicação de noticias correntes.

Em 1622 a Inglaterra copia o expediente.

(194) A baixella da casa real portugueza mede-se e avalia-se assim—são precisas onze juntas de bois para a transportarem!

Em França Theophrasto Renaudot, a 1631, imprime a primeira *Gazeta*.

A Alemanha pretende ser a auctora da folha volante, e a bibliotheca de Leipzig guarda, como reliquia santa, um exemplar de 1491.

Em Portugal não se sabe quando appareceu o primeiro jornal. Se em novembro de 1641 nasceu a *Gazeta*, é certo que os papeis volantes, relações e noticias avulsas foram os ascendentes do *jornal*, e em 1627, Philippe III introduzio a censura previa ás relações das *novas geraes*.

Sabe-se para gloria do nosso torrão que a *Gazeta* de Madrid é posterior á de Lisboa. (195) E' uma victoria semelhante á de Aljubarrota.

D'estes primordios tão chinfrins brotou, na rotação dos dias, essa móla poderosa que, berram os democratas, ser o palladio mais seguro, o arrimo de melhor estructura para as franquias populares.

Na governação de D. Miguel I, rei tão authenticico de Portugal como foram os Philippes, apêzar de intrusos, *A Besta Esfolada* e *O Desengano* de padre Alvito Buena, *O Cacete*, do padre Francisco Recreio, *O Mastigoforo* e *A Contramina* de Fr. Fortunato de S. Boaventura, *O Correio do Porto* de João Frederico Ferro iucitavam a plebe a toda a casta de desmandos e crimes aggressivos aos liberaes.

Sanguinarios e torpes, aquelles conselheiros de tanta patifaria immunda, esbravejavam como impios do alto das suas folhas sujas e temíveis, recommendando o marmeiro e açacalando os punhaes.

A imprensa politica presta hoje o grande serviço da descompostura infrene. Exauctora, sem processo, muito character honestissimo, e o povo attingiu triste a beira do lodaçal em que todos se atascam com esta conclusão sceptica no espirito:

(195) Vide o capitulo substancioso de *Silva Tullio* no Brinde do *Diario de Noticias*, em 1866.

TÃO BONS SÃO UNS COMO OUTROS.

Fr. Luiz de Sousa (196) na tantas vezes citada biographia panegyrista do Arcebispo de Braga, desentranhou-se assim :

« O que he tanto mais de sentir, quanto he oje mayor a
« liberdade ou desaforo (por dizer melhor) no escrever &
« imprimir, que vay crecendo de sorte, que arreceyo nos
« avemos de vir a queyxar da impressão, não só negar-lhe
« os antigos louvores. »



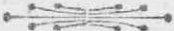
Clamava no pulpito um prégador, encatarrhoado, nas exequias solemnes d'um brazileiro ricasso :

— Da inteireza d'aquelle cidadão temos prova bastante nos filhos que deixou.



- Então pelos modos as eleições foram renhidas ?
- De certo ! Foi uma batalha campal.

Um escrutinador mostrando-me os cadernos disse triumphante:—Fizeram-se todas as *descargas*.



(196) T. 2 pag. 263—A' imprensa officiosa allemã deram agora em chamar-lhe *os reptis da menagerie de Bismarck*.

QUARTEIS—Capoeiras destinadas a abastecer o mercado de carne para canhões, como dizia Napoleão Bonaparte.



Em terras de provincia.

— Você bem sabe, exclamou um presidente da Camara, que me tenho visto em difficuldades. Os lavradores querem tirar o estrume da cidade mesmo de dir. as posturas oppõe-se.

Se os contrario são algumas dezenas de votos que pécco. Em que sentido devo resolver a questão?

— E' simples, guie-se pelo sentido do olfacto.



MADRASTA—usurpadora que se intrincheira no logar de mãe, tomando por divisa a phrase inclita de Mac-Mahon depois do assalto da Torre de Mulakoff:—*J'y suis et j'y reste.*



Amicus Plato, magis amica veritas.

Diogenes, empunhando uma lanterna na praça publica de Athenas, e na força do dia, procurava um homem.

Oiçamos Eça de Queiroz :

« E immediatamente reconhece que elle (o typo do « brasileiro) como V. e como o seu visinho é um homem, um « mero homem, nem ideal nem bestial, apenas humano.» (197)

Fiquei atrapalhado com esta rasão d'arromba:—*um homem humano!* Afinal sempre descobri o alcance d'aquella sentença profunda; é porque *um homem é um homem, e um gato é um bicho*, diz o povo na sua algaravia impermeavel, ainda que Luiz de Camões confunde as paginas quando na ultima estancia do canto I dos Lusíadas poetou os damnos do

..... ceu sereno
Contra um «bicho» da terra tão pequeno

chamando n'este sitio *bichos* aos individuos da nossa especie.
Uma trapalhada.



BANALIDADE—é o trajo caseiro do senso commum.



Depois de uma eleição renhida, um commendador, que tinha sido em tempo marceneiro, asseverou que por pouco não fizera parte da meza.

(197) Prologo do *Brasileiro Soares* de Luiz de Magalhães, pag. XIV.

— Que grande admiração! — disse roncando um adversario politico—isso para si era apenas *recordar os atrasados*.



— Você é um desastrado, escabujava um medico no gabinete d'um hospital, gesticulando como um energumeno, é indigno de «pensar» uma ferida.

— E você é incapaz de pensar um pensamento.



N'um hymeneu.

Affonseca é um dos paranympfos.

O abbade explicando-se:

— Ora agora, caso o sr. Affonseca...

O noivo açodado e birrento:

— Tenha paciencia, sr. abbade. aqui quem se casa sou eu, não é o Affonseca.



RECONSIDERAÇÃO—tormento dos inconsiderados.



Se são muito mais de dez horas e tres quartos da noite, preclarissimo leitor, mette em uso o preceito de A. Herculeano que inventou o annexim:—*Deita-te ás onze qae não és de bronze.*

Se não, e ainda o somno te não venceu n'um arranco, então mastiga este insigne narcotico d'um effeito incontraverso.

Qual foi o mais consideravel e leonino predecessor de Proudhon?

Quem o diria!

Foi S. Marcos.

«25—*Mais facile he passar um camello pelo fundo de uma agulha do que entrar no Reino de Deus hum rico.* (198)

Os argentarios não transpõem as portas gloriosas do ceu. Afanam-se por cumularem montes d'ouro, e assim correm á sua perdição indefectivel.

Os bohemios eil-os vingados dos seus credores!

Estou d'aqui a ver uma bandada de idiotas voando pelas alturas e um rancho de pelintras com azas cortadoras perpassando pelos largos rasgos abertos na muratha diaphana do firmamento, protegidos pelo sorriso trespassante dos cherubins e fazendo surriadas, ás vehementes investidas dos epulentos, que avoejam supplices, coheretos d'uma lanugem avelludada, aurea e argentea.

Então para onde vão os n'habos pôdres de riqueza, os syndicateiros avidos de ganancia, os pecuniosos engolphados em suberba e poderio?

Espera-os o inferno escancarado de par em par.

Lá o disse S. Paulo ao seu amigo Timotheo. (199)

«Porque os que querem fazer-se ricos, cahem na tentação e no laço do diabo.»

Estamos outrosim d'aqui a ver Satanaz com a sua esparrella, aboiz, ou armadilha, iscada com muita patuaria,

(198) Evangelho, segundo S. Marcos, vers. 25, Cap. X.

(199) Epistola I Cap. VI vers. 9.

crusados e libras, e quando algum lórpa desce a empolgar o precioso eibo, eis que o filho das trevas despedindo uma gargalhada maldicta e sardonica colhe aquella alma infeliz, perdida por toda a eternidade.

E' o castigo que espreita famulento aquelles lamba-reiros!

Alguns porém haverá que para não fugirem ao rifão tenham lambido a isca, e sujado o anzol.



Um livre pensador, mal conceituado e mal visto pelas suas ideias anti-religiosas. especie de Bradlaugh nas cas-cas, expõe na tribuna a sua opinião sobre um assumpto palpitante.

— Todos nós sabemos, exclama batendo um murro oratorio, e sorvendo um góle de agua fria, qual seja n'estes pontos a boa doutrina.

Na galeria, dois eleitores beatos, n'um extasis de pasmo:

— Então não é tão ruim como o pintam, *sabe doutrina.*



N'um burgo miseravel e n'um albergue sinistro, um ou-rives que se dirigia a uma feira houve de pernoitar um só dia mas não pode dormir, regado de copioso suor-frio (ex-celleste traducção do medo) e zeloso de tres contos de reis que levava n'um ciuto. O susto foi ao zenith quando no

quarto vizinho surprehendeu esta phrase ominosa, que lhe cheirou a carnificina:

— E' muito melhor que *tomates* (tu mates).

Era o dono da casa que entre lençoes, discutia com a sua companheira, incruento e áleria, as excellencias inoffensivas do aipo, das cenouras, das lentilhas, e dos espargos.



D'um sугeito de mediocre intelligencia, mas turbulento, audacioso, e mettediço, que anda sempre n'um vendaval, d'um lado para o outro, dizia um typo:

— Se não é aguia, é *aguão*.



Um labrego defende-se dos alguazis que o pretendem multar por trazer tres carros d'esterco, do mais sublime, pelo meio da cidade, aos ossos do dia, em contraveução das posturas do municipio.

— V. s.^a bem sabe que eu tenho carradas de rasão, insistiu o camponio, dirigindo-se, supplicante, ao administrador do concelho.

— Você tem *carradas*, mas não são bem de rasão.



Falla D. Francisco Manuel de Mello (200)

« Dizia um pechoso pelas violas que sendo um excellentissimo instrumento, bastava saberem-no tanger os negros e os patifes para que nenhum honrado a puzesse nos peitos. »

Lady Jackson (201) ainda se extasia perante o *fado* nacional, entretanto julgo por alarme que não devemos confundir as paginas,

A guitarra, com certeza, é um instrumento de toadas agradabilissimas, agora o fadista e sua inseparavel campainha, a navalha, é que são execraveis.

O redenho dos pacificos burguezes sonha todas as noites com a invasão sorrateira e subrepticia d'uma folha de ponta e mola, e as leis, acho eu, que teem obrigação de mandar tecer urdidura consentanea de ferro para se acaimarem em respeito os instinctos de magarefes e chacineiros que medram no bairro d'Alfama, sob a forma sympathica de cantigas.

Meus Senhores, que os terçados da policia saiam da bainha, que é um symbolo, para adquirirem a consistencia d'espadas, e que os aljubes com as suas grades de jaula sirvam alfin para enguiolar os chacoes, os gatos bravos e os jaguar's da nossa especie, que injustam as tabernas e as encuralhadas.

Tal é a solução que proponho ao pezadello terribilissimo, e commoventissimo, dos burguezes.

A 4 de agosto de 1578 deu-se a batalha de Aleaker-Kibir. Apesar do elmo de Carlos V em que metterá a cabeça, e dos avisos cautelosos do duque d'Alba, D. Sebastião

(200) *Carta de Guin de Casados*, ed. de 1827 pag. 105.

(201) *Formosa Lusitania* pag. 124.

sofreu uma derrota monumental que lhe foi imposta por Muley Moluco... depois de morto. (202)

Se é verdade o que escreve fr. Philippe de Claverel, nos arraias portugueses depois do desbarate foram encontradas 10:000 guitarras. (203)

Ex-reito positivamente de fadistas, volteiros e enamorados que foram cair rebondos em *djerid* caprichosa estrangulando o ultimo esforço fidalgo d'uma nação pequena e atrevida!

No campo ficaram aquelles tropheus, 10 mil guitarras!

Na batalha de Cannas o exercito de Annibal matou 50 mil homens, dois questores, 21 tribunos, 8 senadores e tão avultado numero de cavalleiros que teve de mandar para Carthago 3 alqueires d'annis d'ouro (!!) distinctivo que usavam nos dedos.

O contraste dos despojos indica bem a tenacidade dos romanos e a leviandade dos nossos patricios. Aquelles não desesperaram da salvação da republica, estes cavaram nos areais da Lybia a perda da nossa autonomia.

A guitarra é pois um emblema nacional.

Manuel Godoy, principe da Paz, e favorito de Fernando VII e de sua esposa (diz o lingueireiro de Henri Heine (204) «qui s'était eprise de son nez; jamais je n'ai vu un nez de pourpre d'un plus vaste contour. plus grand-ducal») assevera-se que deveu o seu ascendente e fortuna ao talento de bom musico.

(202) Jeronymo Mendonça na *Jornada d'Africa* pag. 64 diz que o rei mouro muito doente expirou, metteram-no n'uma liteira, e um maneco elche (*renegado*) por nome Mançorico «*fez parecer a todos que Muley Moluco estava vivo dando as ordens em seu nome que mais convenientes lhe pareciam á batalha.*»

(203) *Narcoticos* de Camillo Castello Branco T. 1.º pag. 20.

(204) «*Allemands et Français*», pag. 69.

Mery perguntou-lhe se era verdadeira aquella lenda ao Godoy respondeu que nunca soubera tocar guitarra. (205)

Perdeu-se este estímulo para cultivo da prenda. Não foram as cordas d'arame que tocáram o coração d'uma rainha, foi talvez o nariz *gran-ducal* do príncipe da Paz.

Se quem sabe tanger apanha de raspanço esta tosa agri-doce, que direi da inferneira dos imperitos ?

« A viola mais musica & mais suave, he destemperada
« em mão de quem a não entende». (206)

Os lyricos contemporaneos, n'estes tempos bicudos, não ferem com o plectro as cordas da lyra porque os mais d'elles não sabem uma nota de musica, e apezar d'isso ainda não se extinguiu a epidemia dos poetas.

Quando más, a poesia tem uma grande vantagem sobre a musica é... *estar callada*.



N'um exame de historia :

— Qual era o traje dos gregos ?

— Ignoro ; só sei que Hypocrates usava ou calças, ou cuecas ou ceroulas, porque sempre ouvi chamar-lhe o *Ancião de Cós*.



(205) *Les nuits parisiennes*, pag. 120 e seg.

(206) Vida de D. Fr. Bertolomeu etc., de Fr. Luiz de Sousa, T. 2, pag. 256.

Dois médicos :

— Donde vens ?

— D'uma *montaria*:

— Como assim ?

— Destruí sete *lobinhos* na cabeça d'um freguez.



— Minha esposa, dizia um brasileiro de torna-viagem, é uma mulher bonita; é um gosto vê-la

— Lá isso é, concordavam todos.

— e demais a mais despida de preconceitos.

— *Despida...* é que nunca a vi, observou a meia voz um alferes de cavallaria.



N'uma visita ao cemiterio duas costureiras louças, com saias rangentes, de engommados crespos, estacam em frente do mausoleu d'um pintor celebre e lêem com desenvoltura os epitaphios plangentes, insculpidos nas quatro faces do pedestal d'uma columna truncada.

Ao verem que o notavel artista morrera na miseria, diz uma das leitoras gniatas para a outra com um sorriso malévolo :

— Que asno! com tantas *inscripções*, e morreu pobre!



✓ A' porta da Havaneza.

— O homem mais entendido em tudo quanto se referia ao commercio de vinhos foi Antonio Augusto Aguiar. E' uma vaga que nunca mais se preenche.

— Estás tu muito enganado! Ainda outro dia, n'um carro a quatro parellhas eu fui a *guiar* (AGUIAR).



✓ A prudencia é a mascara galhofeira do medo.



✓ Perante uma queimada na serra do Caramulo estacam dois caçadores e um exclama inopinado:

— Oh diabo! eis-nos em Hespanha!

— Porque? interroga o segundo.

— Porque isto aqui é portuguez, mas além *anda luz* (andaluz).



«Mieux est de ris que de larmes es ripre
pour ce que rire est le propre de l'homme (207)

(207) Citação de Rabelais, na estatua d'elle por Du maige na praça da Mairie, em Tours.

♫ Esperteza d'um clarim :

— Acolá vae o sargento Thimoteo com alta de posto. Leva dois galões.

(E' preciso notar que em linguagem d'alfandega e adega, galão significa medida de cerca quatro litros e meio).



♫ No Jardim Zoologico.

Duas senhoras elegantes analysam os lobos, que roem com facilidade, estralando as costellas saugrentas d'um carneiro:

— Jesus ! que susto, se me apparecesse um excommungado assim !...

— E' uma questão *d'habito*, disse un cavalheiro proximo, creiam V. Ex.^{as}, aqui onde me vêem ainda ha pouco me encontrei, cara a cara, com a lôba... d'um padre.



♫ RIQUEZA—contrabandista influente que tem feito passar em casamento bastantes mulheres feiás, e ganho em todas as instancias muita demanda injusta.



El-Rei D. Fernando, inconstante e formoso apoderou-se de D. Leonor Telles, mulher de João Lourenço da Cunha e fel-a sua esposa e rainha

« ... por esta causa el dicho Jaan Lorenzo traia unos cuernos de oro en la cabeza por estos reynos de Castilla. » (208)

Este expediente talvez conviesse restaural-o: o leitor decidirá os autos, que lhe faço conclusos.

« ... não fallo de outra especie de pontas que pertence particular nente ao nosso sexo, e cuja obrigação devem a muitos homens ao galante procedimento de algumas mulheres. Este accidente não faz já hoje a mesma impressão que fazia antigamente. Entendendo-se que não pôde influir sobre a honra, nem sobre a propriedade propria, de rão os homens em se não matar por esse principio. O melhor partido que tomão he o de mostrar que ignoram a sua desgraça não sendo n'ella culpados. » (209)

Todo o discurso contido na carta sapientissima merece as honras d'uma leitura frequente.

Pierre de Bourdeille, abbade de Brantôme et d'André, visconde de Bourdeille, a quem a posteridade não conhece senão pelo nome de BRANTÔME, no seu livro picareseo e licencioso « *Vies de dames galantes* », refere casos extraordinarios ácerca das fragilidades e virtudes da carne.

Aquella taboada de namôros, aventuras e conselhos

(208) *Compendio historial de Laguno y Amirola*, citado por Amador de los Rios, e que Theophilo Braga denunciou a pag. XXXVII na introdução da *Floresta de Varios Romances*.

(209) Cavalleiro de Oliveira — Carta XII ao Senhor Dom Florencio Henriques Maldonado, sobre Córnos.

amorousos tem dado origem a muita risada sincera e as cinzas do abbade, estou certo, que d'além tumulo, mais desejam e estimam, como offerenda, as gargalhadas do que as corôas de perpetuas.

« Que j'ay veu en mon temps de grandes escandales et de grands inconveniens pour les indiscretions et des dames et de leurs serviteurs! Que leurs marys s'en soucioient aussi peu que rien, mais qu'ils fissent bien leurs faits, *sotto coperte*, comme on dit, et ne fast point divalgué.» (210)

Contemporaneo de Rabelais, de Marot, e Ronsard, os tractados espirituosos de Brantôme provam que no século XVI, em p.ena renascença, as mulheres eram o que são hoje: — *o encanto e o tormento do outro sexo*.

Uma reflexão servirá para attenuar a agrura das perturbações femenis.

Sempre que uma mulher produz a seu esposo algum desgosto da classe a que nos referimos, encarrega-se, por compensação natural, de consolar outro homem.



Um actor prasenteiro, entre requebros e finezas, atropella os callos d'um barão, que uiva um granhido de misericordia.

O delinquente solicita indulto.

— Por quem é, desculpe; estou acostumado a *pizar*... o palco.



N'uma praia de banhos anda um namoro escandaloso entre um titular de excellente nobreza, e a mulher d'um tabellião de notas.

E era tanto o descaramento diplomatico do galanteio, que o fidalgo em face de varios estroinas e nas bochechas do esposo quando o par adulterado sahia das ondas, ou sou concertar uma entrevista n'estes termos, algo sibyllinos.

— Então seu marido, minha senhora, vae já para o Porto, e apezar d'isso *nada consigo?*

A formosa e appetecida tabellião sorriu, acenando com a cabeça a significar que tinha entendido.

Oxalá que as leitoras pudibundas não entendam. (211)



— Não ha paradoxos, regougava com emphase um lente cathedraico n'um lauto festim, entre viandas rescendeutes, opiparas eguarias, e vinhos capitosos.

— Ora essa (acendi un papa-jantares de *primo cortello*) todos os dias chovem paradoxos.

— Venha um exempio, inquire o professor com o entono sabio de *magister*.

— Um exemplo?... Ahi vai um. Esta magnifica vitella esté morta, mas com vida (*couvida*).



(211) Victor Hugo no *Homem que ri*, L.^o 2 cap. VI explica-se assim: «O amor, sabes como é que o bom Deus «accende esse fogo? Põe a mulher em baixo, o diabo entre «ambos, o homem em cima do diabo. Um phosphoro, isto é «um olhar, e ahi está tudo a arder.»

E' exacto, mas o que é preciso, é supprimir n'este caso o diabo.

Requestar a fortuna é pretender alcançar premio n'uma loteria aberta por um cambista fallido—a esperança.



✓ A esposa d'um recebedor de comarca prepara-se ao tocador para ir a um baile. O marido receioso :

— O' filha, olha que *decótas* de mais.

— Pelo contrario; oiço-te sempre dizer na repartição:— olha que *de quotas*... cada vez menos.



✓ Um negociante muito rico que á côdea do balcão fizera diuheiro e amontoava cabedaes den a filha em casamento a um estudante com premios, muito louvado nas gazetas pelo seu talento admiravel.

Passados oito dias depois do hymeneu foi a casa dos jovens conjuges e ficou cheio de pasmo por ás cinco horas da manhã encontrar o genro, sentado á banca, decifrando problemas intrincados de engenharia.

— Convença-se, meu illustrado amigo, disse o sogro com geito reprehensivo, olhe que o papel de noivo tem pouca mathematica.



Joés Xavier Mousinho da Silveira nasceu em Castello de Vide a 12 de julho de 1780, e morreu a 4 de abril de 1849,

D'este sincero demolidor das instituições absolutas diz Rebello da Silva (212)

« A sua reputação de integridade era realçada no conceito dos administrados pela admiração de suas letras « não vulgares, e pelo applauso de seus ditos e agudezas « originaes e quasi excentricas. »

Esta biographia do celebre estadista foi calcada sobre a que Garrett erigio na sua *Memoria historica* em 1849, despertando um echo de saudade vivissima n'esta terra classica da ingratiidão, regada pelo Iethes do Desmazello e do Nlo-se-me dá. (213) O grande escriptor que, por galante modestia, se declara auctor de *versiculos e prosiculas*, nota por incidente a originalidade das expressões e do procedimento de Mousinho da Silveira.

Para que se não apague um vestigio do animo alegre do illustre transtagano insiro n'este logor uma curiosidade, quasi perdida.

A 20 de setembro de 1816, e no logar de juiz de fóra de Setubal, « onde os seus ditos agudos são ainda lembrados. afirma Garrett (214) proferir em acção de damno a pequenina sentença, que passo a transcrever :

« Vistos estes autos etc. O auctor Manuel Ventura da Cruz pede que o reu seja condemnado a pagar-lhe 7\$200 « réis pelo damno que lhe fizera um cão do mesmo reu passando pelo telhado da sua casa. O reu defende se com o

(212) «Varões illustres das tres epochas constitucionaes» pag. 152.

(213) Memoria citada pag. 350 (edição de 1871) pag. 367.

(214) Oliveira Martins no seu *Portugal Contemporaneo* esqueceu-se de dizer que Mousinho esteve em Setubal,

« poderoso fundamento de ter o auctor uma cadella alluá-
 « da. Na brincadeira a que deviam proceder os dois ari-
 « maes, que não são sujeitos ás leis da decencia nem da
 « castidade, é difficultoso saber qual d'elles teve a culpa da
 « desordem das telhas, e muito para notar que o auctor.
 « sendo rico, venha inquietar o juizo com demanda tão
 « frívola, quando tem cães, os quaes tambem tem pés e an-
 « dam, e tambem vão onde sentirem geito de gosar. Se é
 « crime ter cão, tambem é crime ter cadella, e como em
 « equal caso o reu tem melhor condição que o auctor, ab-
 « solvo aquelle e condemno este nas custas.»

Oppostos embargos a esta sentença foram regeitados d'este modo :

« Como se não articula nos embargos nem a honesti-
 « dade da cadella nem a sua quietação na occasião da visi-
 « ta do cão, sem embargo dos embargos, cumpra-se a mi-
 « nha sentença.» (215)

O testamento do grande estadista foi registado na administração do bairro alto da capital e n'elle ha paragra-
 phos d'algum humorismo — por exemplo, quando recommen-
 da que o sepultem no cemiterio da ilha do Córvo ou no da freguezia da Margem, concelho de Gavião.

« São gentes agradecidas e boas e gosto agora da ideia de estar cercado, quando morto, de gente que na minha vida se atreveu a ser agradecida.»

Quiz que o seu caixão fosse seguro com pregaria gros-
 sa para supportar a viagem ou jornada «sem incomodar
 « os vivos, e o conductor o levará como se levam os caixões
 « de mercadorias e pelo preço ordinario de fardos de volu-
 « me equal.»

(215) A nota final ás poesias eroticas de Boeage prova os ademanes irreverentes dos cães.

São uns malcreados !

Desejou que o filho no caso de vir a cazar «o não faça com mulher feia e nojenta».

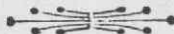
Consignou a necessidade de dar melhor educação ás mulheres, porque a sua importancia é muito maior do que a que lhes tem dado, «e antes dos filhos serem apreciados ou instruídos estão já por ellas perdidos ou ganhos.»

Declarou-se convencido de que o liberalismo é bom mas «não póde estar ao serviço de alguma facção e porisso ou estas o acabarão ou elle as acabará; e Deus queira que seja isto e não aquillo.»

Os serviços de Mousinho ao paiz e á revolução foram assignalados. Citemos apenas um como amostra: a *reforma judicial*.

«Portugal era um povo de juizes, jurisdicções e alçadas; e a relação do Porto chegou a contar 300 desembargadores.» (216)

Trezentos?! uma praga.



Dois brasileiros; um titular de fresca data. Nem mais nem menos que Barão do Divino Espirito Sauto.

— Parabens!

— De quê?

— O governo fez-te justiça. Vi o *Diario do Governo*. D'esse modo ficas tu barão.

O outro escamado e fremente:

— Tubarão será elle, seu jucaréj!



(216) Relatório de Mousinho aos Decretos n.^{os} 22, 23 e 24 de 16 de maio de 1832.

Um hespanhol :

— Se fosse preciso, a Hespanha inundava Portugal com soldados.

Um portuguez desviando a estucada, e ripostando logo:

— Para destruir essa numerosa e esqualida caterva bastavam os *pós insectisidas*.



Deante d'um juiz honesto e conspicio, thesouro preclaro de sabedoria. Um dos demandistas para o outro :

— Ou você é tolo, ou eu estou idiota.

— Eu lhes digo (accentuou o juiz com uma bonhomia adoravel) tudo se pôde conciliar.



RABUGEM — rodagem suplementar que a natureza inventou a fim de que a velhice alardeasse, em despedida, vigor que já não possui.

§ unico.—O amor, quando a velhice ateima, impõe-lhe uma abdicção vergonhosa.



Um advogado rábula, com uns queixos á Voltaire, e um risinho escarnicador e sublinhado :

— Sr. juiz! do alto d'essa cadeira devassa

O magistrado fulo :

— Calle-se ou suspendo-o.

O advogado abrindo em leque um sorriso, cada vez mais bonançoso.

— ... do alto d'essa cadeira devassa o ventre dos autos.



Conversa cortada:

— Um dos governadores civis transactos d'este districto tinha dois assumptos favoritos: primeiro a *barra* e depois *ria* d'Aveiro.

— Tenha lá mão! (disse um aveirense formalizado) eu não consinto que ninguem se ria da minha terra.



— Que emprego pretêdes agora?

— Porisso que estou *surdão*, peço um logar de *ouvidor*.



D. Luiz de Portugal, neto de D. Antonio, Prior do Crato, possuia feições mulheris tão delicadas que se dizia ter sido varão por lapso da natureza, escreveu Mad. de Saint' Onge, e n'uma carta authentica d'aquelle gentil homem (217) encontro este periodo de cabeçalho:

(217) Vide *D. Luiz de Portugal* por Camillo Castello Branco pag. 92.

« Tenha Vossa Ex.^a (Marquez de Niza) muy boas entradas d'annos, com as prosperidades, etc. »

E' caso para excavações historicas, se não houve equivoco de linguagem.

Talvez fosse locução e costumeira d'aquelles tempos.

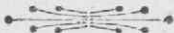
Com o zelo d'um samblador entálho aqui uns laivos anedoticos.

O pae do grande Condé tinha um *vicio vergonhoso*, a ponto de n'uma copla coeva mandarem ao encontro d'aquelle personagem todos os bonitos mancebos da corte. (218)



Um periodico radical azorragando com solicitude uma batega de venéras :

— Depois o que significa um *habito de Christo*? se não é uma toalha, é uma tanga.

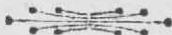


Um alferes perde-se n'uma noite escura, com a força do seu commando, logo ao sahir do quartel, o que transtornou completamente o itinerario.

Reprehendido pelo coronel, disse com sobrados motivos de escusa:

(218) *Histoire anedotique de la Fronde* por Augustin Challamel, pag. 39.

— Se Pedro Alvares Cabral se não tivesse perdido, não teria descoberto o Brazil.



Um commendador hirsuto, e grosso como um hippopotamo, tira n'uma quadilha para seu par uma senhora formosissima.

Nos primeiros lances da quadilha diz o 1.º para a 2.ª com grandes ares de fineza:

— Creio que V. Ex.ª me deixa *assar*.

A dama aproveitando o episodio alija o importuno.

— Pois se está *a suar*, é melhor sentarmo-nos.



O ultimo perdão d'acto foi em 1852, quando D. Maria II andou pelas provincias em viagem, sendo presidente do conselho de ministros o marechal Saldanha.

Desde 1852 a academia de Coimbra pediu ainda, mas debalde, dois perdões d'acto, um no tempo de D. Pedro V e o outro quando nasceu o principe D. Carlos.

De tudo isto póde engenhar-se o seguinte entrefilete muitissimo sério!

O confessor — Diga o acto da contricção.

O penitente — Peço perdão d'acto.



A uma senhora que invejava a vida dos artistas lyricos dei a seguinte receita :

— E' facil. Basta que V. Ex.^a se dirija a Madrid, Sevilha, Barcelona e talvez *ali cante* (Alicante).



Em 1492 Rodrigo Borgia, pae d'uma bastarda perversa e sanguinaria, Luciecia Borgia, cinge a tiara pela influencia decisiva do nosso cardeal d'Alpedrinha e, como serpe que muda de pelle, assim se transforma em Alexandre VI, desde que occupa a cathedra pontificia.

Parece que vou fazer um dithyrambo, mas não ha tal.

Os leitores escusam de metterem em aspera tensao os musculos do riso, se lhes appetecer suspendam o rictus de spasmó, e não pela prosa buça d'estas linhas, mas pelo fundo d'este assumpto notavel coroem o trecho com uma salva de gargalhadas estridentes.

Papa Eugenio IV dera, por bulla, a El-Rey D. Duarte as terras que descobrissemos. N'isto Christovão Colombo depara com a Hispaniola (*O Huiti*) (219) e os nossos pilotos-guerreiros comecam a salpicar os mares para a direita e para a esquerda com regiões ignoradas. Castella e Portugal bradam ao papa, que se corresponde com o ceu, que os elucide e lhes detenha os animos bizarros, quasi a incresparem conflicto.

Alexandre VI dispara então, a 4 de maio de 1493, duas bullas, concedendo n'uma aos Reis de Hespanha (Fernando e Izabel) as terras descobertas e a descobrir para o lado poente do Oceano, e n'outra, com a *solemnidade de quem parte*

(219) Primeiro e-barron com uma das Lucayas ou Bahama a que pôz o nome de S. Salvador.

uma melancia traça uma linha divisoria do polo arctico no antartico, com leguas ao occidente e sul das ilhas de Cabo Verde e Açores.

Até ali nós, depois d'ali Hespanha.

O tractado de Tordesillas, a 7 de junho de 1494 ampliou até 370 leguas a oeste de Cabo Verde essa linha de demarcação incerta, debil e phantastica. (220)

A resposta á intervenção infallivel do papa foi Pedro Alvares Cabral ir ás terras de Santa Cruz (Brasil) em 1500, e Gaspar Corte-Real imitar seu pai João Vaz Corte-Real abordando a America do Norte (Labrador, e Canadá) no mesmo anno.

Fernando de Magalhães e Sebastião del Cano provaram ao summo pontifice, pela circumnavegação da terra, que esta era redonda.

Fechemos a cancella para que a asneira papal não consiga fugir.



AVAREZA — é a encadernação d'um dos muitos volumes do *Egoismo*.



Na gazeta

Discute-se com acrimonia na imprensa ingleza, franceza e belga as vantagens d'um tunnel entre a Grã-Bretanha e a França.

(220) Pinheiro Chagas — Historia de Portugal T. 4 pag. 276 e seguintes allega, estribado em trabalhos de Andrade Cervo, que ainda n'esse tempo se não sabiam medir as longitudes.

Um bebado exclama :

— Um *tunnel* ! Antes fosse um *tonel*.



Pergunta com mais espetos do que um ouriço cacheiro.
Escreveu um dia um tabellião :

« Itaconheço o signal do sr. abbade de Pousafolles, feito
« na minha presença. »

E SERÁ ?



No carnaval

Um pretendente corre apoz o ministro.

A pós ?



Riaz-Pachá, presidente do conselho de ministros no Egipto foi agraciado com a Grã Cruz da Ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, por Decreto de 22 de março de 1889 (Diario n.º 70), e a Fakry Pachá, ministro da justiça do mesmo paiz, foi dada a Grã Cruz da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, por Decreto de 4 de abril do mesmo anno (Diario n.º 79).

Realmente para defender a immaculada Conceição da Maria ninguém mais competente do que um turco, e para

dilatar a santa fé catholica, pugnando pelo bem da egreja como é dos respectivos estatutos (221) os melhores alliados são os infieis, os torpes ismaelitas.

Converter aquelles personagens em verdadeiros *tê'es de turc* foi talvez o empenho de S. Ex.^a o ministro dos negocios estrangeiros, quando os propôz á munificencia regia. O carnavaes salta muitas vezes para fora das suas barreiras. E depois de pasmarmos todos alguns instantes, andemos para deante.



Um janota imbecil conta as suas proezas de *sportsman*
 — Tive um cavallo que era um dragão, não me entendia com elle, mas ao fim d'um mez de picadeiro alcancei que *fraternisus:emos*.



Ha quem desejando estar dois mezes no Bussaco, em Cintra, ou em paragem balnear, por intuito economico, só um mez se conserva em *villegiatura*, escolhendo portanto setembro que d'ordinario é mais animado n'aquelles paraisos.

Resolve-se o problema pelo seguinte modo, que pouho á disposição dos leitores e depende só d'alguma imaginação:

Estando setembro, estejam *a gosto* (agosto).



(221) Diffinições & Estatutos dos Cavalleyros e Freyres da Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo por Fr. Fernando de Moraes, D. Prior Geral, pag. 21.

— As princezas são infelizes porque as casam á força pelas rasões d'estado, com sujeitos que ellas não escolhem. Deviam preferir os jovens que mais amassem.

— *Que mais amassem?* Então era casal-as com padeiros!!



Com a tristeza com que um morcego rumoreja as azas vulteano no crepusculo, fallemos serio das vantagens da orthographia etymologica.

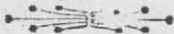
Na abertura d'um testamento na administração comparecem dois unicos parentes d'um millionario.

A folhas tantas, o administrador do concelho, especie de alcaide, lê com voz aflautada um trecho, que principia— Cincoenta contos ficam *occultos* e enterrados no quintal sob um damasqueiro, e duzentos contos, encerrados no meu cofre forte, deixo-os *apparentes*.

Os presumidos herdeiros ineham como a rã da fabula, julgando-se á beira do Pactólo, ou rentes das minas da California.

— *A parentes*, diziam elles, logo pertencia-lhes a pecunia.

O magistrado, pitadeando-se com o meirinho e grave como um eucalypto, houve de cortar-lhes as illusões dando-lhe uma lição de orthographia.



Um pacovio no alto mar, e dentro do paquete *Gironde* que o conduz ás Americas, extasia-se deante de todas aquel-

las maravilhas compendiadas n'um barco a vapor, que só por si é mais comprido do que a aldeia do embevecido lapuz.
Escuta d'entre a algarvia da maruja esta phrase solta do fogueiro:

— O *Gironde* é da força de oito mil cavallos.

O palerma com ar de curiosidade exacerbada:

— Muito gostava de vêr as cavallariças.

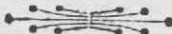


A Hespanha fez a sua reforma orthographica

— Admira que ali a alcançassem quando ainda não vingáram corrigir a prosodia.

— Como assim?

— Porque é a terra classica dos diversos *pronuncia-mentos*.



ADVOGADO DO AUTHOR — N'esta questão descubro muito *póde a justiça* (pó da justiça)

ADVOGADO DO REU — *Sangue di Dio!* Se se levanta o pó da justiça lá se perde o meu cliente no redemoinho.



✓ Calino examinando ao pé dos candalabros a conta do hotel, e esbarrando com o alto da pagina ao virar a nota das despezas.

Transporte..... 9750

— Que dialho de transporte é este, se não tive carretos e andei sempre á puta ?

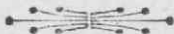


✓ APPLICAÇÃO ESCORREITA D'UM DICTADO.

Uma mebina de dezoito annos casára havia seis mezes com um rapaz de gentil presença e sobremodo varonil.

Uma proeminencia compromettedora denunciava esperanças de proximo herdeiro. Certa amiga d'aquella joven, e proxeneta dos seus antigos amores, interrogou-a a este respeito, e a noiva respondeu com um sorriso gracil, mas prudente como uma sibylla :

— Quem anda á chuva, molha-se.

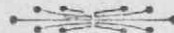


✓ O intelligente da praça, dirigindo-se a um bandarilheiro dá-lhe esta ordem :

— *Cite o boi.*

Um escrivão de direito, de *doubles muscles* como Tartarin de Taraseon, ouvindo a phrase grita em voz estridente, com todas as veras da alma :

Se é preciso *cital-o*, estou eu aqui.



A coherencia é uma virtude difficulosissima de encontrar á flôr da terra.

Castilho, notou Anthero do Quental, em 1816 foi elmanista; em 1818 poeta-monarchico; em 1825 pastoril; depois de 25 socialista; em 1826 e 1836 ultra-romantico e shakspeariano.

Victor Hugo filho de Sigiberto Hugo, general de Napoleão I, e de Sophia Trebuchet, de predilecções legitimistas, não primou de firmeza quanto a ideias politicas.

Foi legitimista com Luiz XVIII recebendo a pensão de 1500 francos e depois a de 3000-

O seu enthusiasmo pelos Bourbons vê-se d'algumas poesias como a que fez *Ao nascimento do Conde de Chambord*, e prova-se pelas odes *A' estatua de Henrique IV*, *As jovens de Verdun* e *a Luiz XVIII*.

No reinado de Luiz Philippe mudou de rumo inclinándose ao liberalismo, e cantou com emphase a gloria de Bonaparte, como por amostra nas odes *A' columna*, e *Napoleão II*.

A Luiz Philippe deveo o ser feito par de França em 1845.

Na assembleia nacional em 1848 pertenceu á direita, mas pela insurreição de junho fundou o *Evenement*, e consentiu que os seus amigos o propuzessem para Presidente da Republica, alcançando poucos suffragios,

Nos parlamentos que se succederam foi leader da esquerda, accentuando-se como democrata e socialista.

Datam d'então as suas formidaveis tareias em Luiz Napoleão, que denominou o *Pequeno*, e *Augustulo*.

Depois do golpe d'estado de 2 de Dezembro de 1851 sahio de França para a ilha de Jersey, e ahi, no zenith da sua incontestada gloria, fez se radical.

Cabindo o segundo imperio foi a Bordeus, passou a Bruxellas e entrou em Paris.

N'um palacete da avenida Eylau estabeleceu a sua côrte de sabios e litteratos. O mundo inteiro acclamou-o como a mais alta magestade do espirito humano, e como a personificação mais extraordinaria da poesia n'este seculo.

E' por tudo isto que Alexandre Dumas, filho, no seu memoravel discurso de 31 de março de 1887 fazendo a recepção de Leconte de Lisle, na Academia Franceza, disse do orgulho e contradicções do insigne poeta :

«Teria accettato a monarchia se podesse ser rei, teria «perseverado no catholicismo se podesse ser papa, e reunir «em si estas duas metades de Deus—o Papa e o Imperador «—como elle mesmo o declarou pela bocca d'Hernani.»

De Castellar disse Martos um dia, creio que em conversa :—«gostas tanto de te pôr em evidencia que n'um noivado quererias sempre ser o noivo, e n'um enterro... o defuncto.»

A proposito da *ode sobre a sagração* conta-se que Chateaubriand dissera a Carlos X fallando de Victor Hugo :—Sire, é uma *creança sublime*.

Entretanto o poeta, contando apenas quinze annos escrevera n'um livro d'aula :—«Je serai Chateaubriand, ou rien».

Accitou sem discurrir no começo de carreira brillantissima o catholicismo com as suas pompas e os seus erros; terminou fazendo esta clausula testamentaria :

«Recuso as orações de todas as egrejas; solicito uma prece de todas as almas.

«Creio em Deus».

Deixemos este espelho para que n'elle se mirem, vaidosos, os inconsequentes.



Estilhaços d'um necrologio publicado na secção dos communicados, em geral uma secção de tolices, que foram pagas a tanto por linha.

« Pobre menina ! foi-se !
 « Terrível *foice* (foi-se) que recorda a da parca. »



N'uma loja de modas, um sугeito aperaltado pergunta, com vivo interesse e com geitos de apaixonado.

— Tem regalos para damas ?

Resposta que lhe zunio aos ouvidos atirada de dentro do balcão

— E' conforme.



Tribulações d'un senhorio acostumado a ser arrelhiador. Trazia a cara inchada com nevalgias furiosas e perguntando-lhe alguém se tinha dores de cabeça, respondeu com ar constricto, como a quem algum remorso de consciencia vai roendo em silencio :

— Ai de mim ! tenho-as por *inquilinas*.



Isabel de Castella, irmã de Henrique IV (o pai duvidoso de Joanna a *beltraneja*) casando com Fernando de Aragão unificou a Hespauha, repelliendo de Granada os restos do Islan, e era tão azada aos trabalhos do sexo forte que foi victima d'uma ulcera resultante do excesso de montar a cavallo.

Conclusão :

— E' sempre bom não inverter os papeis.



Em Lisboa

Phrase rigorosamente tauromachica :

Um typo cuja mulher descarillou do trilho-ferreo da virtude conjugal costumava dizer com frequencia :

— Pégo em mim e faço isto, pégo em mim e faço aquillo.

Um estroina ao ouvir-lhe um dia a phrase comprometedora atalhou de chófre, como se o mordesse a tarantula:

— Olá meu amigo, estão prohibidas as pégas.



Na cathedral celebra-se o hymeneu com muitos lustres e pompa.

A noiva, *D. Bertha de tal* e o noivo, o gentilissimo Edmundo Saudorf.

Entre os convidados murmuram-se as obscenidades veladas e cortezãs do estylo. Foi então que ouvi d'arripio o seguinte retalho :

— Gostava de ser o noivo, inda que a noiva fosse a *Bertha*.



— O mundo social é uma almondega de contradicções, dizia um cavaqueador.

Vieira de Castro porque mata a mulher é um assassino condemnado, os outros que não matam as esposas fementidas vivem escarnecidos.

D. João II que vibra uma punhalada homicida no pri-

mo duque de Vizeu é na historia o PRINCIPE PERFEITO, e as capellas *incompletas* da Batalha, maravilha de concepção e desenho, são chamadas as capellas IMPERFEITAS.

O mundo tem tanto de tolo como de ingrato!



N'este inventario de pensamentos, n'este monumento graphico erguido á liberdade da ideia, alguma cousa mais explicito do que um dogma, e mais leviano do que as *bayaderas* da India, n'esta antologia d'exorcismos contra asneiras e preconceitos, essas flôres ephemerass á superficie da terra, assenta bem concluir desencantando das luras de papeis volantes e perdidos o projecticulo da celebre constituição anarchica do grande polemista francez, Henri Rochefort:

ARTIGO 1.º

NÃO HA MAIS NADA.

EPILOGO



JOAQUIM DE MELLO FREITAS

O mundo não se olha tão sómente pelo prisma da seriedade pesada, pois que elle é formado de contrastes, que provocam por egual a indignação e a gargalhada.

Em tudo se quer riso e bom ar, porque o riso é o supremo idéal da formosura, assim como o ar é a suprema hygiene da vida.

A revolução, que deu em terra com a evolução theologica, parallela do mundo classico, foi a mesma que, determinando-se pelo mundo, iniciou o periodo moderno e positivo do viver sadio, tanto para o passado do corpo, pela escolha dos alimentos, como para a educação da intelligencia, por uma analyse rigorosa e sã.

Os progressos dos povos correm sempre parallelos, mais ou menos, uns aos outros, áparte as influencias de muitas condições apreciadas pela critica moderna, principalmente a partir de Montesquieu e Herder.

Nos factos da existencia nota-se a mesma lei, deduzida de milhares de circumstancias todas ellas apreciaveis. Assim, á opera comica do theatro—quadro dissolvente á força de vivo—corresponde no desenho a caricatura—photographia que dá ao mesmo tempo o retrato do individuo e os seus usos e costumes—e nas letras a ironia.

A satyra assignala-se nas nações decadentes, porque tambem a therapeutica applica o caustico nas ultimas extremidades, e isto porque a satyra, acima de tudo, exprime o verbo da indignação. Um verso de Juvenal, na ultima hora da agonia de Roma, vale mais do que um discurso pautado de Cicero no tempo florescente do grande povo.

O mesmo de Rabelais e Alphonse Karr, embora por uma interpretação diversa.

O ter espirito é difficil, porque o proposito em o fazer pôde dar-nos um Othelo a representar de Sganarello. Do limite da seriedade pôde ir-se á chalaça subuja, e ahi o dizer equivooco de um *clown* pôde fazer rir, mas só o homem de espirito pôde obrigar a pensar. E assim, é bem differente da risota e da chalaça ignorante, o bom dito, profundo, ironico e verdadeiro.

Dizem que entre o riso e a franqueza existe uma certa analogia. Mas não é tanto assim: a elegancia prefere um botão, calice que ainda envolve todos os perfumes, a uma rosa aberta, urna que ja deixou fugir todas as essencias; e como a elegancia, assim é a arte—eterno sorriso dos predestinados.

Ora, com essa grande arma da ironia ganham-se imperios, e até se conquistam amores. N'esta variedade de poderes se demonstra a sua valia e importancia.

A França deve tudo o que é ao seu espirito, aos seus sorrisos e á sua lingua, porque da lingua de cada povo depende tambem o seu progresso e a sua civilisação.

Vêde esta lei na philosophia positiva de Littré, quando se refere á influencia germana no francez, no italiano e no hespanhol, no periodo da idade media.

A Hespanna, no seu genio bandoleiro, tem o retrato da sua lingua, que é para todos os enthusiasmos de momento e

para as allucinações de cada instante a arma de grandeza ou de destruição.

Pelo idioma e pela doçura da sua linguagem se elevou a Italia para a vida da musica original e para todos os campos das bellas artes. A Allemanha tem a philosophia, tanto no romance, como na lingua, como na abstracção.

O nosso indifferentismo e a nossa frouxidão na arte, na politica e na litteratura derivam em parte da nossa lingua, a qual, na sua degeneração, produziu o egoismo nacional.

«Ironia! verdadeira liberdade! És tu que me tiras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração das rotinas, do pedantismo das sciencias, da admiração dos grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo e da admiração de mim mesmo.»

N'estas palavras de Proudhon está syntetizada a missão da critica moderna. Difficil, porém, foi a execução entre nós de tão alto encargo. Os srs. Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, dois talentos privilegiados e caracteres nobilissimos, que se serviram d'aquellas palavras do grande homem como norma dos seus escriptos de observação, arrostaram, a principio, com pequeninos odios para levar a bom termo o nobre intento de acordar a nossa nacionalidade para uma nova vida e uma nova civilisação. E tanto mais difficil foi esta missão quanto é certo que o nosso paiz se encontrava, por essa época, no periodo sentimental das velhas nações amortecidas.

Aproveitar esse comico. satyrisal-o, põ-lo em scena, mostral-o no seu meio, na sua pequenice, é missão litteraria.

E' o protesto da ironia de um observador, que apanha as feições burlescas dos muitos ridiculos que vão passando.

E é justamente esta a feição peculiar de Joaquim de Mello Freitas, um aveirense, por muitos titulos illustre, escriptor do mais fino quilate, espirito alegre, vivo, despreoccupado, alma temperada em aço, coração aberto a todos

os sentimentos generosos e a todos os grandes principios da vida moderna—toda de combate e de resistencias.

Conheci-o em Coimbra. Era então como é hoje esse rapaz folgazão, valente, estudioso, amigo dos livros e das emprezas arriscadas, dedicando ás sciencias e ás letras o mesmo amor que dedica ao seu paiz, e aos progressos da humanidade.

É um homem isolado, mas que vê tudo, descreve-o os homens e as cousas com a naturalidade de quem os conhece de perto.

Tem lá um systema de vida todo seu, como o seu estylo e a sua graça, que é sempre original, viva e delicada.

Estas organizações são especiaes, e a sua prosa participa do seu organismo.

Escreve como falla, singelamente, correntemente. E, no meio de tudo, uma ironia, um parenthesis, uma anedocta, que elle applica ao caso, como qualquer aprendiz de latim applica uma regra na analyse miuda de um periodo de Cicero. É fértil e abundante.

Os espiritos preoccupados e sombrios são quasi sempre atreitos a molestias perigosas. Os homens, despreoccupados não só vivem mais, como succede em França, onde os litteratos morrem velhos, mas até estão menos sujeitos ás dete- terias influencias phisicas.

Mello Freitas pertence a este numero. Encara a vida pelo lado dos que sabem luctar, rindo. Não sei porquê, quando leio os seus livros, recordo-me, naturalmente, do meu mallogrado amigo Julio Cesar Machado. Ha pontos de contacto entre os dois escriptores, e de tal modo que, tendo eu um dia esboçado o perfil do brilhante folhetinista portuguez, reconheço agora com surpresa, que o juizo que d'elle formulei, cabe, em parte, sem exagêro, a Mello Freitas.

Havia, porém, uma differença entre os dois: o meio em que desenvolveram a sua actividade litteraria. Julio Machado viveu em Lisboa; Mello Freitas vive em Aveiro. Para os que mourejam d'esta improba faina das letras, este facto não pôde passar desapercibido e deixar de ser devi-

De seu patriotismo
e talentos am:

Ant.º Emilio d' Almeida
Azevedo
office

A GRANDEZ
D'AVISTA

269.0-84
FR 71



BIBLIOTECA
municipal de aveiro

FUNDO
LOCAL

19049



A GRANEL

DIABRURAS, BAGATELAS, PROVINCIANISMOS
E CHINEZERIAS

per

Mello Freitas

Simples mortal



«Vossês estão mortos por saberem quem eu sou.
«Aqui em segredo ao ouvido... Sou eu.

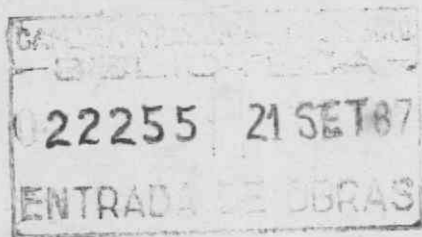
Miscellaneas pag. 51 — Fr. João de S. Joseph,
Bispo do Crão-Pará,

«Sou como toda a gente um bacharel formado.»

Musa em ferias pag. 224—Guerra Junqueiro.

De que são feitos os mais bellos dias?
De combates, de queixas, de terrores!
De que são feitos? de illusões de dôres,
De miserias, de maguas, de agonias.

Anthero de Quental — *Hymno da manhã.*





AOS TRISTES

Off.^{co}

ESTE COMPENDIO ORIGINAL DE FACECIAS

Cauctor

NAS PORTADAS DO VESTIBULO

Brinde aos leitores d'esta obra exotica

TRES CONTOS DE RÉIS

1.º

Certo monarcha de noite,
Enganou-se indo p'r'ó quarto,
E por causa d'este engano
'Steve uma dama de parto.

2.º

Ouvi dizer que um rei d'Azia
Tinha uma *bonita* amazia
— *Moralidade do canto*: —
E' que El-Rei não era tônto.

3.º

Uma rainha e um rei
(Este caso vem de Dresde)
Não tinham filhos nenhuns
— *Errare humanum est!* —

PREAMBULO



MEUS SENHORES

E

SENHORAS QUE NÃO SÃO MINHAS

Dou a todos a minha palavra d'honra que se não tenho algum talento a culpa não a tenho eu.

Vim a este mundo, como em geral cá apparecemos, por ordem expressa da natureza.

Mandaram-me que visse a luz, e effectivamente assim succedeu.

Encontrei o globo na altura em que já ia, solicitado por forças que o movem, e que contra minha vontade me arrastam.

Juro, sem rancor de especie alguma, que não fui eu que inventei a miseria, e sobretudo, para não carregar com responsabilidades alheias, preciso afirmar solemnemente que não fui eu tambem que criei nem as dores, nem as guerras, nem o dinheiro.

Donde resulta em corollarios evidentes :

Que os roubos, as espoliações, as punhaladas, os gritos d'angustia, a fome que torna tanto rosto macilento e patibular, os cancro, as pustulas, as feridas que tornam tanta

gente antipathica e esqualida são abominadas pelo auctor, innocente guarda-fiscal das calamidades, que nos circundam e entenebrece a alma, com os crepes da duvida, da desconsolação e do exaspero.

Como navio, que, perdendo ancora, garra no fragor da procella cahindo sobre os obstaculos que depara, assim o meu espirito, soprado do vendaval das gargalhadas desce nos borbulhões da torrente caudalosa, suspenso de irreflexão e panico, a caminho d'um desastre inevitavel:—*a morte.*

Todos nós que travámos conhecimento á superficie d'esta casca da terra de algumas leguas d'altura (1) com recheio de fogo, estamos condemnados a desaparecer, do mesmo modo porque cá viemos.

Baixa uma ordem, subtil qual fluido, terminante qual extelo, abre-se-nos o chão aos pés, e o abysmo escancarando as fauces engole-nos de choíre, como fez a Marco Curtio, que se arrojou como patriota e a Plinio que se desequilibrou como curioso.

O soffrimento a cada lance nos compunge até ás lagrimas e as que se tem chorado no mundo já deviam ter apagado as fogueiras do inferno.

Estamos todos convencidos d'uma immensa desgraça, marcados com o ferrete indelevel da nossa insignificancia.

A vida tem de ser irremediavelmente exgotada como theriaga.

Ouve-se no rumor dos cannaviaes, no abalo das florestas e no fremito das multidões um côro aziago que tem vislumbres de atoarda de bandidos.

Os queixumes do mar servem de resposta ás imprecações que se evolvem da terra.

Ao arrepio das tragedias que, minuto a minuto, se desenrolam na scena incommensuravel do universo, a minha penna tem-se acostumado a sorrir por desdem e piedade.

Encarando a morte e as lagrimas com a resignação de um fakir, agitando como soalhas os elos da grillheta, que nos entorpece, caminho para o término fatal com uma cantiga

(1) Leon Brothier—Histoire de la terre pag. 59 da-lhe 30 kilometros.

nos lábios, e o coração sem odio, e reajo pelo mau humor, temperado de satyra, contra a tristeza da nossa condição mesquinha, atirando ás feras, como estilhaços de carne fresca, algumas ideias e pensamentos, gerados nas trevas do escarneo.

Os poetas erguem um hymno de amor, eu defendo-me n'uma palissada de gracejos.

Que todas as prosperidades chovam na terra sobre os leitores d'esta obra extravagante, porque se tiverem a coragem de ler estas paginas intonsas, garanto-lhes que o céu lhes pertence, por conquista, depois de tamanho sacrificio.

Aveiro, 5 de Julho de 1888.

MELLO FREITAS.